

APONTAMENTOS PARA A LITERATURA DE SÃO BENTO

Para uso nas escolas de segundo grau.

DEDICATÓRIA. Com honrosa satisfação dedico este livro a minha querida irmã Conceição de Maria Ribeiro Melo, pelo mérito de ela haver conquistado sempre as melhores notas em toda sua vida estudantil, e, por tornar-se a primeira professora de Literatura da Escola Pedagógica Felipe Conduru, a pioneira do município.

Publicação:

AUTOR.

ÁLVARO URUBATAN MELO.

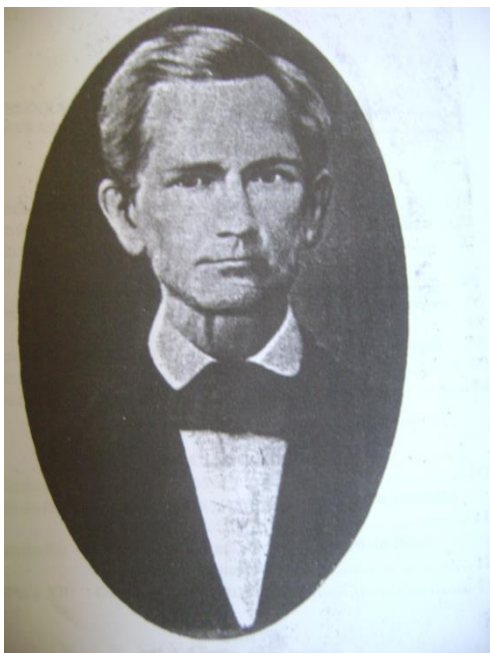
Lançamento – Academia Sambentuense.

CAPÍTULO 1

Vital Raimundo da Costa Pinheiro nasceu em junho de 1796, em terras da freguesia do Apóstolo São Matias da vila de Alcântara, localidade que passou a integrar a de São Bento, portanto, constando como são-bentuense citado em o Jornal Imparcial de São Bento, nº 1, de 18.12.1921, coleção de Raimundo Nonato Padilha (Buíta). Juntamente com o irmão Antônio Marcelino Costa Pinheiro, bacharel em Cânones, iniciou seus estudos no Seminário de Belém (PA). Bacharel em Direito, pela Universidade de Coimbra em 1822. Deputado-geral e provincial, magistrado em Granja e Vila Viçosa, comarca de Sobral (CE) e juiz de Direito da Comarca de São Luís (MA), Deixou obras escritas sobre Direito. Vide: Coutinho, Milson. Memória da Advocacia no Maranhão, páginas 200 a 202; Melo, Álvaro Melo. São Bento dos Peris: água e vida, 2º volume, páginas 267/268.

Raimundo Felipe Lobato nasceu no ano de 1798, na Fazenda Mato Grosso, então Alcântara, depois São Bento, hoje Palmeirândia. Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, ano 1823.¹ Advogado, desembargador, conselheiro e governador do Estado do Maranhão, ouvidor na Província da Paraíba. Faleceu em São Luís, em maio de 1851. Escreveu Princípios ou Primeiras Noções de Direito Positivo. O primeiro maranhense a publicar um compêndio de Direito Civil, Pernambuco, 1830, com 308 páginas. Vide biografia em São Bento dos Peris: água e vida, 2º volume, páginas 304 a 308, autoria Álvaro Melo. Vide: Memória da Advocacia no Maranhão, de Milson Coutinho, páginas 177 a 181.

¹Outras informações: Bacharel em Leis 22.06.1822 e em Cânones 26.07.1822.



FELIPE BENÍCIO DE OLIVEIRA CONDURU nasceu em São Bento, aos 23 dias de agosto de 1818, e faleceu nessa cidade aos 12 dias de novembro de 1878. Pedagogo, educador, inspetor escolar e conselheiro da instrução pública do Maranhão. É autor da Gramática Elementar da Língua Portuguesa, livro publicado em dezesseis edições consecutivas. Escreveu e publicou também um pequeno compêndio de Geografia, para uso escolar. Depois de estudos pedagógicos no exterior, na condição de bolsista do Governo do Maranhão, implantou aqui o novo Método Lencastre de ensino. Por suas reconhecidas qualidades de educador, foi distinguido pelo Governo com a sua nomeação para primeiro diretor da recém-criada Escola Normal do Maranhão **Patrono da Cadeira 17, da Academia Sambentuense, fundada pelo advogado Cipriano da Paz Pires.**

SEM TÍTULO:

Como o cândido lírio entre os espinhos
Exposto ao vendaval
Foi-lhe a vida martírio prolongado,
Um penar sem igual!
Em vez de doce orvalho, desparzido
Pela aurora ao nascer,
Só foi regado pelo pranto amargo
Do perene sofrer!

Nenhuma esp'rança em flor desabrochou-se
Em todo o seu viver;
Do berço à campa só lhe coube em sorte
Dolorido gemer!
Contudo, este queixume só lhe ouviram
No extremo agonizar;
Por piedade, meu Deus! ...Senhor, já chega!
Já chega de penar.

(Provavelmente publicada antes do falecimento da filha Carolina, ocorrida a 14 de junho de 1866.)

MINHA ALMA É TRISTE.

Minha alma é triste como é triste a vaga,
Que se quebra gemendo sobre a areia
Da praia solitária!
Minha alma é triste, como o triste náufrago,
Lançado em erma ilha, a mão no rosto
E a vista sobre o mar!
Minha alma é triste, como é triste a lua,
Em sudário de nuvens alvacentas,
A divagar no espaço!
Minha alma é triste como a voz clamante,
Em negrumes de noite procelosa,
Perdida no deserto!
Minha alma é triste como o som plangente
De brônzeo sino a derramar saudades
Em dobres de finado!
Minha alma é triste como as flores murchas,
Penduradas à cruz mão amiga,
Em campo funerário!

(Composta a 7 de maio de 1873, em São Bento, após o casamento da poetisa Eponina Conduru Serra, sua filha).

Seu neto, o sacerdote Dom Felipe Conduru Pacheco, teceu os seguintes comentários sobre a obra poética do avô:² *Verdadeira poesia. Pensamentos elevados, nobres sentimentos, períodos castiços, cadência perfeita, rimas consoantes nos versos de arte menor, e as toantes nos heróicos. No segundo poema, Minha Alma é Triste, tercetos, usou a métrica de Teófilo Gautier, antes muita usada pelos franceses.*

JOÃO CLÍMACO LOBATO nasceu em São Bento a 6 de agosto de 1829. Advogado, juiz municipal, procurador fiscal do Tesouro, notário, jornalista, professor, promotor público romancista e teatrólogo, foi sócio efetivo do Ateneu Maranhense. Autor dos romances: *O Diabo* (1856), o primeiro publicado em São Luís; *A Cigarra Brasileira* (São Luís -1853); *A Virgem da Tapera*; *O Rancho de pai Tomé*; *O Cego de Pojucã*; *O Belo Sexo do Recife*; *Mistérios da Vila de São Bento* (1862).³ Compôs as seguintes peças para teatro: *Maria*, *A Doida ou a Justiça de Deus*; *A Neta do Pescador*; e *Mãe d' - água*, todas em três atos; *Paranguira* e *Duas Fadas*, estas em dois

² Pai e Mestre – Página, 96 e 97, Ed. Academia Sambentuense, São Luís – Ma - 2004 .

³ Melo, Álvaro Melo. São Bento dos Peris: água e vida, 2º capítulo páginas 117 a 120.

atos. Presume-se que durante suas atividades literárias ele haja cultivado o campo da poesia. O certo é que nos sobra convicção para afirmar ter sido João Clímaco o primeiro grande literato conterrâneo. **Patrono da Cadeira 28, da Academia Sambentuense, fundada pelo historiador Milson Coutinho.**



DOM LUÍS RAIMUNDO DA SILVA BRITO nasceu em São Bento a 24 de agosto de 1840 e faleceu em Olinda (PE), aos 9 de dezembro de 1915, onde foi sepultado na Sé da Catedral da Arquidiocese. Arcebispo, vice-reitor do Colégio Pedro II, confessor da Princesa Imperial Dona Isabel Cristina, professor, jornalista, poeta, polígrafo, tribuno e poliglota. Considerado em seu tempo, o maior orador sacro da América Latina e a Luz do Clero Brasileiro. **Patrono da Cadeira 8, da Academia Sambentuense, fundada pelo maestro Antônio Francisco Padilha.**

POESIA À MINHA TERRA.⁴

Qual jóia mimosa em virgíneo colo,

⁴ O Antístite D. Luís de Brito, de Álvaro Melo, páginas 23 a 26. Ed. 1994

Assim minha terra em seu virente solo.
Brilhante, esplendente, se encontra engastada,
Na imensa campina que a tem circundada.

A hora em que surge o claro arrebol
Levantam altivos, aos raios do sol,
Farfalhantes palmas coqueiros anosos,
Cingindo-lhe a fronte de ramos virosos.

Deitada em um manto de tons amarelos,
Bafeja-me a brisa em face louçã,
Qual linda donzela de louros cabelos,
Gozando a delícia da fresca manhã.

Soberbos outeiros, que a cercam de longe,
Parecem gigantes que, sem descansar,
Defendem essa filha, formosa inocente,
Nos campos sozinha, constante a reinar.

Lavando-lhe os pés,
Seus campos imensos
Suaves aromas
De si exalando,
Parecem espelhos
Luzido, brilhante,
Que o rosto formoso
Lhe está requestando.

No tempo do inverno
O verde arrozal,
Taboa, folhal,
Também mururu
Lhes formam uma c'oroa
Ornada de flores,
Composta ao demais,
De Capim - Açú,

Debaixo das águas, nos lagos profundos,
á dançam, mil peixes, lá folgam assim.
Parece que vivem contentes saltando,
Saltando nos lagos, volvendo o capim.

O negro cascudo, o luzidio jeju
Das águas na lama seu ninho formado,
Da prole fecunda esses campos enchendo,
Ostentam seu brilho nas águas nadando.

O gordo anojado, o gostoso acará,
Em densos cardumes os campos bordando,
A piaba mimosa, com *curimatá*,

De escamas a prata, alta luz ofuscando.

Traíras ferozes, daninhas, também
Piranhas malvadas, piau saltador,
A gran pirapema, soberba, briososa,
São doces encantos do bom pescador.

De mil avezinhas
O canto constante,
Trinando sonora,
Tocante canção,
Parece uma lira
Instante, vibrando
As mais doces cordas
Do seu coração.

Azul jaçanã,
Cinzento socó
Entoam seu canto
No verde arrozal.
Marreca formosa
O negro carão
Alegram dos campos
O denso juncal.

Os gansos mui nobres,
As garças mimosas
Mil voltas nos ares
Serenas rodando,
Matizam os campos,
Suas asas distendem,
A vista dos homens
AS flores roubando.

Per'longo tristonho,
De corpo sem graça,
Cabeça sem pelo,
Pescando jejú,
De todo alvacentos
E bico de palmo,
Passeia garboso
O bom tetejú.

Esbelto, soberbo,
Sempre a passear,
De peninhas brancas
E pardo mantéu,
Com seu penachinho
Bem negro, bem fino,
Soltando o seu grito

Caminha o tetéu.

Formando colunas,
De destros soldados,
Graúnas mimosas
Nos ares chilrando,
Xexéus, pintassilgos,
Guarás encarnados
Confundem seus cantos
Nos ares pairando.

Piaçoca mimosa,
De cores diversas,
O peito pintando
De negro luzente,
Amarelas asas
E costa vermelha,
Carmesim cabeça
Qual c'roa ora assente,

Na verde campina,
Seus tenros filhinhos,
Contente, guiando
Por esse jardim,
Cuidosa ou esconde
Da vista inimiga
Da forte rapina
No denso capim.

Diversas manadas de gado brincando,
Nas verdes pastagens alegres correndo,
Rinchando o corcel, o forte touro urrando,
A vaca amorosa seu filho lambendo.

O vivo novilho na terra escavando
E o tenro vitelo nos ares saltando,
Confundem seus brincos com as aves e os peixes
Dos campos imensos a vida exaltando.

Mil casas de palha nas margens mimosas
Do campo que encerra riquezas sem par:
Dos f'izes vaqueiros moradas saudosas,
Onde eles só sabem, ditosos amar.

Tal é minha terra – Rainha dos Campos –
Deitada sozinha enlevada a cismar,
A Deus nos parece que, em sua beleza,
Te mesmo o ateu vem adorar.

Quisera, São Bento, em ti só eu viver!

Quisera a ti mesmo minh'alma render!
Quisera que a sorte – inimiga dos homens –
Pra longe de ti me não fosse prender!

Dos campos divertem-se, cantam, passeiam
Ditosas famílias de aves mui diversas,
Qual d'elas mais bela, mais rara, mais nobre,
Folgando nos ares, das águas imersas.

Dom Luís de Brito, ainda seminarista, distante da terra em que nascera, inspirou-se nos habitantes dos campos de sua infância e compôs este poema bucólico, cheio de força telúrica, ora em versos singelos, com rimas mistas, ora fracas ora fortes, redondilhas menores e nos versos maiores, em perfeitos hendecassílabos, em estilo romântico.

A poesia praticada pelos são-bentuenses desponta com real destaque, em meados do século XIX, início do 3º quartel, no auge da Escola Lírica. Segundo o sempre aceito Dom Felipe Conduru, “POESIA Á MINHA TERRA, da lavra de Dom Luís de Brito quando seminarista leva-nos a admitir ser o autor o primeiro poeta de renome a ter uma obra conhecida, haja vista que a do Professor Felipe Benício data de 1866, ano em que Dom Luís se ordenara. Certamente, paralelas aos sermões e aos artigos de cunho eclesiástico e literário, devem existir, inéditas, outras poesias.

ALFREDO AUGUSTO DA COSTA LEITE nasceu no ano de 1840 e faleceu em Óbidos, no Pará, a 8 de fevereiro de 1908. Destacou-se como amanuense, advogado provisionado, político, parlamentar, tribuno, promotor público. Como seminarista solicitou, em setembro de 1855, o habite primeiro de genere, para receber a prima tonsura. Tendo adquirido profundos conhecimentos filosóficos, chegou a escrever uma série de artigos publicados, a pedido, numa revista literária científica para a qual colaboraram diversos intelectuais maranhenses. Autor de o livro *Manual Prático do Código Penal Brasileiro. Patrono da Cadeira 9, da Academia Sambentuense, fundada pelo pesquisador Álvaro Melo.*

VICTOR LOBATO nasceu no ano de 1854 e faleceu em São Luís, a 11 de março de 1893. Funcionário público estadual, ativo político republicano, abraçou a causa abolicionista Colaborou em diversos periódicos maranhenses, inclusive *Diário do Maranhão, Jornal para Todos* (1876), e *A Flexa* (1879). Fundou o jornal *A Pacotilha*, a 9 de abril de 1880. Voltou a São Bento, montou indústria, elegeu-se deputado estadual constituinte de 1892. Em homenagem a esse ilustre são-bentuense, transcrevo trechos do professor Jerônimo Viveiros, livro *Benedito Leite – um verdadeiro republicano*, páginas 60/62. “Mas, quem era Vitor Lobato? Ainda não publicaram a biografia. “Nasceu jornalista: ninguém lhe ensinou a sê-lo. A este destino não pôde fugir. Por isso empregado público classificado na Secretaria do Governo, ele foi elemento de destaque entre os moços que faziam o “Jornal para Todos” e a “Flexa”. Mas esta atividade jornalística não lhe bastava ao espírito. Em 1880, exonerou-se do cargo público e entregou-se de corpo e alma à imprensa, criando a “Pacotilha”.

Por esse tempo, nossa imprensa compunha-se de dois ou três jornais que faziam a opinião pública - jornais muito sérios e muito graves.

.....”Foi contra essa imprensa, que caracterizava todo um mundo de preconceitos, que Vitor Lobato se insurgiu, atirando à rua a “Pacotilha”, que os

moleques apregoavam por todos os cantos da cidade. Era a primeira vez que isso se fazia.

..... Vitor criou a gazeta moderna, barata a 40 réis por exemplar – jornal leve, prazenteiro, a desfechar fortes machadas nos prejuízos e a soltar expansivas gargalhadas à cara dos Rougons. A mudança foi radical. Em torno desse homem franzino estabeleceu-se uma guerra sem trégua, uma campanha de injúrias e de intrigas.

Uns ridicularizam-lhe a pequena estatura:

“ O moço é tão pequerrucho / Quem olhá-lo de repente. / Se não puser uma lente, / Julga ver um cartucho”.

Outros salientavam-lhe o atrevimento da linguagem:

“A esse menino, / Ninguém sobrepuja, / E pena que tenha, / A língua tão suja.

“Em casa da Pacota / Que escritório se chama / Não se escreve com tinta / Lá só se usa a lama”.

“Tudo é silêncio na terra, / Em volta de seu redator, / Só Lobatini é quem berra / Feito mocho berrador”.

OS ANOS ÁUREOS DE SÃO BENTO.

Do nascimento de Victor Lobato, ano de 1854, até o início do último quartel do século XIX, período que consideramos como os ANOS ÁUREOS DE SÃO BENTO, houve um silêncio que estoura com o aparecimento de uma plêiade de vultos notáveis, que se reputam brilhantes também noutras áreas do conhecimento e das artes, cujo valor intelectual ultrapassa as fronteiras maranhenses. A saber:



JOSÉ LUSO TORRES nasceu a 10 de junho de 1879 e faleceu em São Luís a 20 de junho de 1960. General do Exército, político, jornalista, membro do Instituto Histórico

e Geográfico do Maranhão, da Sociedade Maranhense de Intelectuais, de Estudos Maranhenses, do Centro de Estudos Maranhense, da Academia dos Novos e da Maranhense de Letras. Trabalhos publicados: *Corrente Cálamo* (São Luís – 1910); *Dizer e Realizar* – discurso; *O Conde de Luxemburgo* – opereta; *Um Governo desgovernado* – discursos parlamentares – 1917; *Coelho Neto* – biografia - 1935; *O Duque de Caxias no Maranhão* – história-1941, *Mestre do Tempo Antigo* – 1948. *Teixeira Mendes*; *Fran Paxeco*; *Teófilo Braga*. **Patrono da Cadeira 11, da Academia Sambentuense, fundada pelo bacharel Gilberto Satiro Pinheiro.**

De suas poesias:

SANTOS DUMONT (1941)

Quando ouço, dos ares vindo,
De um motor longínquo som,
Sinto minha alma subindo
Para ti, Santos Dumont!

Rotas vem teu gênio abrindo,
Ao que é nobre e belo som!
Que sonho! Que sonho lindo,
Teu sonho, Santos Dumont!

Se no ar a luta é forte,
Se de lá vem dor e morte,
Que te pungem, te consomem,

Descanse teu nobre peito,
Pois o avião voa direito,
E que voa errado é o homem!

Em homenagem a São Bento, publicado em o Jornal de Pinheiro com o pseudônimo de João da Ega, transcrito em o Imparcial de São Bento, em 1923, é de Luso Torres o seguinte poema pleno de nostalgia:

RECORDAÇÃO de MINHA INFÂNCIA.⁵

Recordação de minha infância
O tempo bom, alegre a vida
É tudo pó, visto a distância
Pela minha alma dolorida.

O campo verde, vasto e plano
Durante o inverno, lembra a gente
Adormecido irmão do oceano
Que o vento frisa alegremente

Todo charneca anda alvo e roto

⁵ Republicada em São Bento – um jardim de Academus”, 4º fascículo, páginas 28 e 29, Álvaro Urubatan (Vavá Melo), editado S. Luís, agosto de 1999.

De flores e de colméia...
De que distante mundo ignoto
Vêm as farturas dessa cheia?

Os mururus, tramas ideais
São águas móveis tapetes
E os altos juncos verticais
Recordam pontas de floretes.

As canaranas de alto porte
Tornam várzeas mais louçãs
Cheio do canto, áspero e forte
Das assustadas jaçanãs.

Aqui e ali, no campo esparsas
Almas penadas de palores
Miram-se n'água lindas garças
Em atitudes cismadores.

Pequenos “cascos” vão a fio
Da correnteza que os embala
É o monitor, como um navio
Vem do Itaúna e sobe a Vala.

Homem do mangue que nada teme
Olhando a um e outro lado
Com o rijo pulso pega o leme
O velho mestre Zé Privado.

Carnaubeiras, farfalhantes,
Enchem o campo em colunas
Capitéis verdes descantes
De corruções e de graúnas!

Quando o calor a terra abraça
Foge o viajante à soalheira
E bate a um rancho: Olá de casa!
É logo sua a casa inteira.

Faça o favor de se abancar
Ouve, e se não diz quem é
E mal começa a descansar
Tome logo um golinho de café.

As caboclinhas de Outra - Banda
Tecem as redes a cantar
Vida de pobre anda e desanda
Como lançadeira no tear.

E as avozinhas delicadas

De que o olhar parece extinto
Nos bastidores e almofadas
Fabricam rendas e labirintos.

Berço com que minha alma sonha
Oh! Ponta! Herdade patriarcal,
Velha fazenda, hoje, tristonha,
Que é do belo coqueiral.

Calado vulto, que me encanta
Passa, ama-a qual outrora amei
Cabelos brancos de uma santa
E mãos trementes que beijei.

SERENIDADE (1944).

Nesta rasteira agitação da vida,
Entre lutas estéreis e somenos,
Quero minha alma sobranceira, erguida,
Liberta de contágios e venenos.

Viver dias humildes e serenos,
Eis a felicidade apetecida!
Sendo, embora, pequeno entre os pequenos,
Nada me atrai nessa falaz corrida.

Na multívia planície em que me arrasto,
Dá-me o prazer espiritual e fino
De aconchegar-me no teu seio casto.

Guia meus passos e o meio coração,
Marca os pontos cardeais do meu destino,
Serenidade, mãe da perfeição”.

No ano de 1880 nascem três grandes vultos.

CELINO PORCIÚNCULA DE MORAES nasceu dia 8 de junho de 1880 e faleceu no Rio de Janeiro em data incerta. Dentista, músico, professor, compositor, político, poeta de boa produção extraviada, o Dr. Celino foi também pintor de grande talento. De sua produção artística há telas nos acervos do Palácio dos Leões, do Teatro de Artur Azevedo e na Biblioteca Benedito Leite. ***Patrono da Cadeira 13, da Academia Sambentuense, fundada pelo professor Joel Brito Barros.***

De suas poesias:

ARTE NOVA.

Ronca e estala a fogueira na folhagem,
Há trompas olifantes e clarins.

Vemos tortos monstregos! A paisagem,
Cavalgada de fogo nos confins.
E Gênios, nessa mágica miragem,
Vêm quixotes e seus espadachins,
Lançando as Belas Artes na voragem
Das chamas de fantoches e arlequins.

E Mestres ao passar da cavalgada
- Aonde ides com carga tão canhestra,
Sem beleza, sem, cor, sem proporções?

E quem sois? A “Arte Nova” – Ó patarata!
Já perdeste de toda a Linha Mestra!
Dos Angelos! dos Gomes! Dos Camões!



DOMINGOS QUADROS BARBOSA ÁLVARES nasceu a 28 de novembro de 1880 e faleceu no Rio de Janeiro 26 de dezembro de 1945. Advogado, parlamentar, orador, tribuno, professor, jornalista, poeta, contista membro da Oficina dos Novos, da Universidade Popular, da Sociedade Brasileira de Homens de Letras, fundador da Associação de Imprensa (presidiu) e da Academia Maranhense de Letras.

Bibliografia: *Gonçalves Dias*, 1904; *O Dominó Vermelho* - Contos, em 1907, com 111 páginas; *Mosaicos*, contos, prefaciado por Antônio Lobo, publicado em São Luís, pela Tipografia Teixeira - 1908; *As Cruzadas* - conferências, 1909; *Silhuetas* (muito bem conceituada por Josué Montello), São Luís, 1911; *Contos de Minha Terra* - 1911, com 231 páginas (enaltecidos por José Veríssimo); *O Tocantins* – 1923; *O Ouro Maranhense* – 1904; *A Vida de Aluísio Azevedo* - Jornal do Comércio - Rio de Janeiro - 1937; *Os Irmãos Azevedo “Artur, Alusivo e Américo”*- Conferências - Rio de Janeiro - 1937. INÉDITOS. *Os tipos Eçanianos; Henriques Leal; A esmo; Crônicas; O Lucas Sampaio; Sinhá; e Jardim Zoológico- Fabulário*. Deixou ainda discursos, poesias e relatórios do Governo, quando Secretário Geral. Teatrólogo. Escreveu algumas peças de

teatro, das quais *O Prêmio*, apresentada a 24 de janeiro de 1917, durante o jubileu sacerdotal de Dom Francisco de Paula e Silva. Iniciou sua atividade literária como poeta. Houve momentos na sua vida de vasta produção; um destes foi exatamente em 1898, quando na coluna Literatura, nas páginas do jornal O FEDERALISTA, publicou várias poesias, do gênero *triolet*s, dedicadas a amigos e para a incógnita amada "A"., então a sua grande paixão. Eis algumas: **Patrono da Cadeira 14, da Academia Sambentuense, fundada pelo poeta Wel Matos.**

Borboleta dos amores
Que voas de rosa em rosa,
Pára na dália formosa
Da qual queres hoje o mel.
Vê se ao menos um momento
Borboleta, tu consegues
Da vida errante que segues
Parar o leve batel

Já basta de correr tanto
Borboleta doudejante:
Pára sequer um instante
Perante a flor em botão
Em torno da qual voltitas
E vai nessa flor de neve
N"um gesto rápido e breve,
Depor o teu coração

Vai toca de leve os lábios
N"uma pét"la cetinosa
Da casta flor perfumosa
Que há pouco desabrochou
E em breve as que tu beijaste,
Dirão que a uma vaidosa
Borboleta a mais formosa
Das dalias escravizou

Eu também fui borboleta,
Adejei por entre as rosas,
Entre as boninas formosas,
Que tem do val através;
Percorri prados floridos,
Longos campos vicejantes,
Cujas folhas verdejantes
Fariam inveja aos vergéis

Finalmente, um dia eu vejo,
Cheio de vida e frescura,
Uma flor; era a mais pura
Do que o puro malmequer
E as asas eu fui batendo
Para junto da flor casta,

Que tinha dourada e basta

Cabeleira de mulher.
Mulher?! ... Oh não! era um anjo,
E sem atrever a tocá-la
Fiquei logo a contemplá-la
Do lugar onde inda estou
E as flores que beije tanto
Inda me dizem: a vaidosa
Borboleta, a mais formosa
Das flores escravizou

TRIOLETS – PARA A ...

Casta e meiga sensitiva
Porque tu foges-me em vão?
Eu vejo-te fugitiva,
Casta e meiga sensitiva
Embora fujas, flor viva
Te segue meu coração,
Casta e meiga sensitiva
Porque tu foges-me em vão.

Na tua trança doirada,
Que julgo feita de luz,
Consente, criança amada,
Na tua trança doirada,
Tão perfumosa, anelada
Mergulhe o meu lábio a flux,
Na tua trança doirada,
Que julgo feita de luz!

Si um beijo na trança é nada,
O orvalho da vida à flor;
Assim criança adorada,
Si um beijo na trança é nada,
O pranto da madrugada
A flor dá vida e frescor.
Si um beijo na trança é nada,
O orvalho da vida à flor.

PARA A ...

O branco lírio fenece,
Fenece a rosa do vale,
Um sonho – logo se esquece,
O branco lírio fenece,
Um corpo move e apodrece
Da tumba do lodaçal,
O branco lírio fenece,

Fenece rosa do val

Tudo no mundo termina,
Só não tem fim o amor,
A flor agreste, a bonina,
Tudo no mundo termina,
E seguindo a sua sina,
Tem fim o prazer, a dor,
Tudo no mundo termina,
Só não tem fim o amor.

PARA A ..,

Flor entre as flores nascida,
Rosa purpúrea de amor,
O' dá-me n'um olhar a vida,
Flor entre as flores nascida!
Flor de neve, flor querida,
Dá-me um riso meiga flor,
Flor entre as flores nascida,
Rosa purpúrea de amor!

O MAR

O velho, ó verde mar, como eu te amo quando
Te fito o dorso nu e te vejo bravio
Sem uma asa sequer sobre ti adejando
Sem branquejar em ti uma vela de navio

É que te compreendo o iracundo o sombrio
Desejo de reinar, ânsia régia de mando
Sobre o mundo, e só tu sobre o mundo vazio
A líquida esmeralda emenda espedaçando

E mais te amo ainda; ó mar, quando aplacado
A ira, sobre a praia a espuma rendilhada
Tu deixas, e o sol vem depois para enxugar

Porque essa espuma assim, pelo sol ressequida
Não é talvez, senão a lágrima sentida
Do teu sonho desfeito, ó velho, ó triste mar!

IDADE MÉDIA

(Dedicada ao Dr. Araújo Costa)

Muito pálida, loira e vaporosa
Na janela ogival do seu castelo
Edifício feudal medonho e belo
A castelã sorria descuidosa

Pensava. E a olhar o vale todo em rosa
No rosto seu se lia um doce anelo,
Que a fronte, sob nuvem de cabelo,
Não lograva esconder... Era ditosa!

E pensando, alongava o olhar ainda
E os olhos seus de uma doçura infinda
Brilhavam qual de luz uma cascata

E o olhar brilha ainda mais, pois ouve agora
De seu amante a voz pura e sonora
Garganteando ao longe uma sonata

VENDO A ...

Envolta na brancura do vestido
Mais branco do que a pura neve,
Eu vi-te; o corpo teu grácil e leve
N'uma aureola de luz solto, perdido

No teu olhar, ó flor, vi-me envolvido,
E uma sonata que se não descreve,
A minh' alma entoou cândida e breve
Gritos de um peito que ama dolorido!

Eu vi-te mulher, com os olhos d' alma
Como que solta na mansão da calma
Que tem das brancas nuvens através

E minh' alma voou deste meu peito,
Para ir te render um culto, um preito
De amor – foi se prostrar junto a teus pés

TRANSFORMAÇÃO - para A ...

As minhas ilusões foram-se embora
Uma por uma e foram-se com elas
As minhas utopias puras, belas,
Que enfloravam a minha vida a aurora

Os sonhos se foram quais estrelas
Que caiem do azul que um dia cora,
Outro desmaia. A minha vida agora
Tornou-se em vendavais, lutas, procelas....

Tudo se foi...Do meu sonhar as rosas,
Tornaram-se claras, - nebulosas,
De alegres, - rosas pálidas de dor,

E tu que és mais pura das crianças
Faz voltar os meus sonhos, esperanças,
Me dando uma parcela desse amor

SONHO

Sonhei. A fresca tarde ia-se embora,
Doirando as campinas os verdes
E nós, a lembrar nossos amores
Íamos sós pelos vergéis afora

E tu, desta existência alheia às dores
Bailada inda branda do que aurora
Vibravas. Os teus lábios, onde mora
O nácar, tremulavam como as flores..

Depois, a mais cruel realidade
Mostrou-se-me e envolto na verdade
Eu disse: Adeus, oh! sonho que te vais...

Depois, ainda, eu contemplei, já mudo,
Em vez da tarde, da balada, tudo,
- A minha desventura e ..nada mais.

UM SONHO

Mansamente já ia se escoando
A noite calma. Uma canção dorida
Gemiam vagas. Ilusão querida
Num sonho, o corpo ia me embalando

De branco, como eu vi-te hoje vestida
Nós dois sozinhos íamos trocando
Castos beijos de amor... Assim sonhando
Senti renascer uma outra vida

Acordei. Ao nascente o sol brilhando;
No Prado, os passarinhos gorjeando
Notas sublimes, límpidos arpejos..

Deliciosa sensação! Sonhava
E, no entanto nos lábios encontrava
O aroma casto de tão doces beijos

NOITE .

A lua – branca e pálida donzela
No azul do firmamento vai boiando

E as estrelas de prata vão chispando
E tremendo na lúcida umbela

No mar plácido e calmo, sem procela,
As vagas de vagar se vão beijando
E uma prece de amor vão murmurando,
Da lua a claridade doce e bela

A terra dorme; dormem as mariposas,
As virgens castas, puras, amorosas;
Parece que até dorme a própria flor...

Só meu peito por ti vela cantando
Baixinho e docemente vai vibrando
A melodia esplêndida do amor.

ÊXTASE

Um branco mar de leite calmo e liso
Eu vejo em tua face e mais e vejo,
Um ninho de amoroso e casto beijo,
O lábio teu se desdobrar num riso

E nessa mesma face hoje eu diviso
Rosa constante de constante pejo
De mais viço que rosa do desejo
Mais pura que a flor do Paraíso

E meu olhar extático, abismado,
Se pasma ante o teu busto imaculado,
Talhado numa pétala de flor...

E dentro do meu peito, palpitando,
Meu coração também vai desabrochando,
Numa explosão intérmina de amor

NUVENS

Ornam-te a fronte nuvens roxeadas
Nuvem em flor, ó anjo meu singelo,
Meu doce amor, meu perfumado anelo;
São nuvens que não voam; perfumadas.

São flores todas do país do belo
Não podem ser de leve comparadas
A uma nuvem só das delicadas
Nuvens que enfeitam agora o teu cabelo

Todas as nuvens que no céu flutuam,

Que me dominam, que em mim atuam
Não valem um só da nuvem – flor..

Completemos o quadro dessas nuvens:
Te envolvo agora, criação de Rubens,
Nas nuvens ideais do meu amor.

CONTEMPLAÇÃO

Envolves-me num riso imaculado;
Riso de nácar, perfumes, amores;
Tão puro como o rir puro das flores,
Se é que riem as flores, anjo amado.

Embevecido, extático, abismado,
Vou esquecendo as cruciantes dores,
Para teus olhos – límpidos fulgores,
Fitar num olhar profundo apaixonado,

E todos que me cercam, todos, tudo
E não vejo e nem oiço: cego e mudo
De amor, - só vejo a ti, cândida flor...

É tarde; nos olhamos tanto, tanto
E ainda pergunta, trêmula de espanto,
Se tens afeto, se me tens amor

CANÇÃO DO INVERNO

A terra, toda a terra hoje é vestida
De branco, neve, pura e imaculada,
Os pássaros gorjeiam numa balada
Em voz doce, tristíssima, sentida

A branca flor do prado emurchecida
Tomba da haste, trêmula, mirrada,
O regato gelou-se, e em revoada
A andorinha se vai toda transida

Mas entre o gelo eis que rebenta logo,
Catarata de cinzas e de fogo
Um furioso e intérmino vulcão

Assim fui eu; de gelo todo feito
Senti, ao ver-te, dentro do meu peito;
Pulsar, pulsar de amor meu coração.

A TI

Como um bando de garças dispersadas,
As minhas ilusões partiram ao vento
Do infortúnio, que foi-se lento e lento,
Em tristes, gemedoras revoadas.

As primaveras cândidas, doiradas,
Se foram me deixando o desalento;
As minhas ilusões partiram ao vento
Como um bando de garças dispersadas

Se partiram bem cedo as primaveras,
Dourados sonhos vãos, - loiras quimeras,
Tudo qual vento que se foi, passou

Eu quando do meu peito bem no fundo,
Riqueza sem igual, maior do mundo:
Teu olhar não se foi, teu rir ficou.

REVENDO O PASSADO

A tela do passado eu vejo clara
O meu passado eu vejo todo agora
E destaco também, minha senhora
O sonho vão que tanto me embalara

Eu cria amar, mas é que nunca amara;
Um instante sequer eu tive outrora
De afeto, mas eu sinto n' hora
Amor – um bem que é mal e eu não gozara

Um passado sem luz, senhora eu tive,
Pois eu passei não rindo e não chorando,
E quem não chora, quem não ri, não vive.

E exclamo o meu passado lembrando,
Como quem sonho que se foi, revive:
Eu penso, eu vivo – eu vos estou amando.

NOITE

É meia noite, estrelas prateadas,
Já tremeluzem no azulado espaço;
A lua, com seu brilho branco, baço
Clareia as ondas mansas, peroladas

O cálix das flores rorejadas
Já distila perfumes. Brilho d' aço
Ilumina o filete branco, escasso
Que serpeia nas relvas verdeadas.

Tudo silêncio. Só virgem loira,
Nos céus, num beijo eterno a terra doira,
Placidamente, devagar, boiando

Minh'alma, bracejando no infinito,
Vi procurar o teu olhar bendito,
Louca de amor, a te buscar cantando.

HESITAÇÃO

Cruel hesitação em mim se agita
Não sei se meu amor vai realçando
No recôndito d' alma, ou se contando
Vê o mistério que meu peito habita

Fala! – uma voz dentro em minh'alma grita.
Silêncio! Uma outra voz vai murmurando
E nessa luta intérmina, chorando
Mais apressado o coração palpita

Falar! Calar! Oh! Que medonha calma
Suced-me a borrasca dentro d' alma,
E a calma a suceder vem outra dor!

Cruel hesitação! Não sei se deva
Guardar esse mistério ou se me atreva
Confessar-vos, senhora, o meu amor.

Dr. Domingos Quadros Barbosa Álvares é também o autor do primeiro hino municipal de Pedreiras - Ma. Texto castiço e límpido, é dele esta descrição de aspectos da Baixada Maranhense em palestra no Colégio Santa Cecília, Rio de Janeiro, no mês de setembro de 1936, por ocasião da entronização do retrato Dom Luís de Brito:

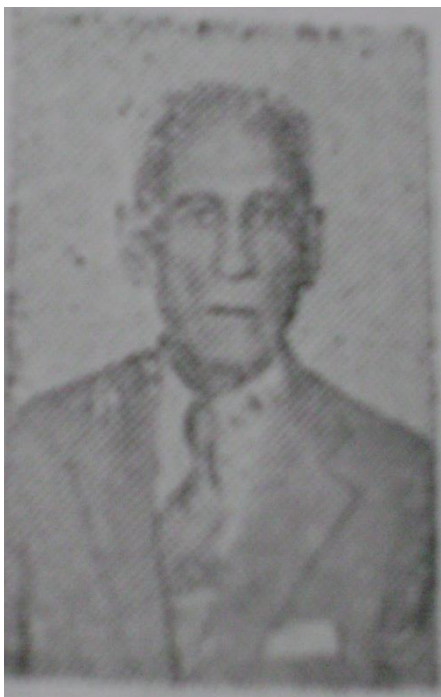
Ainda não houve pincel que se atrevesse a pintar e palavra que pudesse dizer as maravilhas fartamente espalhadas no campo dos Peris após as primeiras chuvas.

Pela estiagem é ele um largo trato de terra acinzentada, onde se erguem, em montículos, as casas das fazendas, alvejando por entre o verde do arvoredo. Na água quieta da “Vala Conduru”, que dá acesso às embarcações que demandam a cidade, a luz se reflete como em aço polido. Aqui e ali, cortam-se as “puídas” – caminhos que os pés dos homens, a andadura dos animais e a roda dos carros de boi abriram, pulverizando e acamando as “torroadas” em que a ardência do sol comburentemente converte no verão, a terra encharcada.

Vêm, porém, as chuvas, e logo o campo se transmuda num lago imenso, que dá impressão de um mar. Os montículos, os “tesos” tornam-se ilhas. A vegetação aquática desponta com as lanças flébeis das canaranas e com os pendões do arroz bravo. Pululam os ninhos. E os “cascos” em que os caboclos singram as águas do campo, levantam, de todas as frondes, revoadas de aves, sem conta, que às tontas, ziquezagueiam no ar, grazinando e matizando-o numa policromia, cuja riqueza ninguém imagina.

Dr. Domingos Barbosa é personagem do 4º fascículo, de São Bento – um jardim de Academus”, autoria de Álvaro Melo.

DR. RAIMUNDO DE ARAÚJO CASTRO nasceu no povoado União, a 2 de dezembro de 1880 e faleceu no Rio de Janeiro a 14 de novembro de 1945. Advogado, juiz federal, constitucionalista, publicista e jurisconsulto. Membro do Conselho Nacional do Trabalho e Legislação Trabalhista Brasileira, como procurador regional da República. Secretariou os ministros da Agricultura Edwviges de Queiroz e Miguel Calmon du Pin e Almeida. Fundou em 1934 a Sociedade de Intelectuais do Maranhão. Pertenceu à Sociedade Brasileira de Direito Internacional e foi Professor Honorário da Faculdade de Direito de São Luís. No Rio de Janeiro, advogou e prestou serviços ao Conselho Nacional do Trabalho e ao Ministério da Viação. Autor das obras *Justiça e Trabalho*, ainda hoje citada com apreço; *Estabilidade do Funcionário Público*, 143 páginas – Rio, 1917; *Manual da Constituição Brasileira*, 420 páginas, Rio-1918; *Manual Cívico*, diversas edições; *Reforma Constitucional*, com 206 páginas, – Rio, 1924; *Acidentes do Trabalho*, diversas edições – Rio; *A Nova Constituição Brasileira*, 622 páginas, Rio –1935; *A Constituição de 37*, com 457 páginas – Rio, 1938; *Instrução Moral e Cívica*, diversas edições; *Sorteio Militar*, 15 páginas – São Luís, 1942; *Um anteprojeto de Constituição* – 37 páginas, São Luís 1931; e *Justiça do Trabalho*, com 521 páginas., **Patrono da Cadeira 16, da Academia Sambentuense, fundada pelo poeta Evandro Sarney.**



JOSÉ ALÍPIO DE MORAES nasceu a 27 de abril de 1883 e faleceu em São Luís a 19 de abril de 1962. Advogado provisionado, compositor, poeta e trovador. Professor de música de sopro e cordas, ocupou a cadeira da antiga Escola de Belas Artes do Maranhão e a de música e canto orfeônico do Instituto Cururupuense. Juiz de Paz. Autor do livro “UM PUNHADO DE RIMAS”

MALDITO ANSEIO, DEDICADO À FILHA FLORA.

Minha filhinha, da Natura esmero
Primeiro mimo, que do céu me veio
Que vejo um dia? Ânasia de recreio,

Num olharzinho seu meigo e sincero.

Tarde doirada! Vamos ao passeio.
Num ângulo de praça páro, espero...
Prossigo, e vindo um auto em desespero
Põe-nos por terra. Ai! Maldito anseio.

Geme e se estorce o anjinho agonizante,
E morre. Deus, só Tu, que tudo sondas,
Percebes seu gemido lancinante

Nos seus ouvidos, sempre a retumbar,
Como o murmulho de sentidas ondas
Nos retorcidos caracóis do mar..
Belém (PA), 30 de julho de 1912. Publicado no jornal paraense “Folha do Norte”.

¿Crimem o no?
A la memoria de mi inalvidable esposa, Concepción Alonso de Moraes, cuya vida fué el
mayor arrombamento de mi vida.

Cerraste para siempre, con ternura,
tus ojos refulgentes de alegría,
cejida por la morte prematura,
quedé con vida y muerto de agonía,

Pero el silencio de la sepultura,
esa morada lúgubre, sombría,
¿ te lo daría acaso una loucura?
Nadie logro saberlo todavia.

? Tendrías, pues, con manos criminales,
cambiado el cielo (gozos divinales)
por mí ardiente y apasionado amor?

¿ Juzgar de ti tan cruda ingratitud? ...
¡ No! Seria dudar de tu virtude.
Solo al destino devo mi dolor.
Belém, 30 de outubro de 1914. Publicado no jornal “Folha do Norte” e reproduzido a
pedido do poeta Corrêa de Araujo, em Pacotilha.

CONSOLAÇÃO.

Dedicado a segunda esposa Francisca Holanda Cavalcante de Moraes.

Ao ver, um dia, a doce companheira.
Tão prematuramente baqueada,
De morte atroz, acaso traiçoeira,
Morto me achei em vida desolada.

E como prosseguir, de que maneira,
Da procelosa vida na jornada,
Se me morrera a doce companheira,
Se a luz de meu farol fora apagada?

Parei, desnortado, em treva densa;
Mas Deus, de Quem jamais perdera a crença
De novo a luz de meu foral acende ...

Dorme, tranqüilo, pois, anjo bendito;
Já me foi vindo outro anjo do infinito,
Que teu sentir encarna e o meu atende
Anil, São Luís, 28 de novembro de 1923.

PERIGOSO DILEMA

Do Criador mirífico presente
Ao homem para sua companheira,
A mulher é do lar a flor virente.

Em tal missão lhe impôs o Onipotente
O ser bondosa, cândida, fagueira,
Traindo-a, faz, impiedosamente,
Crepitar no seu lar uma fogueira.

Varão, cuidado! Se queres casar,
Vê que mulher tu deves desposar.
Escolhe-a com cautela e muito siso.

Porque será tua mansão um inferno
Ou a glória alcançarás (gozo superno!)
De habitar neste mundo um paraíso.
Rio de Janeiro – 1954

TROVAS.

Colibri que tremes, tremes,
Quando te vejo a tremer
Meu coração também treme
De muito, muito sofrer.

x.x.x

Não mais soltes, juriti,
Esses arrulhos dolentes,
Ouvindo-os me cresce a mágoa
De ter amores ausentes.

x;x;x

Pombo-correio com presteza,
Nesta carta os meus queixumes
Vai levar àquela ingrata
Por quem morro de ciúme

.x.x.x

Se alguém tiver de chorar
Venha chorar junto a mim,
Porque o choro em companhia
Não maltrata tanto assim.

TEUS OLHOS.

São dois lagos transparentes
Os teus olhos luminosos,
Em cujas águas dolentes
Bóiam gôndolas de gozos.

Teus olhos são duas crianças
Que vivem sempre a brincar;
São dois raios de esperanças
Da vida que diz amar.

Não raro diz um segredo
Teu olhar iluminado,
Outras, a dúvida, o medo
Do sonho nunca sonhado...

Se em teus olhos transparece,
Às vezes, doce alegria,
Outras há que neles cresce,
Como vaga, uma agonia.

Olhos, tesouro, grandeza,
De alma feliz, graça, encanto,
Que não e veja a tristeza.
Nem os orvalhos do pranto.

Altamira – Pará, 15 de maio de 1916.

Publicado na revista cearense “A Estrela”.

LOURENÇO PORCIÚNCULA DE MORAES nasceu na Rua do Pôr do Sol, dia 29 de julho de 1884 e faleceu em São Luís, a 10 de dezembro de 1969. Funcionário público estadual. Poeta, dono de uma memória exuberante e um dos mais conhecidos e ilustres membros das rodas literárias de São Luís. Poeta bissexto, autor de sonetos de esmerada perfeição formal, publicados em diversos jornais maranhenses. Foi vice-presidente da Academia Maranhense de Trovas. Entre seus poemas:

AO PIANO.

E ela soltara a voz, em confiança, apenas,
Com as brancas emoções daquele amor sonhado,
Vi rediviva, a rir a imagem do passado
Nas asas ideais de lúbricas falenas.

E o velho piano arfou, plangente, emocionado,
O puro aroma em flor virginais verbenas.
Ouviu-se o tataral risonho de serenas
Pombas e a alcova ecoou a alegria dum noivado.

A luz que se elevou, etérea, sonhadora,
Da música aromal, a nardo, a incenso, a mirra,
Passou das ilusões a ronda imorredoura!

- Hoje vive-se n'alma uma tristeza louca!
O amor feneceu...e a saudade que fica
N'essa Dor que, em sorrisos, ora aflora a boca.



JOÃO SERRÃO EWERTON (NHOZINHO EWERTON) nasceu aos 10 dias de setembro de 1885 e faleceu em São Bento Velho (Atual Bacurituba.) a 19 de maio de 1942. Ex-seminarista, comerciário e poeta. Colaborou com o jornal “São Bento” – 1902. Poeta regional com imensa produção literária, praticamente toda extraviada, exceção destas poesias: **Patrono da Cadeira 39, da Academia Sambentuense, fundada pelo economista Simão Cirineu Dias.**

LUA ENVERGONHADA.

Publicada a 6 de abril de 1902.

Era uma tarde de abril muito além
Vinha surgindo alegre a branca lua,...
Mostrando, com que a imagem nua
Quando me tratou com cruel desdém.

E depois? Alta noite enquanto,
A escuridão tudo amolecia,
A alma auri-luzente estremecia,
Empalidecendo como que d'espanto.

Era porque cantavas. O que fez
Com que a lua muito envergonhada
Para rever sua beleza suplantada
Fugir de declarar sua pequenez.

SONETO.

Se Deus lá das alturas me escutasse,
E atendesse ao pedido que eu fizesse;
E se ele concedesse a quem quisesse
O dom de lhe falar quando almejasse;

Eu iria pedir que me ensinasse
Embora pena infinda eu merecesse,
A fazer-te sofrer quando eu sofresse!
Tu querias o pranto, se assim fosse,

Inda que ardentes vigorosas preces
Levantasse ao céu como eu levanto
De dor terias cheio o débil peito

Morrerias, enfim, se eu te fizesse,
Se eu te fizesse o que me tens feito.

FUGITIVA.

Não sei por que te mostras arrufada
Quando mês vês e foges da janela
Como se eu fosse esplêndida alvorada
E acaso fosse pequenina estrela.'

Mal presentes meus passos na calçada
Da tua morada pitoresca e bela
Fazes uns gestos de quem está zangada
Não parecendo será mais aquela.

Aquela que, se ao longe me avistava
Chorando de alegria me esperava
Tal como espera desdenhando agora

Mas... não me abate o teu desdém amada:
Pois, após uma noite terminada,

A madrugada esplêndida se enflora!

IZABEL.

Manaus – 9 de julho de 1905.

Essa menina pálida e serena,
Meiga, franzina, trêfega e radiosa,
É perfumada como uma açucena
Tem os encantos de um botão de rosa.

Tem na garganta a escala melodiosa
Da guitarra vibrada em notas amenas;
E o porte altivo da mulher formosa
Meiga, franzina, trêfega e morena.

Possui nos olhos o fulgor de um astro,
Nos seus cabelos o negror da noite,
E lindos braços feitos de alabastro.

Na rósea boca pérolas encerra...
É finalmente uma mulher divina,
Bela de mais para viver na terra!



CARLOS HUMBERTO REIS nasceu a 15 de novembro de 1885 e faleceu no Rio de Janeiro a 8 de fevereiro de 1946. Foi professor universitário, advogado, romancista, político, tribuno, constituinte, jornalista, promotor, procurador-fiscal, membro da Oficina dos Novos e um dos fundadores da Associação Brasileira de Imprensa e do Grêmio Jurídico do Rio de Janeiro. É autor do romance *Zabi* e dos trabalhos: *O Sufrágio feminino*; *O Divórcio*; e *O Trabalho no Direito Internacional*. Poeta, cultor do estilo de Bilac, escreveu poemas que ilustraram as colunas dos diários e revistas de sua

época, dos quais conseguimos somente este premiado pelo concurso da Gazeta de Notícias. **Patrono da Cadeira 2, da Academia Sambentuense, fundada pelo Procurador de Justiça Manoel de Jesus Sousa.**

LUAR DO AMOR.

Vendo-a, do teatro célere saindo
Sigo de perto o carro triunfal
Vejo-a parar à porta. Ei-la subindo
Ao quarto em frente ao seu, subo afinal.

Em meio à alcova, o traje vai despindo.
E a criada o toma, mas num jeito tal,
Que eu sonho, ante o vestido claro e lindo,
As formas do seu corpo escultural.

Que vestido! É o seu corpo que antevejo
Como a nuvem do céu oculta aos sóis.
Ele o vem ocultar ao meu desejo!

É ela! Astro de amor sem arrebóis!
É uma lua pálida de pejo
Dentre a nuvem revolta dos lençóis.

TANCREDO GUILHERME DE SERRA MARTINS nasceu a 17 de maio de 1877 morreu em São Luís no dia 3 de maio de 1913. Grande orador, jornalista e colaborou em várias Folhas e Diários de São Luís. Dentre muitas belas crônicas, “Miragens”, publicada no Diário Oficial, de 5 de maio de 1913. Casado com dona Rita de Castro Martins a 21 de maio de 1918, e em segundas núpcias com Alice Serra Martins. Foi amanuense da Secretaria do Governo da Secretária da Instrução Pública, oficial desse Departamento. Secretário da Escola Normal, da qual foi professor de Música. Pela Portaria de 17 de agosto de 1897 foi designado oficial da Secretaria Geral, para servir no lugar de diretor da Repartição. Por portaria de 16 de dezembro de 1899, nomeado diretor geral da Instrução Pública do Estado. Foi ele que em 1906 esteve em São Bento para adaptar o prédio cedido pelo município para instalação do recém criado grupo escolar.



LUÍS LOBATO VIANA nasceu aos 29 dias de setembro de 1889 e faleceu no Rio de Janeiro a 31 de agosto de 1968. Professor, médico, cientista, jornalista, cronista, membro da Academia Maranhense de Letras, diretor do Liceu Maranhense e da Instrução Pública do Estado, funcionário público federal. Integrou o Clube da Mocidade do Maranhão. Sócio fundador e dirigente do Colégio de São Luís e um dos instituidores da Faculdade de Odontologia e Farmácia de São Luís. **Patrono da Cadeira 22, da Academia Sambentuense, fundada pelo Professor Ibraim Almeida Filho.**

Eis dois poemas seu:

TAPERA.

Faltou seiva ao campo – e a casa hoje é tapera.
O homem, que lá, feliz, por anos trabalhara,
Sentiu morrer o solo, que lhe dera
Aos labores da lavra o consolo da seara.

Antes, àquela gleba exuberante viera
A alegre legião dos passarinhos, para
Tecer ninhos, cantando. Agora, entanto, impera
Mudez e desalento, onde a vida imperara.

Mas no quadro sombrio inda uma luz subsiste:
A florzinha vivaz, que se espalha na ruína,
E matiza, perfuma, anima a solidão.

Também na vida sou velha tapera triste,
E ao meu lado, Ana Lúcia, és a flor pequenina,
Que as mágoas ameniza e aquece o coração.

ESCORPIÃO.

Torvo, feio, escondido entre pedras, faz guerra
Aos que vivem na selva – e a morte e a dor semeia.
Se a vítima defronta, a móbil cauda arqueia
E inocula de um golpe o veneno que encerra.

Mas eis que na floresta alguém o incêndio ateia,
E na fulva adustão, que a todos, fere e aterra,
Entre uivos do fogo e os das feras, a terra
Turíbulos de fumo ao céu vermelho alteia.

Tenta cada animal fugir à rubra ameaça
Que a zurzir, a estalar, como um flagelo passa,
- Em doida confusão, acovardado, corre.

Um, porém, não fraqueja: o rude, o pequenino
Escorpião, que, viril, enfrentando o destino,
No próprio corpo embebe o hostil ferrão – e morre.



ROSA CASTRO nasceu a 6 de outubro de 1891 e faleceu em São Luís a 19 de abril de 1976. Educadora, empresária fundadora do Colégio Rosa Castro foi a mais importante figura feminina do magistério de nível médio do Maranhão, durante muitos anos do Século XX. Colaboradora do Boletim da Associação Pedagógica, a professora Rosa Castro, afora *Conto de Natal* (Imparcial de 25 de dezembro de 1926) publicou, na imprensa maranhense, diversos trabalhos literários. É autora do *Livro de Lúcia*. **Patrona da Cadeira 1, da Academia Sambentuense, fundada pela escritora Maria de Nazaré Farias.**

No ano de 1892 nasceram estes três conterrâneos que se tornaram vultos notáveis no cenário cultural maranhense:



RAIMUNDO PORCIÚNCULA DE MORAES nasceu na Rua dos Sapateiros, dia 6 de maio de 1892. Artista pintor, professor de Desenho Artístico em escolas da capital fluminense, além de assíduo expositor do Salão Nacional de Belas Artes. Entre suas premiações, destacam-se o *segundo lugar* na Mostra Carioca de 1924; *medalha de bronze*, em 1925, no Salão de Belas Artes de Porto Alegre; *medalha de bronze*, no Salão de Artes Plásticas das Associações dos Artistas Brasileiros, 1940 – Rio de Janeiro. Participou de coletivas em outros países, como Estados Unidos (Nova Iorque), Argentina (Rosário) respectivamente em 1929 e 39. Realizou exposições individuais nas principais cidades e capitais brasileiras. Seguiu adotou o figurativismo pós-impressionista, com várias obras hoje integradas ao acervo do Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Sua primeira exposição em São Luís ocorreu no Cassino Maranhense, em 1923, quando estudante, em viagem de férias. Tornou-se crítico de Artes e publicou o livro *Estética Desfigurada*. Reputado o maior pintor maranhense do seu tempo. **Patrono da Cadeira 36, da Academia Sambentuense, fundada pelo naturalista Pedro Nolasco Chagas.**



Este quadro pintado no Rio de Janeiro em 1956. Dr. Benedito Pereira Leite e esposa, encontra-se exposto na sala de jornais e revistas da Biblioteca Benedito Leite..



DOM FELIPE CONDURU PACHECO nasceu aos 18 dias de julho de 1892 e faleceu em São Luís a 4 de outubro de 1972. Bispo de Ilhéus – BA, Parnaíba – PI e resignatário de Decoriana, na África. Professor, historiador, músico, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. Publicou obras que avultam na bibliografia maranhense, por sua qualidade e erudição: *Vida de Dom Luís de Brito*, três volumes; *Pai e Mestre*, 398 páginas; *História Eclesiástica do Maranhão*, 700 páginas, *Carta Pastoral e Relações entre o Poder Civil e o Eclesiástico*. **Patrono da Cadeira 4, da Academia Sambentuense, fundada pelo escritor Sataniel de Jesus Pereira.**

A seguir, um poema de Dom Felipe datado de 7 de junho de 1962:

SAUDADE CONFIANTE.

Todos cantam a saudade
Porque vos hei eu de mentir?
-Bem defini-la quem há de?
Todos sabem-na sentir.

Da montanha a água desce;
Te gotinha lhe escorre;
Da vida a ilusão fenece;
Só a saudade não morre,

Pais queridos, tanto irmão,
Deus a todos m'os levou;
Dentro do meu coração
Só a saudade ficou.
Mãezinha, minha mãezinha,
Anjo da Guarde indormido,
- Defesa tu foste minha
Neste mundo pervertido!

Minha mãezinha querida,
Há muito que estás nos Céus
Dos escolhos desta vida
Alcança livra-me Deus!

A Santa Mãe de Jesus
Minha fraqueza conhece;
Sou filho desde a Cruz;
Faz por mim materna prece,

Um Filho assim tão perfeito
Um Filho que é mesmo Deus
Há de às mães render-lhe preito
Atendendo aos rogos seus.



RAIMUNDO CLARINDO SANTIAGO nasceu aos 12 dias de agosto de 1892 e faleceu nas proximidades de Imperatriz, naufragado, no Rio Tocantins, na noite de 25 de novembro de 1941. Médico, político, professor, diretor do Liceu Maranhense e da Instrução Pública do Estado, membro da Academia Maranhense de Letras, da Maranhense de Intelectuais e do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. Poeta, jornalista e orador. Obras publicadas: *A Escola Mineira e suas fases*- São Luís – 1928, 91 páginas; *Rumo ao Sertão* – São Luís, 1928, 91 páginas; *O Poeta Nacional*, São Luís – 1926, 70 páginas; *João Lisboa*, São Luís, 66 páginas; *Estudos Maranhenses* – São Luís, 1929, com 47 páginas; *Neto Guterres, o médico dos pobres*, com 23 páginas; *Fusão Crítico* – Rio de Janeiro, 1932, com 31 páginas; *Comemoração ao 1º centenário de Sousândrade*, Parnaíba 1937, 26 páginas; *Sousândrade*, discursos; e *Sousândrade – o solitário da Vitória*. Clarindo Santiago tem muitas poesias publicadas, dentre elas “Peito de Moça”, referência aos dois morros da entrada do Itaúna. **Patrono da Cadeira 5, da Academia Sambentuense, fundada pelo jornalista e novelista Joaquim Itapary Filho.**

ÚLTIMA VISÃO.

Pode noutra país há ver terá mais bela,
Pode existir além terra mais conhecida;
Perto de nós, porém, decerto existe aquela
Que pelos filhos seus, é a terra mais querida.

Partiu de lá chorando, uma infeliz donzela
E chorou sem cessar desde a triste partida;
Morreu de nostalgia, e à luz fria da vela
Que lhe punha na mão, alguém reproduzida.

Dentro dos olhos seus, viu na pupila tal
Como se fora deixada a cidade natal?
Si perguntais: onde é que existe esse torrão?

Em que parte do mundo? Em que mar? Em que serra?
Eu vos responderei que aquilo não é terra.
É um ninho de sabiá – é o Maranhão.
Duas irmãs.

Também peio de moça há muito é dado o nome
A dois morros irmãos unidos pela base,
Duas pomas iguais que o tempo não consome,
Dois seios vistos como através de uma gaze.

Em baixo o mar feroz, sem que outro instinto dome,
Investe como um fauno. Antes o sol abra-se
Do que não tentar saciar aquela fome
Ou de sede que o devora, antes um raio o arrase.

Velho lobo do mar, guiador de veleiros,
Ao passar por ali, dizia aos marinheiros:
- “Aqui neste lugar se cumprem dois destinos;

Em luta secular, sol a sol, mar e vento
Porfiam em beijar, de momento a momento,
As curvas sensuais dos dois seios divinos” ...

TU.

Não encontrei, aqui, a minha companheira.
Onde soltas, agora, o teu trinado, ã Ave?
Quero ouvir-te cantar nessa expressão suave
Que me faz preovir a melodia inteira

Não te perdi, meu bem... que a estrada verdadeira
Fazemos dois a dois.... Em que celeste nave
Soa agora essa voz que me foi sempre e chave
De toda a luz e paz na vida passageira?

Ficaste para a trás ou já passaste adiante?
Só agora compreendi a inquietação de Dante,
Ânsia humana a buscar o ser que nos condiz....

Outro Eu, que nos completa a divina Harmonia,
A alma irmã que se busca e que se encontra um dia
E que é Laura, é Marília, é Natércia, é Beatriz.



JOÃO HERMÓGENES DE MATOS nasceu aos 19 dias de abril de 1898 e faleceu no Rio de Janeiro a 15 de julho de 1978. Advogado, professor universitário, promotor público, procurador da Fazenda Estadual, juiz do TRE, constitucionalista e publicista. Exerceu por longo período o cargo de Diretor da Faculdade de Direito de São Luís. Poeta, com produções quase todas emotivas, de caráter familiar e vinculadas a São Bento. Obras: *Dos Acidentes no Trabalho*, in: Revista Judiciária. A seguir poemas de sua lavra, o primeiro dedicado ao irmão, o médico Raimundo Mariano de Matos. **Patrono da Cadeira 19, da Academia Sambentuense, fundada pela professora Clotilde Oliveira Martins.** Ocupante atual Jorge Ribamar Castro Matos

PÁGINA INESQUECÍVEL.

Quando chegaste formado
Ao nosso torrão amado,
Toda a cidade correu
E alegre te recebeu.

Uma coisa aconteceu
Que ninguém nunca a esqueceu:
O pergaminho alcançado,
Que trazias sobraçado.

E que à mesa o desdobraste
E, comovido, ofertaste,
Assim, ao pai feliz; “Toma,

Foste tu que o conquistaste,

Porque, pai, assaz lutaste!
Pertence a ti o meu diploma.

TEU JEITO.

Pai, tu estás aqui dentro,
Bem dentro de meu crânio!
Tu vens espontâneo,
Já que em ti me em ti me concentro!

Lembro-me da moenda
Do engenho “Conceição”,
Veio o ferreiro, então,
E que não fez emenda;

Teu jeito foi bastante
E a moenda girou!
Problema semelhante,

Às vezes, me aparece,
Teu jeito me ensinou,
Jeito que me enaltece.

MEU ESPELHO.

Sempre que, revolvendo as cinzas do passado,
Vêm-me recordações que a vida me engrandece:
Vejo meu pai no Engenho, em sua faina empenhado,
Tendo consigo ao lado os que a riqueza tecem.

Têmpera forte, rija, a que arrefecem
Os anos, a fadiga, o tempo já chegado;
Os companheiros, tarde, a caso, lhe aparecem,
Mas, cuidadoso de ver o serviço encetado.

Sírego, pertinaz, na lida logo investe!
Nada o detém no afã demais nobilitante,
Pois da luta foi sempre um fervido arcipreste.

Um dia, no trabalho o alcançado,
Fatal moléstia o prosta e, - quadro edificante:
Ao me olhar, ei-lo as mãos calosas me mostrando.

DEDICADO À SUA MÃE, D. ROSA MARIA.

Eras amor, ternura, piedade!
Como lembro tua afetividade,
A pura, a indescritível alegria
Com que um filho rever sempre eu ti via.

Ao voltar de longínqua Faculdade,
Onde estudava em sua mocidade
Era uma festa em casa, noite e dia,
Sem deixares de orar, que te cumpria.

Mal o tempo das férias se escoava
E já teu pranto as faces rorejava,
Sentindo da partida a brevidade!

Contigo, mãe, teu nome condizia,
Junção feliz de Rosa e de Maria
Uniu-se assim à flor a santidade!.

TRISTE ENCONTRO.

Na idade tinha eu a primazia
No meio de nós, irmãos, por isso, ouvida,
Acatada por todos eu te via,
E, sem contestação, obedecida.

Era a conselheira esclarecida
Em tudo que aos mais jovens afligia;
Uma coisa importava em tua vida;
Que houvesse em casa apenas harmonia!

Tocavas com ternura o violão;
E contigo aprendi ceado a dançar;
Como era alegre outrora esta mansão.

Em que com Deus viveste até morrer!
Parecias dormir ao e encontrar,
Mas viva eu desejava ainda e ver.

PASSAGENS DA JUVENTUDE (Versos brancos).

Vida amena,
Muito alegre;
Descuidada;
Eu brincava na areia,
Percorria o mato bravo,
Perseguindo as surulinas,
Apanhando tucum, quiriri;
Bebendo água na fonte,
Aonde as morenas iam e vinham,
Com o pote na cabeça,
As saias sacudindo,
E piscavam os olhos pra gente,
Num aceno sedutor!
Eu ficava bem contente,

Sem olhar para mais nada....
Elas iam, iam andando,
Os quadris balançando
Se perdendo na distância....

CASA DA ORAÇÃO.

A vós que orais na casa da família Matos.
Velha casa, tempos idos,
Nessa morada que vedes
Felizes dias vividos
Lembram as sãs paredes!

Pelas amplas peças credes
Quantos ai acolhidos;
O doce e4mbalo das redes
Inda me vem aos ouvidos...

Olhos fitos no Senhor,
Vivemos todos unidos,
Pais, irmãos, num mútuo amor;

Nesse lar do coração..
Dele jamais esquecidos
Hoje Casa de Oração...
Rio 1976.

CIDADE DE SÃO BENTO.

De todas a primeira és tu para os que te amam.
Como eu, pois em teu seio o berço me foi dado,
Minha alma de alegria essas razões inflamam,
Tanto quanto me apraz ver-te o nome exaltado.

Dos campos na extensão, revejo, médio, o gado.
As águas e os peixes no inverno os campos tomam
E o que era de cor cinza, em verde é transmutado!
As águas crescem e, calmo, imenso lago somam!

Sobre esse “lago” um qual tapete esmeraldino,
De folhas rendilhado, urdimento, algo fino,
Se estende: as jaçanãs, de azul, linda plumagem,

Nele pascem, louças; um ruído....e assustadas,
Ante a perseguição freqüente das caçadas,
De súbito, alçam o vôo e somem na folhagem!...



EMILIO LOBATO AZEVEDO nasceu aos 11 dias de dezembro de 1900 e faleceu em São Luís a 21 de dezembro de 1979. Poeta, jornalista, político, orador e funcionário público. Membro da Academia Maranhense de Letras. Autor do livro Canto do Cisne Vereda. Sua maior produção literária encontra-se na Imprensa Maranhense em que militou, inclusive em o Imparcial, de São Bento (1921/1924), no qual iniciou com crônicas e sonetos. Pertenceu à Escola Parnasiana, considerado um dos mais românticos de sua geração. Optou por perfeitos e primorosos sonetos decassílabos:

Patrono da Cadeira 24, da Academia Sambentuense, pela professora Inazel de Oliveira Chagas. Ocupante atual Maria de Lourdes Lobato França

EUGÊNIA.

Essa boneca viva, faladeira
Essa coisinha lida – minha neta
É a encantadora musa feiticeira
Que me fez de novo ser poeta.

Esqueço tudo quando está comigo,
Fazendo-me sentir doce alegria
Que, sem ela, jamais sentir consigo
E sem ela jamais conseguiria.

Gosto de vê-la assim, mão na cintura,
Queixando-se de todos, ressentida
Porque a privaram de uma travessura.

E se, gemendo, finjo estar doente,

Vem, muito triste, e diz enternecida:
Vovô; não *chola* que te dou presente

FINADOS.

Dois de novembro. Festa dos Finados.
Compacta multidão nos cemitérios.
Túmulos brancos, limpos, decorados,
Guardando mudos, corpos deletérios.

Dolentes misereres soluçados
Pelos ciprestes. Cânticos funéreos
Com as harpas dos anjos, orquestrados
Na sublime surdina dos mistérios.

Os sinos tristes, soltam tristes ais
Na vibração dos bronzes imitando
A voz dos mortos que não falam mais.

E dor dos vivos nisto se revela:
Num crepe, numa flor despetalando
Na cera derretida de uma vela.

NO ÁLBUM DE L.

Vamos cantar o nosso amor ditoso,
Qual cotovia num jardim florido,
Tu cantarás a estremecer de gozos
E eu cantarei de gozo estremecido.

Cantemo-lo num canto venturoso
Aquele amor singelo e enobrecido
Tu a inspirar-me com esse olhar fogoso
E eu a tocar a lira, enfebrecido.

Vamos cantá-lo que merece um canto
O amor que sem desânimo lança
Para um pouco ideal sacrossanto

Vamos, assim, as almas aliadas
Cantar hinos de amor e de esperança
Como notas de um beijo abemolado.

MINHA TERRA

(Prosa, em o Imparcial, de São Bento, jornal que
circulou de 1921 a 1924)

*A ti, Olegário, que vives feliz nessa terra eu adoro e venero.
Salve! Minha cidade natal, meu idolatrado berço. Salve! São Bento meu torrão
bendito, Canaã dos meus sonhos, Terra do meu ideal. Salve santificada Terra de minha*

mãe, refúgio dos meus pensamentos, horto re florido de meus amores, sanatório de minhas torturas. Bendita sejas tu que me deste berço e bendita serás tu se me deres o túmulo. Bendita sejas tu que, a depauperada com esta Saudade, que longe de ti, eu sinto. Ah! Quem longe de sua Terra, dela não tem saudade? Não sente essa saudade cruciante que se cristaliza numa gota argentada de lágrimas no coração.

Todos, como eu, devotam pelo seu ninho o amor evangelizado, no qual se sacramentam. Ah! Quantas saudades eu sinto.

Quantas vezes não me apareces na miragem do desejo! Como eu seria feliz Como eu seria feliz to de ti estivesse! Como me sinto bem junto dessa tua simplicidade garbosa de roceira sadia! Como me envaidece de ser teu filho, Terra aprimorada! Oh! Privilegiada filha da Natureza Éden dos meus desejos, Castália das minhas inspirações. Como aspiro viver em teu seio, inebriando-me com a aromatização das essências valiosas dessas invejadas flores: deleitado, ouvindo a orquestração peregrina dos artistas de penas nos concertos inimitáveis de gorjeios ritmados em notas harmoniosas e sonantes; extasiando-me da reflexão desse teu céu alvi-azul, nos alvinitentes espelhos cristalinos lagos; admirando-me das ricas vestes que tem nessa tua floresta? Enfim, namorando as noites calmas e sonolentas de luar, a palacenta Ofélia, que como uma pérola argentada orna tua frente de mulher bonita!

Oh! Minha terra quanta dor eu te dedico e como seria ditosa se te pudesse levantar ao cimo do Deslumbramento e ao píncaro da Glória. Mas, desejo fantástico, bem conheço a pusilanimidade do meu poder.

E assim sendo, recebe minha Santa Terra, como único que te posso dar, este amor que te devoto, inquebrantável, indissolúvel, sincero, espontâneo, imaculado e puro.



ANTÔNIO CAMPOS DA COSTA FERREIRA, - adotou o pseudônimo literário de Antônio Barnabé de Campos-, nasceu aos 12 dias de junho, de ano ainda incerto, e faleceu no Rio de Janeiro em 1956. Jornalista, economista, cronista. No Rio de Janeiro foi redator de A Tarde, a Folha e o do Diário Carioca. Tornou-se bastante conhecido pelas colunas diárias que escreveu sob os títulos: *Crônica do Rio* e *Instantes do Rio*. Seus temas preferidos eram a política e o futebol. Em São Luís, colaborou nas páginas de *O Combate* e do *Jornal do Povo*; freqüentando também as páginas do *Anuário do Maranhão*, 1950, com o maravilhoso artigo *São Bento, a Terra da Promissão*, cujo trecho inicial, guardado de memória pela professora Conceição Ribeiro Melo é o seguinte: *Dizem, com orgulho, os baianos que Cristo nasceu na Bahia. Eu, entretanto, ousou afirmar que se existe um lugar onde Cristo, se lhe fosse dado, escolheria para nascer esse lugar é São Bento – a Terra da Promissão*); *Bumba-meu-boi de São Bento*, em a Revista Manchete. *De passagem pela imprensa de São Luís*, publicou as crônicas o *Melancólico*, *Noite de Natal*, *Amor, função da velhice*, *Presentes de Festa*. No Diário do Norte, as crônicas *Contraste*, *A Cobra maldita*. Membro da Academia Catulo da Paixão Cearense, fundador da Cadeira Joaquim Serra. **Patrono da Cadeira 15, da Academia Sambentuense, fundada pelo bacharel Antônio de Jesus de Oliveira Santana.**

O AMOR.

Amor – grito de luz, no amanhecer da vida,
Amor – jardim de fé, luar de sofrimento;
Amor – benção de Deus, álaçre, refletida
Na cristalização do nosso pensamento.

Amor – cruz da ilusão, soberbamente erguida;
No calvário de olhar, no sorrir do tormento,
Amor – gota de orvalho azul do céu caída

Transforma o caos da vida em lindo firmamento.

Amor – áurea, esperança, estrela que reluz;
Amor – constelação do céu da mocidade
Que a velhice à sonhar, saudosamente, induz.

Amor - felicidade, às vezes desengano,
Sublimação ideal de toda a Humanidade.
Inspiração de Deus ao sentimento humano.

SÃO BENTO, TERRA DA PROMISSÃO.

Dizem com orgulho os baianos que Cristo nasceu na Bahia.

Eu, entretanto, afianço a todos que me derem a honra de ler estas linhas que se houve na Terra, um lugar que, pela sua fertilidade, mereceu o justo título de Terra da Promissão, esse lugar é São Bento, cognominada “Suíça Maranhense”.

Falar sobre a história desse maravilhoso recanto do Maranhão, seria, sem dúvida, tarefa bastante ingrata, pois, ocuparia grande parte deste pequeno Anuário, que é um atestado eloqüente dos ingentes esforços de um pugilo de rapazes, amantes das letras. Entretanto, falar do povo de São Bento e do heroísmo dos seus filhos, desde o mais humilde caboclo, que vive num combate constante com a natureza que, se é generosa no fornecimento de toda a espécie de alimentos, também é madrasta aos que, como antigos barqueiros do Volga, são forçados a enfrentar toda espécie de intempéries para conseguir o pão de cada dia.

Em nenhuma parte do mundo existe tão variada quantidade de peixes, quer da água salgada, quer da água doce, e tão abundante variedade de caças. Enquanto os peixes, em certa época do ano, são pescados a “socó” e a mão, as jaçanãs são caçadas a cachorro, ou, então por meio de boiadas, e em grande quantidade.

São Bento, cuja natureza é tão pródiga e cujo clima é considerado, com muita justiça, como um dos melhores do Estado do Maranhão, tem também fornecido elementos destacados no cenário intelectual e político do Brasil. Como citar todos eles seria tarefa por demais estafante, vou mencionar apenas quatro dos principais: Dom Luís de Brito, um dos maiores oradores sacro que o Brasil já conheceu; Domingos Barbosa, fino cronista que, durante longos anos emprestou o brilho de sua pena ao “Jornal do Brasil”, na Capital da República; Inácio Raposo, sociólogo, poeta e escritor; e Carlos Reis, inteligência fulgurante e um dos mais ardorosos tribunos que passou pela Câmara dos Deputados, cujo nome, ainda hoje, é lembrado com respeito por todos os que tiveram a felicidade de vê-lo na tribuna, na memorável noite em que, por várias horas, defendeu o decreto de “salário mínimo”, aproveitado por Getúlio Vargas, durante o Estado Novo. Como verdadeiro Golias e com uma capacidade de argumentos que se fez crescer na admiração e respeito de todos os parlamentares dessa época, Carlos Humberto Reis deu aos seus aparteadores verdadeira lição de conhecimentos jurídicos e sociais, em defesa dos direitos dos trabalhadores brasileiros. Ao deixar a tribuna, foi Carlos Humberto Reis acometido de uma espécie de síncope, que, mais tarde, no ostracismo a que lhe relegou a maldade dos homens, lhe acarretou a morte.

Perdeu, assim, São Bento, o Maranhão, o Brasil, um dos seus luminares, quando mais se tornava necessária a sua presença para elaboração da Constituição de 1946, cujos postulados vêm sofrendo atrofias, próprias dos homens que detêm o poder, neste tão grande quão desventurado país.

Publicado em o Anuário do Maranhão, ano 1950, páginas 133 e 134.

CRUEL NATAL.

Contrastando com as demais casas do povoado que pareciam naquela noite de véspera de Natal, esparsos pedaços de alegria formando um a colcha de ilusão, o palheiro de Maria Tereza, às escuras, despertava atenção de todos. Tinha-se a impressão que, dentro deste cenário, ele representava um protesto da noite à astúcia do homem que transformou com milhares de lâmpadas e fogos de artifícios religiosidade do escuro manto da Natureza, em verdadeiro bacanal da luz, dando uma nova e destoante concepção à data, pois, lhe roubava toda a grandeza de sua religiosa simplicidade.

Por isso os transeuntes que por ali passavam, detinham-se estupefatos ao contemplar o contraste chocante, que por ninguém poderia compreender existir, na véspera de Natal, um lar somente, por mais humilde que fosse, onde apenas se visse, como um suspiro de esperança, o furtivo bruxulear de pequena lamparina.

Enquanto os sinos da igreja mais próxima enchiam o espaço com seus repiques, um quadro comovente se desenrolava num mundo de miséria formado pelas quatro paredes do quarto de Maria Tereza.

Junto à rede esburacada, onde esquelético repousava o corpo semimorto pela fome do pequeno produto de seu erro, Maria Tereza orava, de joelhos e mãos postas, e suplicava na grandeza de sua fé, coragem e resignação para suportar, estoicamente, o seu martírio.

Momentos havia em que, transita de desespero, a desventurada levantava-se bruscamente e, sentido abandonar-lhe a fé, gesticulava, balbuciava.

- Senhor, tem piedade! Não para mim, mas para esta criança que dormiu mimada pela fome, justamente na véspera do teu Natal em que, para a petizada feliz, criaste a figura simbólica de Papai Noel, o personificado das ilusões e das esperanças jamais realizadas.

Longe, o plangente repicar dos sinos anunciava o término da “Missa do Galo”, Em todas as casas, entre sorrisos de alegria, falsos e verdadeiros, os convivas sentavam-se às suas mesas fartas, floridas pelos mais variados pratos de manjares. Maria Tereza esquecendo-se de suas aflições, sonhava com os Natais felizes que gostara na companhia de seus diletos pais, os quais abandonara por um amor que lhe lançara, cegamente, no abismo, deixando-lhe apenas por consolação aventura inaudita de ser mãe. Instada por essa recordação, contemplava, na atrela colorida do seu pensamento, o seu ente querido, forte e sorridente, brincando com outras crianças, quando ouviu uma voz sumida que lhe despertara daquele falso êxtase para a realidade da vida:

- Mamãe, mamãe, tenho fome..

Como ser aquelas palavras tivesse efeito de um estilete rudemente cravado em seu coração. Maria Tereza sem nada ter para acudir a súplica do filho, a não ser o calor dos seus seios emurchecidos, aproximou-se da rede onde ele se remexia, molemente. Vendo-o em aflição, fora de si, bradou aos céus:

- Pai, já que não ouvistes as minhas súplicas, satisfaz-me ao menos este pedido: lançai sobre mim todas as iras do destino, mas levai meu filho, pois, todos os sofrimentos quer físicos e morais, reunidos, serão por demais insignificantes

comparáveis a um minuto de tortura de um coração de mãe junto ao leito onde assiste morrer à míngua o seu filhinho, e logo hoje, na tradicional noite de Teu nascimento.

Dizendo isto, sucumbiu à dor e ao desespero, ao tentar beijar o mirrado corpo.

Como presente da natureza, o dia 25 de dezembro apresentava-se tão bonito que se diria pretender o sol embriagar de luz os moradores do povoado. Entre o arvoredo florido, cantava alegremente a passarada. Ziguezagueando pelos jardins, miríades de borboletas formando uma encantadora policromia, seduziam a curiosidade dos olhares cobiçosos e cheios de esperança dos casais de namorados. Dir-se-ia, enfim, que o próprio firmamento sorria através de esparsas nuvens brancas.

Maria Tereza que havia desfalecido junto à rede do filho, vencida pelo desespero e cansaço, fora despertada pelos travessos raios solares que penetravam no quarto através dos buracos das paredes, inundando-o de luz e pelo espocar dos foguetes que chamavam os fiéis para a missa às dez horas. Abrira a janela e precipitara-se para a rede, a fim de dar ao filho, como único presente que possuía um carinhoso beijo. Debruçara-se sobre o leito, de súbito aconchegando ao peito o pequeno corpo, recuou violentamente como se lhe depara um quadro trágico. Com a fisionomia completamente transfigura, veio até a porta e, lançando um olhar desvairado para a amplidão, exclamou num tom de voz que parecia o grito de sua própria dor:

- Meu Deus, que “Cruel Natal”!. Meu filho está morto! O dia em que nasceu, confinando, no transbordamento de luz e alegria, as esperanças da véspera, contrasta, Senhor, com a angustiada noite que me acaba de ser imposta, mas que, assim mesmo, é mais preferível para mim que este mísero corpo do qual a rancoriedade do destino roubou, em pleno sono, a alma mal chagada, iludindo a minha devotada vigilância.

Sustentando o pequeno cadáver à altura do rosto, saiu louca, bradando pelas ruas do povoado, ao mesmo tempo em que ria e chorava:

- Cuidado mães! Vede o presente que Papai Noel me trouxe.

Desse período são os quatro novos atenienses: Luso Torres, Domingos Barbosa, Clarindo Santiago e Luís Viana, pode ser um incluído mais Emílio Azevedo.

É bom ressaltar que alguns escritores, entre os quais Artur de Azevedo, mencionam Dom Luís de Brito, arcebispo de Olinda como o maior pregador sacro da época, no seletto Grupo dos Maranhenses nascidos antes segunda metade do século XIX

Os são-bentuenses com livros lançados no século XX.

Toda a força do talento literário continua esplendente nos albores do século XX, com nova plêiade de intelectuais, alguns abraçando as correntes de expressão moderna e outros ainda presos a formas de expressão conservadora.



MILTON JOSÉ LOBATO nasceu a 3 de maio de 1914 e faleceu no Rio em 2004. Médico cirurgião pneumologista e fisiologista no Rio de Janeiro, formado pela Faculdade de Medicina do Rio. Líder comunista de Luis Carlos Prestes, e vereador no Rio de Janeiro. Escreveu o livro *Cigarro: invalidez ou morte*.

Prezado Amigo.

Eu e o Milet somos dois médicos maranhenses oriundo de São Bento. Milet aconselhou-me a redigir algo sobre os fatos e as coisas que existiram em nosso tempo.

São Bento é uma lembrança maravilhosa que me leva pensar que estou sonhando quando me recordam coisas que se passaram comigo naquele Paraíso.

.Sou filho de Isaac Lobato que foi parar em São Bento porque tinha uma igarité e vendia camarão seco, açúcar bruto e farinha d'água. Conheceu minha mãe, que era filha do velho Zé Costa [José Adriano Costa] que não supunha vinha ser o avô de um Presidente da República (José Sarney).

O casal foi morar no porto de São Bento, onde tive a honra de nascer onde. Criei-me na região mais linda de São Bento. Como garoto andava de canoa do porto até a vala, ou seja, os campos de São Bento. Lá encontrei peixes d'água doce, aves do campo (jaçanã, marreca, paturi, graúna, etc.). Nós garotos acompanhávamos nossos pais que caçavam as aves citadas e pescavam jejus, traíras, acarás, tralhotos, piabas e piranhas. Vou contar um fato que se deu com um colega na pesca das piranhas. Era um menino pobre e acompanhava um cego em sua pescaria. De repente começou a gritar e o cego carregou o menino para o seco – as piranhas tinham mordido o saco escrotal do

menino ele chorava em desespero. O ataque das piranhas tornou-se popular e o menino passou a chamar-se de “Nhoraço”.mas passou a ter o lado gaiato. Quando “Nhoraço” passava na rua os coleguinhas gritavam. O menino irritava-se, descia a calça e mostrava o “Galo”.

Hoje estou com mais de oitenta anos e os meus conterrâneos devem lembrar-se de o “Nhoraço”. Seu nome tornou-se tão popular que outros “Nhoraços” foram aparecendo, inclusive em minha casa havia um irmão que se chamava Nhoraço.

Sendo primogênito meu pai costumava levar-me para suas caçadas. Um dia matou tanta jaçanã, marreca, pato, paturi e japiaçoca que no meio do caminho teve de arrumar palha e junco seco não aguentava mais o peso da caçada e voltamos no dia seguinte para levar a safra.

Com o correr do tempo meu pai tornou-se figura popular [elegeu-se vereador] e a instrução dos filhos obrigou que se mudasse para São Luís. O governador era João Vieira, seu amigo, que o apresentou Cássio Miranda, diretor do Instituto Oswaldo Cruz que até convocou o velho para uma reunião.

- Sr Isaac ouço dizer que em São Bento tem muita cobra venenosa e o Instituto está precisando delas para fazer soro antiofídico.

Dê uma aparelhagem adequada, ganchos e caixotes.

Meu pai voltou a São Bento e reuniu os caboclos amigos.

Qual não foi sua surpresa quando os caboclos voltaram com os cofos cheios de jararacas e cascavéis. A surpresa é que tivemos de usar outras casas para morar quando estávamos em São Bento e a embarcação ficou danificada de tanto filhote de cascavel e jararacas. Qual o segredo? Os caboclos pegavam siris e caranguejos com uma tesoura de pau só tiveram que alongar o cabo para pegar as cobras.

Um dia no Rio encontrei Cássio Miranda e ele preocupou-se em me narrar o episódio da caça das cobras venenosas e eu rebatia dizendo que fora esperteza dos caboclos.

João Vieira levou meu pai e sua família para dirigir sua fazenda Itapunhenga. Os jacarés tomavam conta do lago existente. Em todo havia os “três potes e uma cumbuca” cujo canto nos tirava das redes ao acordarmos.

Quando cheguei aos 16 anos resolvi estudar medicina. Com que roupa? Ganhei uma bicicleta. Como estava com idéia fixa, vendia-a e comprei uma passagem de navio para o Rio. Fui morar na casa de conhecidos de minha mãe e fiz um concurso para os Correios e Telégrafos. Arrumei morar no Hospital S. Sebastião como interno e ajudei meus pais e irmãos a virem para o Rio. Nunca andei de bicicleta, mas sei examinar doentes e até tratá-los.

Não parece história de mentiroso?

SALVE O FURO!

SALVE A VALA!

SALVE SÃO BENTO!

Salve os currais de porcos!

Salve as boiadas!

Salva as carneiradas!

Rio – Milton Lobato.

Jornal de São Bento – nº 26. Maio de 1998. Carta endereçada ao amigo Álvaro Melo.

A bela do cigarro.

Com o aumento do preço dos combustíveis, viajo muito de ônibus, o carro descansa na garagem quando me desloco para a zona, nas minhas viagens de “lançadeira”, como fora apelidadas.

Quando o veículo passou pela Lagoa Rodrigues de Freitas, entrou uma fada na condução e sentou-se próximo a mim, na janela

Era uma perfeição de mulher, alta cheia de corpo, uma pele clara, uns cabelos sedosos, uma perfeição. Nova, não mais de 30 anos, calculei e não tirei meus olhos daqueles olhos claros, daquela agitação de gestos, daquele sorriso enigmático.

De repente, a decepção, tirou a carteira de cigarros da bolsinha e acendeu. Dentro de mim brotou a revolta e certa piedade.

Tão linda! Que insensatez! Não saberá que está destruindo tudo que a mãe natureza lhe deu?

Mas que de repente, ainda, vagou o lugar ao seu lado. Não me contive. Atrevidamente, sentei-me ao seu lado e puxei conversas.

- Perdoe, não é “paquera”, como vê sou bem velho, Sou médico aposentado que durante a vida inteira tratei de pulmões.

- Muito prazer! Abriu aquele sorriso. Dentes perfeitos.

- Você está cometendo uma imprudência.

- Fumando? Todos fumam apesar da proibição. Se lhe incomoda, apago.

- Não, não é pela proibição de portaria – é a proibição de sua beleza

- Obrigada! Outra vez sorriu.

- Você sabe que pode perder seus lindos dentes?

- O senhor é médico ou dentista?

- Sou médico de pulmões, mas examino a boca de meus clientes quando vão à consulta. Os tabagistas ficam com as gengivas inflamadas e as cáries são mais freqüentes neles.

- O senhor tem razão toda vez que vou ao dentista apresento cáries novas, apesar da limpeza e dos cuidados que tenho com os dentes.

- O senhor tem bons dentes, apesar da idade.

- Nunca fumei, estou com mais de 70 anos e vou nadar no Posto 6.

- Lá as ondas são menores. Sabe que o senhor está me ajudando?

E jogou o cigarro fora. Continuei o papo, animado pela sua atitude.

- Você usa pílula?

Bateu com a cabeça afirmativamente.

O senhor também é contra? Não vai me dizer que também é ginecologista.

- Não, quando estudante freqüentei um Serviço de Ginecologia, mas sou muito fiel à especialidade que abracei, nos primeiros anos da medicina. Como lhe disse, o organismo humano é um todo. A pílula anticoncepcional “engrossa o sangue” e o cigarro diminui o calibre do vaso.

- Nunca me falaram isto.

- De modo que a associação pílula-cigarro provoca um acidente mortal, na maioria das vezes, se não for prontamente diagnosticado

- O senhor está me assustando.

- Já salvei uma encarregada do posto de gasolina, onde me abastecia. Ela teve uma “trombose da artéria pulmonar” e eu banqueei o Dr. Urubulino do Chico Anysio: Tinha prevenido que isso poderia acontecer e aconteceu. Foi operada de urgência e a voltou na dirigir o posto sem fumar.

- Agora, não ameaçou apagar o cigarro, jogou fora a carteira pela janela.

- Quero seu telefone, sou-lhe muito agradecida, como se chama?

Algumas semanas depois o telefone tocou à noite.

- Uma cliente. Chamaram-me.

- Não, não era uma cliente qualquer; era a moça linda do cigarro.

- Não imagina como lhe sou agradecida. Lembra-se do ônibus da Lagoa?

.....
Lembro-me.

- O senhor fez-me um grande bem. Deixei o tempo passar. Estive no dentista e ele admirou-se da recuperação de minha gengiva. Não tive cáries, pela primeira vez em tantos anos que sou sua cliente. Agraecida doutor. O senhor é legal e a sua voz ao telefone não é daquele velho que o senhor confessa ser.

- Já me disseram que tenho a voz naturalmente empostada. Um diretor de hospital em que trabalhava gravou a mi n há voz sem que em percebesse nos debates de Centro de Estudo, e então não reconheci a minha própria voz.

Quanto à pílula continuo. Deixei o cigarro e meu ginecologista disse que o senhor foi legal. Quanta coisa aprendi numa simples conversa de ônibus! Posso telefonar sempre? Quando me lembrar?

-- Sim minha filha, sou um velho bobo, mas continuo gostando das mulheres bonitas. Telefone sempre que quiser.

E quando o telefone toca a minha mulher atende, ela já sabe, é a moça do cigarro.

OBS. Sua grande tristeza: enquanto salvou tantas vida desse mal, sua esposa morreu cancerosa do tabagismo. Com ela em vão sua luta de marido e médico. Confidenciou-me.

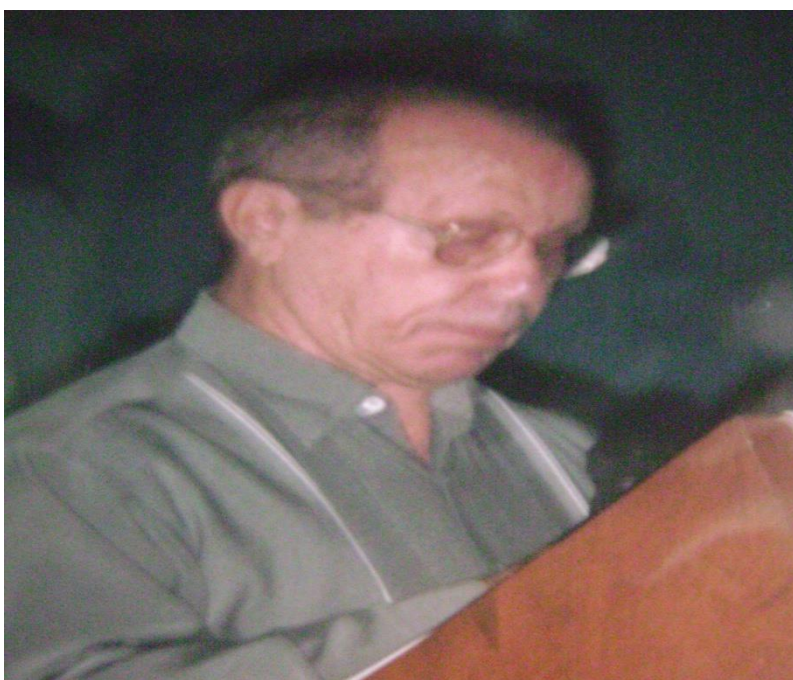


WALBERT DA COSTA PINHEIRO nasceu a 28 de março de 1922 e faleceu, em São Luís, a 29 de abril de 1982. Advogado, funcionário público federal, parlamentar, orador, político, primoroso jornalista, cronista. Redator de *Jornal do Povo*, de *A Resistência* e diretor geral do *Jornal do Dia* Fundador de *A Rua*. Deixou artigos antológicos entre os quais o intitulado *Rebanho de Panúrgio*; Ficou também na

memória jornalística do Maranhão a sua coluna diária intitulada *De Costas para o Povo* e crônicas radiofonizadas no programa “A Difusora OPINA”. Autor dos livros inéditos: *Horácio no País do Biroga* e *A Noite do Outro Dia*: **Patrono da Cadeira 33, da Academia Sambentuense, fundada pelo professor Antônio Lisboa França.** Ocupante atual Luís do Vale Fernandes Filho.



CARLOS BRENHA CHAVES nasceu a 31 de julho de 1925 e faleceu em Salvador a 27 de maio de 1999. Médico, professor universitário, funcionário público federal, pesquisador com seis trabalhos científicos publicados. Seus artigos e crônicas dominicais, publicadas em jornais de Salvador, há uma seleção inserida em seu livro – *Minhas Travessias*, das quais ressaltam *Carta aos são-bentuenses*, *Lirinha – minha mãe e o Presidente e o Poeta*. **Patrono da Cadeira 20, da Academia Sambentuense, fundada professora doutora Maria da Conceição Brenha Raposo.**



MANUEL DE JESUS PENHA ABREU nasceu a 4 de junho de 1926. Cirurgião – dentista formado pela antiga Faculdade de Farmácia e Odontologia de São Luís. Mudou-se para o município de Grajaú, onde foi diretor de escola, professor e servidor público. Contista, autor do livro *Sujeito Indeterminado*. Dois desses contos receberam premiações literárias. Essa obra foi vencedor do 2º Concurso de Contos da Universidade Federal do Maranhão (UFMA-1992), e o conto “Irmãos, por bem dizer”, a segunda colocação no 1º Concurso de Contos da UFMA – 1991, e o primeiro lugar no concurso literário promovido pela Secretaria de Administração em parceria com a Academia Maranhense de Letras, em 1966.



JOSÉ BRITO BARROS nasceu a 15 de julho de 1930. Bacharel teológico, Pastor, missionário da Junta de Missões Nacional, orador sacro, professor, poeta de grande produção. Autor das obras: *Memórias do Nazareno* (poemas sobre Jesus), *Criançadas Vamos Recitar*, *Apascenta Meus Cordeiros*, *Como líder, você atrai ou espanta*; *Poemas para o seu Natal, Mãe, Doce mãe, Imortal*; *Carta aberta aos meus pais*; *Favos de Mel*; *50 anos de Experiências Pastorais*; *100 Sermões Escolhidos*; *Poemas do meu coração*; *Sermões em Destaque e Atividades Recreativas*. ***Reminiscências Pastorais e São Bento dos Peris – Minha Terra de amor. Fundador da Cadeira 4, da Academia Sambentuense, Quadro de Correspondentes, patroneada por Nini Brenha.***

RESSUREIÇÃO.

Sem ter culpa qualquer fora pregado
Sobre o lenho da Cruz o Mestre Santo;
Dele mesmo não tinha um só pecado,
Sua vida fora em tudo um como canto.

Mas pregado lá está; vertendo pranto
Ali se encontra o grupo tão amado...
Os soldados disputam o seu manto,
Do feito vergonhoso um resultado.

Parecia que o erro era mais forte
Pois quem bem fizera tinha a morte
Qual recompensa líndima e real.

Mas veio a madrugada refulgente
Quando Jesus ressurgue ...o Onipotente
Que vence a morte, derrotando o mal.

MOTA JÚNIOR, TEMPLO DO SABER

Ó MOTA JÚNIOR, TU NOS FOSTE OUTRORA
ENSINADOR DE SUBLIMES LIÇÕES,
E O TEMPLO DO SABER INDA ÉS AGORA
A ILUMINAR INFANTES CORAÇÕES!
CORO: Ó SALVE, SALVE ESCOLA TÃO QUERIDA,
 TEMPLO DE AMOR, VIRTUDE E DO SABER!
 ÉS O FAROL FULGENTE EM NOSSA VIDA
 QUE NOS CONDUZ A UM BEM MELHOR VIVER!
TAL COMO OUTRORA INDA ÉS ENCANTAMENTO
COM TEU FULGOR DE ESPLÊNDIDO BRILHAR!
AOS TEUS ALUNOS DÁS ENTENDIMENTO,
TAMBÉM VITÓRIA OS FAZES ALCANÇAR!
Ó MOTA JÚNIOR, VAI, PROSEGUE AVANTE
EM TUA JORNADA DANDO EDUCAÇÃO!
FORTE, ALTANEIRO, DÚLCIDO, BRILHANTE,
ETERNAMENTE EM NOSSO CORAÇÃO.

SÃO BENTO, MINHA TERRA DE AMOR

São Bento, meu torrão, minha terra querida,
Aqui a te lembrar me quedo, e com saudade...
Em ti vivi feliz, foi-me um sonho de vida
Nesse doce rincão que amo de verdade!

O teu povo gentil praticava a amizade,
Teus campos e vergéis eram terra florida,
Teus doces e teu ar... E aquela comida?!
Bagrinhos, jaçanãs, enorme variedade...

O teu sol, teu luar, tuas dolentes cantigas,
Tuas festas, teus jardins, tuas palmeiras altivas
Tudo fico lembrando a sorrir e a chorar...

Minha terra de amor, de encantos e poesia...
De ti vivo distante... Enorme a nostalgia
Que faz-me o coração saudoso soluçar!
José Britto Barros – pastor – Escrito em J. Pessoa – 26.5.2009.



EVANDRO FERREIRA DE ARAUJO COSTA (EVANDRO SARNEY) nasceu a 16 de maio de 1931. Jornalista, conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, político, parlamentar, membro da Academia Maranhense de Letras, orador e consagrado cronista. Autor dos livros *Cantigas de Quebra mar*, *Aquele verde tão verde*, *Cantiga quase exílio* e *Noite Maranhense* (discurso posse na AML). De seus sonetos, *Urubu* é realmente antológico. Eis mais dois poemas de Evandro Sarney: **Fundador da Cadeira 16, Academia Sambentuense, patroneada pelo constitucionalista Raimundo de Araújo Castro.**

URUBU

No topo dessa árvore sem fruto
Vejo-te, urubu, passado horrendo
Na aberração da tua dor trazendo
A vestimenta do teu próprio luto.

Vendo-te triste, retraído, escuto
Tua voz rancorosa maldizendo
O dia, a hora, o trágico minuto
Da Natureza, a raça concebendo.

Ambos somos iguais, ave agourenta
O veneno que encheu a tua taça
É o mesmo que interiormente me sustenta.

Como tu, revoltado, até profano

Maldigo dez mil vezes minha raça
E esse destino que me fez humano.

ODE A SÃO BENTO. – presente natalício.

Ao despertar te vejo, linda, orvalhada
minha cidade natal, cheia de encanto
que de tão meiga e bela foi batizada
como tinha de ser: nome de santo

São Bento, berço meu, terra encantada,
que em verso de poeta, feliz, eu canto
no teu aniversário me alegre tanto
que volto a minha infância já passada.

Terra dos meus avós, meu pai e minha
de verdes campos, graúna, “caboclinhos”,
que na gaiola, em meu quarto eu sempre tinha

Longe de ti, jamais estou sozinho
teu perfume ao meu lado vem, caminha
qual uma imensa rosa, sem espinhos.

CANTIGA DO COMEÇO AO FIM.

Seguro entre as mãos esta cabeça
que me cansa os cotovelos e o pescoço
No rosto os traços herdados dos marinheiros da Baixada,
Perdidos na infância...
A minha Vila natal é uma ilha
Cercada de verdes campos,
Por todos os lados.
Detrás da igreja do Senhor São Bento
E a cem metros do porto marítimo da cidade
Ficava a nossa primeira casa:
Muitas e grandes janelas,
Um varadão assoalhado que dobrava em forma de L,
Uma enorme mesa,
Dois compridos bancos:
Um quintal quase sítio.
A frondosa laranjeira
Os pés de pitanga e de romã
O velho coqueiro
E um compacto bananal
cheio de aromas noturnos
E de canto dos pássaros.
Ao lado da cerca o poço de água cristalina
Em cujo peitoral
Eram tomados os banhos de cuia.

Às seis da tarde, quando os sinos da igreja badalavam,
Minha mãe abençoava os filhos.
Nessa hora sua voz ficava mais doce que o mel.



MARIA DE NAZARÉ FARIAS nasceu 10 março de 1929. Professora, escritora e poetisa. Livros publicados: *Fragmentos Reunidos* – prosa e versos (1997); *Amor na Primavera* - contos (2000); *Meu livro à véspera de minha partida* – biográfico (2002); *Noites de Insônia* – versos (2003); *Gotas jorradas do coração* – prosa e verso (2004); *Sonho persistente* – versos (2006); *Três Vultos Admiráveis* – biográfico (2007). *Do outro lado do mundo* (2008); *Rosa Castro (2010) Reminiscências mergulhadas nas saudades dos mestres* (2013). **Fundadora da Cadeira 1, da Academia Sambentuense, patroneada por Rosa Castro.**

DIÁLOGO.

“ – Canta, minha amiga, quero ouvir-ter teu canto!
Escuta...escuta a voz do meu coração!
Por que fazes da tua vida um desencanto?

Sei que fizeste do canto uma oração;
Então muda em melodias esse teu pranto...
E deixa-me ouvir-te entoar nova canção!”

- Não! Jamais se apartarão meus ais sofridos...
Agradeço-te...mas prefiro ficar
Na quietude dos cantares reprimidos...

E nas palavras o poeta eu vou esperar,
Mesmo na tristeza, com meus gemidos:
Que nos céus se faça estrela meu chorar.

INQUIETUDE do CORAÇÃO.

Sinto, bem no íntimo do ser
Brilhar luminosa uma chama.

Amor? Ilusão? Bem querer?
O coração envolvido em drama?

Sim, isto quer me parecer,
Pois irrequieto ele se inflama
Do sol do ocaso ao anoitecer...
Dia claro, inda por algo clama!

Que tens? Que queres coração?
Dize: qual a tua pretensão?
Enfim, por que palpitas tanto?

Calma! Desfaze esse teu sonho,
Não podes voar, mas te proponho..
Nadarás...na água o meu pranto..

MINHA TERRA NATAL.

São Bento, São Bento, quando te deixei,
Naquele momento em que estava a chorar,
Que iria sentir tanto, tanto, nem lembrei,
No desespero da dor, como pensar?

Desatenciosa, às pressas, tudo arrumei,
Estonteada, no afã de me distanciar,
Desfazendo o que em anos acumulei,
Para quanto mais depressa me afastar.

Perdoa, minha linda "Suíça Maranhense",
Tenho muito orgulho de ser são-bentuense,
E em tuas entranhas, minhas raízes possuir!

Não sei se esse proceder foi errado ou certo,
Mas São Luís me acolheu de coração aberto..
E eu amarei vocês enquanto existir!

O TELEFONEMA.

Trim...trim....trim ..o telefone tocou.
Eu, sem pressa, normalmente atendi;
- Alô! (Do outro lado alguém se expressou:
"Um bom-dia pra você!" Surpresa ouvi.

Essa voz! Susto imenso me causou!
Momento de grande emoção vivi...
Tanta ... que o raciocínio me roubou,
Não soube o que dizer ...emudeci.

- Afinal, quem é? Quem está falando?
(Refazendo-me, pude perguntar.)

“Sou eu mesmo.. quem você está pensando!”

Alegre, quase me faltando o ar,
Trêmula ...suas palavras fui escutando...
Põem... o que disse ... eu não vou contar!



JOEL BRITO BARROS nascido a 1º de agosto de 1932. Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil; em Licenciatura em Filosofia pela Faculdade de Filosofia. Universidade do Recife. Sociólogo e músico organista da Ordem dos Músicos do Brasil, autor da música do hino do Grupo Escolar “Mota Júnior”, de letra composta pelo irmão, Pastor José Brito Barros.. Ex-Professor universitário UFMA: Magistério e Administração; de Sociologia, nas Faculdades Serviço Social, de Educação; do Instituto de Filosofia. Professor de Introdução aos Estudos Sociais, do Instituto de Letras e Artes. Professor de Sociologia Geral, Filosofia e Psicologia, , Geografia e Economia. Fundador e diretor da Escola Primária do Núcleo Social Manoel da Paz, da Igreja Batista do Cordeiro, Recife (PE). Vice-Diretor da Biblioteca Benedito Leite. Co-Autor e coordenador do Projeto Bandeirante e do Plano. Autor da revista “Um Século Edificando Pessoas”. Faleceu 9 de junho de 2015. Fundador da Cadeira 13, da Academia Sambentuense, patroneada por Celino Porciúncula de Moraes.



Eurípedes Brito Cunha nasceu em São Bento, em 15 de dezembro de 1935. Filho da são-bentuense Benta Brito Cunha e do baiano Jeconias Cunha, então sargento servindo na Delegacia de São Bento. Em tenra idade mudou-se para Bahia, continuou os estudos em Salvador e graduou-se no dia 10 de outubro de 1959, em Direito pela Universidade Federal da Bahia. Especializou-se em outros cursos jurídicos. Nessa cidade mantém escritório com atuação em Direito Trabalhista, Previdenciário, Imobiliário, Família, Civil e Tributos. Presidiu: a OAB-BA (1989-1991), o Instituto Brasileiro de Direito do Trabalho (2004-2006) no qual exerceu a secretaria geral; dirigiu a Seção da Ordem dos Advogados do Brasil Presidiu a Membro do Instituto dos Advogados Brasileiros da Bahia e conselheiro fiscal federal, representante da Bahia (1991-1993). Professor universitário de Direito do Trabalho, Processual na Escola Superior de Advocacia – ESAD, da Ordem dos Advogados do Brasil - Seção da Bahia. Comendador da Ordem do Mérito do Estado da Bahia e da Medalha Tomé de Sousa. Sócio Grande Benemérito da Associação dos Serventuários da Bahia. Participou de banca examinadora do concurso de juiz do Trabalho. Colabora com Jornais de Salvador – A Tarde e Jornal da Bahia e, do Sul do Estado. Possui trabalhos publicados em Revistas Especializados de São Paulo (Editora Revista dos Tribunais). Fala Português, inglês e espanhol. **Faleceu a 3 de abril de 2014. Membro da Academia Sambentuense do Quadro de Correspondentes, fundador e ocupante da Cadeira 12, patroneada por Raimundo Nonato Farias Brito (Professor Mundoca Brito)**

MEU AMIGO

Há uma letra de música popular brasileira que diz assim: “gostei de uma criatura sem moral sem compostura sem coração sem pudor”; a outra esta diz “você abusou, tirou partido de mim, abusou”.E meu amigo, sempre que podia, lembra-se dessas canções, não as cantava, mas recitava os seus versos magoados, e o fazia, naturalmente, cheio de mágoas. Nunca o vi rancoroso, somente a tristeza saltava dos seus olhos lânguidos.

Nunca falou de ninguém, jamais citou nomes, mas todos nós, seus amigos e colegas de trabalho sabíamos de quem se tratava e vinha-nos à memória algumas palavras que definiam com mais ou menos precisão os seus sentimentos de dor e de melancolia. Sobretudo de ingratidão.

E eu quedava a matutar sobre a ingratidão. Que coisa má, perversa, triste, dolorosa é a ingratidão.A ingratidão envolve o mais torpe dos procedimentos humanos, pois envolve a traição, o enganar, o tirar proveito de modo falto,enganoso, aproveitar-se da própria falta de caráter (HOUAISS).

Considerando-se a paridade com o criminoso comum, o ingrato supera-o pela falsidade, pelo modo cruel como age, por que assassino retira a vida terrena, mas o ingrato destrói os sentimentos, aniquila irremediavelmente a alma, esta sim, imagem divina que habita nosso corpo. Destrói, não no sentido físico até porque o espírito é indestrutível,mas submete-o a tortura de tal sorte dolorosa e infamante, que a recuperação jamais poderá ser recuperada.

Além disso, a ingratidão não investiga, não quer saber de razões, de motivos, ela existe por si mesma. É só e simplesmente para fazer o mal, destruir, maltratar É o verdadeiro sadismo moral. É Brutus

apunhalando o pai pelas costas com um punhal, enquanto abraça-o, é beijo de Judas, depois de obter de Cristo todas as graças.

Mas ninguém admira o traidor, mesmo os seus “amigos”, pois sabem que mais cedo ou mais tarde também serão traídos, a traição é uma doença sem cura, termina matando o próprio traidor, como ocorreu com Judas. Ama-se a traição, odeia-se o traidor.

O criminoso comum pode cometer o ato ilícito num momento impensado e até na perda momentânea da consciência. O ingrato, não, para perpetrar o mal, ele pensa, repensa, estuda, manipula a sua vítima, estuda todos os ângulos do procedimento da vítima até, qual serpente, dá bote certo, infalível, mortal, definitivo.

Eis o traidor.

Pensa-se, então, na vingança. Mas a vingança contra o traidor significa também cometer uma traição, diz meu amigo. Então diz meu amigo, e eu não sou traidor, graças a Deus e a ajuda aos meus pais, eu tenho caráter, consigo superar toda maldade, ele sempre repete com esperança os olhos fixos no céu.

Mas, então o momento supremo da felicidade do traidor. Ter alguma notícia de ruim fato perverso ocorrido com a sua vítima. Ah! o traidor não se contenta dentro de si próprio, tem que anunciar a sua vitória, qualquer vitória tudo vale. E você fica cada dia mais atônito, enlouquecendo.. perguntando-se: por quê? Não há resposta, pois, ela não existe, os paranoicos não precisam de razão, a razão é a sua mente doentia.

Detalhe importante: o traidor nunca age só. Há pelo menos mais dois colaboradores, também pessoas infelizes, um, geralmente mulher, chefia, idealiza, insufla, o outro quase sempre é “titia”, um homem afetivo velho e que não se aceita, precisa de maltratar alguém, não importa quem, atua nas sombras, às escondidas mesmo ido à residência da vítima, lá enchendo estômago vazio. (pois já velho e aposentado, quase na miséria) precisa comer. Come na casa da vítima à socapa, sob as benesses de sua colaboradora.

A vitória mesmo, como desejada, o esmagamento total do alvo da maldade, quase nunca vem, Deus não permite tanta perversidade, todavia, qualquer sofrimento impingido é uma vitória para o traidor. É a sua felicidade.

No mais, Deus toma conta. E até que a morte desfaça a quadrilha perversa, continuam maquinando as torturas que suas imaginações esquizofrênicas podem perpetrar.

Amém.

Eurípedes Brito Cunha

13 de fevereiro de 2012

OAB decreta luto oficial de três dias pela morte do ex-presidente Eurípedes Brito Cunha

A Ordem dos Advogados do Brasil Seção Bahia informa com profundo pesar o falecimento do seu ex-presidente, Eurípedes Brito Cunha, ocorrido na noite deste domingo (13), ao tempo em que presta solidariedade à família enlutada neste momento de dor e saudade. A cremação será realizada às 16h30 desta segunda-feira (14) no Jardim da Saudade e será precedida por uma missa às 15h30 no mesmo local. O presidente da OAB da Bahia, Luiz Viana, “lamenta profundamente a perda de Eurípedes Brito Cunha, que tantos serviços prestou à advocacia e à sociedade” e decretou luto oficial de três dias na OAB-BA pela morte do seu ex-presidente. Segundo o vice-presidente da OAB, Fabrício Oliveira, o falecimento de Eurípedes Brito Cunha “é uma grande perda para a classe, pois trata-se de um advogado com grandes serviços prestados à OAB”. “Eurípedes deixa uma grande lacuna, memória e sentimento. Oferecemos a nossa solidariedade aos familiares e amigos, em especial ao seu filho, o também advogado Eurípedes Brito Cunha Junior”, afirmou.

Advogado trabalhista, Eurípedes Brito Cunha tinha 78 anos e presidiu a OAB da Bahia de 1989 a 1991, durante a redemocratização do país, com a realização, em 1989, das primeiras eleições diretas para presidente após o fim do regime militar e das eleições gerais em 1990. Eurípedes Cunha criou comissões eleitorais que davam plantão 24 horas para dar assistência aos eleitores, candidatos e interessados de qualquer filiação partidária que precisassem de apoio jurídico. Durante sua gestão, preocupou-se com os Direitos Humanos e o aprimoramento do tratamento dado aos presos. Deu continuidade ao processo de interiorização da OAB, com a instalação de novas subseções. Instalou a Comissão do Advogado Jovem e a Comissão do Meio Ambiente. Integrante permanente do Conselho da OAB-BA, assumiu, durante dois anos, cadeira no

Conselho Federal da OAB, período que coincidiu com o impeachment do presidente Collor e o início do governo de Itamar Franco.

Na época, Eurípedes analisou o momento vivido pela advocacia como um período de mudanças significativas, especialmente na expansão e agrupamento dos escritórios, e insistiu na necessidade dos advogados passarem a escrever mais, aprimorando-se para acompanhar e melhor atender às necessidades da sociedade. Publicado na Imprensa de Salvador - BA



RAIMUNDO NONATO SERRA PADILHA nasceu 23 de outubro de 1935. Fez o primário no Grupo Escolar Paroquial em São Bento. Na infância foi aprendiz de carpintaria, sapataria e música. Estudou o ginásio na Escola Técnica Federal do Maranhão, com curso de alfaiataria. Aprovado na Escola de Especialista da Aeronáutica de Voo, em Guaratinguetá (SP). Com vários cursos, reformado como subtenente. Formou em Ciências Jurídicas e Sociais, pela UFMA. Professor. É autor do livro *Abnegação às causas do saber* em dois volumes.



JOAQUIM SALES DE OLIVEIRA ITAPARY FILHO nasceu em São Bento-MA, a 23 de abril de 1936. Filho de Joaquim Salles de Oliveira Itapary e Georgina Boabaidy de Oliveira Itapary. Em sua cidade natal alfabetizou-se com a professora Cota Teixeira e cursou parte do ciclo primário no Grupo Escolar Mota Júnior. Com a mudança de sua família para São Luís, fez os cursos ginásial e científico no Colégio de São Luiz. Líder estudantil, bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito de São Luís, onde colou grau a 8.12.1962. Especialista em Problemas de Desenvolvimento Econômico pela Cepal-ONU/BNDES e em Política Internacional e Desenvolvimento pela Cepal-ONU/Ministério das Relações Exteriores. Especializou-se também em Programação Orçamentária pela Sudene.

Ingressou no serviço público em 1954, como escriturário do Tribunal de Contas do Estado do Maranhão; foi secretário-executivo da Comissão de Planejamento Econômico do Maranhão, 1961-62; procurador autárquico da Sudene, desde 1963, órgão no qual exerceu as funções de assistente do Gabinete do Superintendente (gestão Celso Furtado) e chefe da Divisão de Coordenação do Plano Diretor de Desenvolvimento do Nordeste, 1963-65; membro da Assessoria Técnica do Governador José Sarney, 1966; diretor e a seguir titular da Superintendência do Desenvolvimento do Maranhão – Sudema, 1967-70; secretário de Planejamento e Urbanismo da Prefeitura de São Luís; diretor de Relações Industriais da Companhia Nacional de Álcalis – Cabo Frio – RJ, 1976; coordenador regional do Incra (Maranhão e Piauí), 1979-82; secretário da Cultura do Maranhão, 1983-85; secretário-chefe do Gabinete Civil do Governador do Maranhão, 1984-85. Presidente do Conselho da Fundação José Sarney.

Diretor-secretário dos jornais *Jornal do Povo*, *O Combate*, *Diário da Manhã*, Diretor-geral de *O Estado do Maranhão*, e diretor da revista *Legenda*, todos de São Luís.

Deputado da Assembleia Legislativa do Maranhão, 1971-74, eleito pela Arena, considerado um dos melhores parlamentares dessa legislatura.

Um dos fundadores do Fórum Nacional de Secretários de Estado da Cultura, do qual foi presidente, órgão de fundamental importância para a criação do Ministério da Cultura; diretor de planejamento da Empresa Brasileira de Transportes Urbanos – EBTU, 1985; secretário executivo do Conselho Nacional de Zonas de Processamento de Exportações; membro do Conselho Técnico do Banco do Brasil; membro do Conselho Técnico do

Fundo de Ação Social, da Caixa Econômica; membro do Conselho Nacional de Meio-Ambiente – Conama; pró-reitor de planejamento da Universidade Estadual do Maranhão, 1991-92. Superintendente do SEBRAE. Professor universitário, conferencista e orador.

Agraciado com as seguintes Medalhas: do Mérito Timbira; do Sesquicentenário da Independência do Brasil; do Mérito Santos Dumont, Ministério da Aeronáutica; do Mérito da Biblioteca Nacional do Brasil; do Mérito do Museu Nacional de Belas Artes; Da Costa e Silva, Mérito Cultural do Estado do Piauí; do Sesquicentenário da Independência do Brasil; Daniel de La Touche Sieur de La Ravardière, da Prefeitura de São Luís; do Mérito Visconde da Parnaíba, Piauí; João Lisboa, do Mérito Cultural, do Conselho de Cultura do Maranhão; do Mérito Mafrense; da Criação da Justiça Militar do Brasil; do Mérito da SUDENE; do mérito de O Estado do Maranhão. Pertence à Ordem do Mérito de Brasília, à Ordem do Mérito Aeronáutico e à Ordem dos Timbiras (em todas no grau de grande oficial). Medalha Cauçu, Câmara Municipal de São Bento. Medalha Newton Belllo, Prefeitura de São Bento. É cidadão honorário de Alcântara-MA.

Além de reportagens, crônicas e artigos em jornais e revistas, publicou diversos trabalhos técnicos em edições autônomas e em periódicos especializados. Dentre tais trabalhos destacam-se *Projeto do Maranhão: Notas sobre o problema da propriedade*. Recife: Sudene, 1965; e *Terras Devolutas: Direito e Colonização*. São Luís: Assembleia Legislativa, 1973. Redator de projetos de plantas de desenvolvimento para a Sudene e o Governo do Maranhão. Participou com os acadêmicos Carlos Madeira e Vera-Cruz Santana da comissão redatora do projeto de Constituição Política do Estado do Maranhão para 1968. Coordenou a redação final da Lei N.º. 7.505, de 2 de julho de 1986 (Lei Sarney) de Incentivo à Cultura e do Decreto N.º. 93.335, de 3 de outubro de 1986, que a regulamentou.

Procurador autárquico federal, foi, também, professor titular fundador da Escola de Administração Pública do Estado do Maranhão, membro do Departamento de Economia e Matemática da Universidade Estadual do Maranhão. Diretor-superintendente do Sebrae – MA, Conselheiro e Presidente da Fundação José Sarney.

Parte de sua produção está reunida nas obras: *Seis poemas de Joaquim Itapary*. São Luís: Edições AML, 1987, e *Do incerto ócio* (poesia). Brasília: Edições AML, 1989. Publicou, ainda, *A falência do ilusório; memória da Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil*. São Luís: Alumar, 1995 (v. 11 da coleção Documentos Maranhenses); *Sob o sol*. São Luís: Edições AML, 2000; *Tapuiranas*. São Luís, edições da Academia Sambentuense, 2007; *Hitler no Maranhão, ou O monstro de Guimarães*. São Luís: Edições AML, 2011. Por onde anda Willy Ronis, edição da Academia Sambentuense, 2013 e Armário de palavras, Academia Maranhense – 2015.

Membro da Academia Maranhense de Letras, ex-presidente, ocupante da Cadeira 4, Presidente fundador e de honra da Academia Sambentuense, ocupante da Cadeira 5. Joaquim Itapary reuniu, selecionou, organizou e prefaciou textos de natureza econômica de Bandeira Tribuzi, publicados, sob os auspícios do Banco do Estado do Maranhão S.A., no livro *Estudos inéditos*. São Luís: Sioge, 1992. Em colaboração com Álvaro Melo, organizou e anotou a 2ª edição do livro *Pai e mestre*, de Dom Felipe Condurú Pacheco. São Luís: Academia Sambentuense, 2004.

SÃO BENTO NOVO.

As simples e claras casas
com suas flores singelas
estavam sempre quietas
cheirando a café torrado
janelas francas abertas
em seio tranças e fitas
sem pecado e indiscrição
devassavam alcovas íntimas
com rede alva de linha
e mosquiteiros de gaze
protegendo mil amores
A densa fumaça branca
da doce lenha dos matos
esvaindo dos telhados
de pombos e rouxinóis
sem palavras convidava

para os prazeres da mesa:
o leitão no forno assado
o pirão com Jaçanã
o peixe do campo cozido
com pimenta ao tucupi.
As sobremesas tão ricas
de colorido e sabores
em branco pires servidas
com queijo de leite puro.

Depois o café e o fumo
a prosa ligeira e fina
na varanda das gaiolas
aberta ao quintal tratado
com cheiro de resedá.
Quanta vida dissimula
esta vila da baixada
de ruas sem burburinho
dos campos prolongamento
insinuando nas praças
seus verdes capins delgados
de esterco novo nutridos.

SÃO BENTO DOS PERIS.

Leve brisa campesina
em claras manhãs de abril
breve agita o bananal
dos quintais alegre copas
com o verde novo cantar
Tardes mornas antecedem
baixa noite e solidão
voa azul líquida lua

metálica prata que molha
pardos prados liquefeitos

CAVALEIRO DO TEMPO.

Eu também fui cavaleiro
Na folha da bananeira
Esquipando sob estrelas
Na rua que ruma ao porto

Que noites de corre-corres
Na “Boca-de-lobo”? – lobo.
Quem não fizer pega bolo
Na praça do boi rosilho.

A domingueira fragrância
Das aromosas donzelas
Vindo dos Treze lavadas
Com cachos de resedás
Ainda perfuma as folhas
Do meu livro de odores

As andorinhas do Carmo
No céu de cinzas sumiram
E as melancias pariram
Sementes de araticuns.

Oh! Tempos que corre-e-foge
Oh! Tempos de pára-a- vida
Por os pés se enleiam
Nas ramas do nada-vale.

(Poema dedicado a Vavá Melo, feito pelo transcurso do 95º aniversário da cidade de São Bento).

HINO DE SÃO BENTO.

*São Bento meu doce berço de amor,
São Bento minha vida a ti darei.
No meu peito estarás onde eu for
Longe de ti de saudades morrerei.
Tuas aves povoam a minha alma
A esperança é teu verde, a tua luz
Tua terra é o pão que me alimenta,
O teu campo com flores me seduz.
O saber é o ouro do teu povo
É a glória o futuro da cidade,
Construíste com o trabalho a tua honra,
Ilumina-te o Sol da Liberdade.*



SEBASTIÃO BARROS JORGE nasceu a 20 de janeiro de 1939. Advogado, pesquisador, professor universitário, pós-graduado em Comunicação Social. **Professor Emérito da UFMA, após 30 anos de magistério nessa Universidade.** Redator do jornal Diário da Manhã, trabalhou em o Imparcial, articulista de O Estado do Maranhão. Colaborou em o *Jornal de São Bento* Correspondente de vários jornais e revistas do Brasil. É autor dos livros *Pesquisas em Comunicação, Os primeiros passos da Imprensa no Maranhão, A Linguagem dos Pasquins; Política Movida a Paixão* e *O Jornalismo Polêmico de Odorico Mendes, Cenas de Rua e Imprensa do Maranhão no século XX (reeditado 2015). Inovações do Jornalismo no Mundo.*

PEQUENO GRANDE HOMEM.

Há pessoas que entram no mapa das nossas recordações e se torna difícil de sair. A não ser se expressando através da escrita. Alivia. E o faço por um dever de consciência. No caso o assunto se volta para o farmacêutico Benedito Maia Moniz (1899-1869), que no próximo dia 30 de abril, completa 40 anos de morto.

Em tudo há uma verdade e concluo que, alguém para ser respeitado e permanecer na memória de um povo, não precisa ter no currículo medalhas, exercer altos cargos públicos, menções honrosas, títulos universitários ou pertencer a uma academia de letras ou instituição científica.

Naquela data ele dava adeus aos familiares, amigos e mais que o conhecia e admirava, pelo muito que fez, para minorar dores, sofrimentos, curando feridas e fazendo partos. Para todos transmitia palavra de consolo, incentivo e esperança em recuperarem a saúde. De estatura baixa, cor branca, olhos azuis e cabelos negros. Parecia um europeu pelo aspecto físico, e desse povo pelos antepassados herdou a

descendência. Sempre vestido de branco, como recomenda a profissão, lá ia ele, o médico do lugar, o faz tudo, atender quem precisava do seu serviço.

Locomovia-se, quando solicitado, com uma bolsa e aparelhos indispensáveis para uma consulta. De imediato queria saber, entre outros males, como andava ou batia o coração do paciente. A sua presença alegre, sorriso permanente e um gracejo com os conhecidos, transmitia confiança e amizade. Picado pela mosca da política deixou que o veneno penetrasse no sangue, o que não impediu de prosseguir na missão de aos necessitados e que atravessavam momentos difíceis. No Maranhão havia um médico do século 19, Silva Maia, clínico competente e político até a medula. Certa vez um adversário ferrenho adoeceu gravemente. Não teve outra alternativa, aconselhado pelos amigos, mandou chamá-lo e não se fez de rogado. Deram-se às mãos, conversaram e o doente, após cumprir as recomendações, curou-se. Como ficou depois a relação, não sei explicar.

Eu quanto despertei para a vida, lá em São Bento, vi que morava em frente da farmácia daquele farmacêutico. Frequentava a minha casa para conversar com os meus pais, assuntos corriqueiros, novidades sobre a cidade. Nada de política. “Seu Bibi”, assim, conhecido dava boas gargalhadas ouvindo meu pai Chafi falando no idioma árabe a seu pedido. Tentava repetir a caía na gargalhada. Em tempos remotos podia-se considerá-lo um alquimista, uma espécie de feiticeiro, pelas porções de produtos químicos preparados e que curava aqueles que recorriam ao seu conhecimento, como xaropes, pomadas, expectorantes etc.

O que me impressionou de verdade e, não consigo esquecer até hoje, daí o fato permanecê-lo na memória eram as redes (a ambulância da época) seguras por um pedaço de taboca ou madeira roliça, enfiadas na parte superior dos punhos e transportadas nos ombros por uma equipe de homens fortes, que se revezavam. Nela vinham as vítimas de um incidente ou acidente. O endereço era só um na falta de hospital: a porta da farmácia do “Seu Bibi”.

Em certas ocasiões as redes, que serviam para (...) o nascimento, o sono, o ócio (amaldiçoado pelo padre Vieira como indutor da preguiça), e morte, estavam encharcadas de sangue. Os pacientes vinham de longa distância ou de outras comunidades. As vítimas, geralmente chegavam mutiladas, por brigas com arma branca ou a bala ou sentindo outros problemas. Ele os atendia a qualquer hora do dia e noite, domingo e feriados. Nem sempre cobrava o trabalho e os remédios, e quando o fazia, ficavam no fiado; com a desculpa – pago quando puder. Todos pobres, sem eira e nem beira. Por tal motivo fechou por várias vezes a farmácia.

Pesquisando determinado assunto no jornal “O Debate”, década de 40, e o qual era de oposição, despertei a atenção para certas notícias que falavam de Benedito Maia Moniz, deputado constituinte eleito em 1947, para a elaboração da Constituição do nosso Estado. Devia ser importante. Certamente uma pedra no caminho dos adversários. Assumiu a prefeitura de São Bento por diversas vezes. Depois o perdi de vista, pela minha ausência daquela cidade. Doente, se achava internado, vítima de um AVC, no Hospital Geral. Fui visitá-lo. Há muito não nos encontrávamos. Demonstrou alegria, sorriu e teve força para perguntar pelos meus familiares. Foi o nosso último encontro. Depois tive a triste notícia da sua morte. São essas pessoas que pela missão cumprida, consideram-se construtoras da humanidade. “Seu Bibi” merece boas recordações de todos os são-bentoenses. .

A beleza da baixada

- Sebastião Jorge

O poeta Ferreira Gullar, um dos nossos embaixadores da poesia no Brasil e no mundo, confessou para uma revista que o quintal de sua casa na infância, em São Luís, tornou-se importante para fazer versos que encantam a todos. Refere-se à vivência do passado, na elaboração da linguagem. Quem transfere a memória para um lugar íntimo como esse quer revelar mais... Deve pensar no quintal da cidade e de toda a magia que condensa. Com tal recurso criativo chegou ao âmago da prosa de suas memórias “Rabo de foguete”, “E de muitas vozes” e “Poema sujo”, nas quais o narrador recupera uma grande faixa de - experiências políticas, amorosas, eróticas, afetivas, de brincadeiras e trabalho. Bendito aqueles que na sua idade, cabelos brancos e fartos, enfrenta a travessia dos obstáculos e prossegue construindo o melhor e o que sabe fazer, versos, sem esquecer o quintal da infância.

Essa recordação de Gullar me transfere para outros quintais. O quintal da casa onde nasci e o mesmo se acha encravado no imenso espaço, cuja área cobre toda a cidade de São Bento. O exemplo do poeta me contamina e passo a sentir vivências que refletem no meu agir e fazer. O período chuvoso me transporta para aqueles quintais. O passado, como a nos seguir, provoca inspiração, com base na realidade. Ficção é o futuro. O amanhã é dúvida. Passado e presente são fatos vividos e em constante provação diária.

Com as chuvas a paisagem da Baixada Maranhense muda, fica bela e sedutora, multicolorida, o aroma das flores aquáticas se espalha e completa com a presença variada de animais. O canto das aves afinado se ouve à distancia. Ficam assanhadas e prontas para o acasalamento. Parece uma sinfonia, sem arranjo de notas musicais e ensaios, mas, provocante pelas emoções. É uma festa da natureza. Chove na capital e naquele recanto que se parece, não com o “Paraíso perdido”, de John Milton, e sim, com um outro, a céu aberto, que oferece fartura ao estomago e alegria à alma.

Tudo vem do céu e da terra. A passarada e a vegetação, esta, de um verde forte que parecia com um tapete mágico, depois se transformava em mar, pelo volume das águas das chuvas. É a única região maranhense que oferece um espetáculo natural e diferente, a cada seis meses.

Quem não a conheceu, com seus rios, lagos, igarapés (que abastecem o rio Aurá), mangues e outras riquezas, não sabem o que perderam. Era assim e não sei se continua do mesmo jeito. No meu tempo, nos anos 50, o barco continuava como o único meio de transporte certo. Como o brasileiro não respeita as áreas ecológicas que tudo oferece e só querem preservação e respeito é capaz da baixada não ser a mesma. Metia pena saber que os caçadores não se conformavam com a presa, mortas às dezenas, com espingarda, mas retiravam o ninho com os ovos ou os filhotes. Os apressados caçavam ou pescavam fora da época recomendada o que impedia maior reprodução.

Pelo menos um dia foi daquele jeito e com orgulho posso dizer: meninos eu vi. Era povoada em toda sua extensão, com plantas e flores exóticas, por aves como: jaçanãs, japeçocas, carões, marrecas, socós, paturis, garças brancas e vermelhas, colorindo o céu; peixes como jejus, bagrinhos, pescadinha, traíra, mandubés, e os perigosos poraquês (que dão choque) e as violentas piranhas (capazes de devorar um animal grande em minutos), isto para não falar nos estragos das enormes sucturis, jararacas, jiboias, muitas vezes encontradas dentro de casa. Tudo o que se imagina existir no Pantanal Mato-

grossense, como a ave símbolo daquele local, o tuiuiú, não precisava sair do Maranhão, bastava ir à cidade dos são-bentoenses.

Refiro-me a um tempo distante e sobre o qual as gerações do telefone digital, não conhecem. São Bento, pela magia do lugar, os seus filhos quando não retornam para rever a cidade e os amigos, a retém na lembrança. É difícil esquecê-la, como a conhecemos: ruas sem calçamento, animais de cangalha carregados de produtos alimentícios vindos do interior, com os cabrestos amarrados à porta do comércio. Na ausência de luz elétrica recorria-se a idade média, servindo-se do lampião ou quando a situação econômica permitia, buscava-se a Revolução Industrial, ou seja, o petromax. Apesar desse panorama e carências havia tranquilidade e só o que incomodava eram as muriçocas e os ladrões de galinha. Andava-se à noite no escuro e nem fantasma assustava.

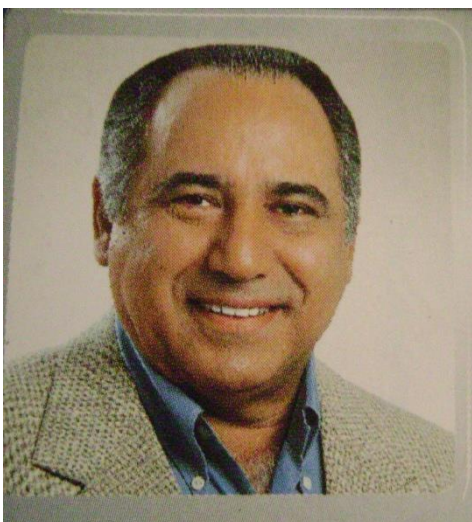
*Jornalista

(seb.jorge@uol.com.br)



MILSON DE SOUSA COUTINHO cidadão de São Bento, nascido em Coelho Neto, dia 9 de março de 1938.; Advogado, jornalista, publicista, jurista, escritor, historiador, desembargador, presidiu o TJMA, o TRE e a **Academia Maranhense de Letras**. Publicou entre outros: Atualidades do Padre Vieira, O Poder Judiciário do Maranhão, Pesquisa para História Judiciário de Coroatá, Presença de Maquiavel nos Estados Totalitários, Presença do Maranhão no Supremo Tribunal, Apontamentos para a História Judiciária do Maranhão, Apontamentos para História do Maranhão, Poder Legislativo (3 volumes), Caxias das Aldeias Altas, Revolta de Bequimão, História do Tribunal de Justiça (MA), Caxienses ilustres, Fidalgos e Barões, Maranhão no Senado, Presença do Maranhão na Câmara dos Deputados, Ouvidores-Gerais e Juízes de Fora (Livro negro da Justiça Colonial do Maranhão).Constituições do Estado do Maranhão. Síntese Histórica do TRE do Maranhão. “Centenário de nascimento do Desembargador

Sarney de Araújo Costa”. **Fundador da Cadeira 28 da Academia Sambentuense**
patroneada escritor e romancista João Climaco Lobato.



REMI ABREU TRINTA nasceu a 8 de fevereiro de 1940, cirurgião-dentista, médico, orador e romancista. Político foi prefeito de Palmeirândia, deputado estadual e federal em várias legislaturas, nos dois parlamentos e secretário de Estado. Possui artigos e ensaios publicados na imprensa de São Luís. Autor dos livros *Chão de Discórdia* – romance e *Lupa sobre o Brasil* – Ensaio político.



ÁLVARO URUBATAN MELO nasceu a 14 de abril de 1940. Pesquisador, ministrou aulas de Matemática e História em colégios de São Bento, bancário aposentado. Primeiro presidente da Federação das Academias de Letras do Maranhão. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, cadeira 53. Membro fundador da Academia Ludovicense de Letras, cadeira 23. Publicou seis ensaios biográficos e São Bento dos Peris: água e vida, volumes 1º e 2º. Perfil Acadêmico, Apontamentos para Literatura São-bentuense. Reorganizou o livro “Mistérios da Vila de São Bento, Memorial de São Bento Novo, Dom Luís de Brito – o político, o orador, o revolucionário e pedagogo. Artigos publicados em jornais de São Bento, Pinheiro e São Luís. Escreve mensalmente na Coluna Maranhensidade do Jornal Pequeno. Artigos publicados nas Revista do IHGM. Exerceu a Diretoria Administrativa da Fundação José Sarney e membro de seu conselho editorial. Medalha Bicentenário do nascimento de João Francisco Lisboa -2012 – AML, Dom Luís de Brito – Câmara Municipal de São Bento – 2002. Bicentenário da Justiça Militar no Brasil – abril – 2008., Cidadão de São Luís. Membro da JARI - S. Luís. **Fundador da Cadeira 9, da Academia Sambentuense, patroneada Alfredo Augusto da Costa Leite.**

Com poeta não se brinca.

Ultimamente, com muito prazer, correspondo-me pela Internet com dois bons amigos e brilhantes conterrâneos. Esse tem sido meu primeiro labor diário. Sempre é prazeroso tal contato, não obstante ser invisível. Ficamos revigorando lembranças da boa terra. Confortadoras reminiscências, tão juvenis na exuberante memória deles. E ajuntando retalhos aqui, outros acolá, reconstrói-se caminhos percorridos, sobretudo, passagens do Grupo Escolar “Mota Júnior” e dos vultos ilustres e anônimos que marcaram nossa infância e foram presentes na vida da cidade.

São dois advogados de inteligências comportamentais antagônicas. Ambos eruditos. Um clássico, poeta. O outro prosador, menino da roça, prima por zelar o linguajar e costume rural. Legítimo causídico dessa bela cultura que aos poucos se esvai.

E na certeza de que encontraria no site, mensagens deles, levantei-me da tapuirana direto à janela para ver como descortinava o alvor ludovicense. Diferente da aparência romântica de São Bento. Não houve voos dos urubus rumo à matança, nem cantos da passarada (japins, leva-ribas, vin-vins, bem-te-vis). Não ouvir grunidos, relinchos e “corocócs”, nem a zoada da vizinhança no cuxe, cuxe, enxotando porcos e no passa cachorro. Os sinos das igrejas não repenicam. Não vi filetes de fumaça saindo pelos beirais exalando o cheiro do café torrado; nem nuvens dos fornos das olarias, impregnado do olor de barro queimado, suavizado com o perfume dos jasmíns e das estrelas emanados dos quintais.

A paisagem então vista era outra: No lugar de frondosas mangueiras, apenas arbustos espremidos por selvas de pedras. Invés daquela harmônica sinfonia, irritantes pios de pardais e rancos de motores com excesso de decibéis, incomodam e poluem a sonoridade. Os altos edifícios tapam a visão horizontal da cidade dos cadeados e das cercas elétricas. Para contemplar o raiar da matina, restou-me olhar para cima. Aí, para provocar saudades que me dominavam, sabendo serem madrugadores, para um deles enderecei.

Meu esplêndido poeta.

Como este céu amanheceu hoje, nesta São Luís, nublado, bem zangado, tão sereno e sem vento. Nem as árvores balançam muito menos urubus voam. O sol raiando, estuprando as nuvens brancas, deves estar compondo mais um belo soneto. Imagino não receares o frio, o que bem cedo me fez procurar um cobertor. Eu que no vigor da

mocidade tanto o desafiei. É a velhice mudando meus hábitos. Embora me sinta bem assistir ao amanhecer, nunca tive o prazer de acordar cedo. Fazia por circunstância e imposição do dever, não obstante apreciar aquela poesia da “Cartilha de Luís”, do memorável primário do nosso “Mota Júnior”. Não sei se foi do teu tempo. Lembro-me de alguns versos: “Acorda meu filho que o sol despontou. As aves canoras, o canto vibrou. Desperta já surge a alvorada. É b ela manhã, deixá-la passar. É crime meu vem logo estudar. A vida se agita, avante ao trabalho. O fraco é que fica à margem da estrada.” Falta ordená-lo e completar. Faz como a estória do padre que perguntou à ovelha se não sabia rezar o Padre-Nosso. – Respondeu: padre, rezar eu sei, o que não sei é espalhar na cara. Fato semelhante aconteceu com o velho Urbano da Praça da Matriz (baixinho, engraçado) vaqueiro do Dr. Amaral de Matos que lhe pedia para colocar sinais de pontuação em seus bilhetes que estavam confusos. No próximo, depois de ele concluir, colocou abaixo todos os que conhecia; vírgula, ponto e vírgula, interrogação ... Pronto doutor o que o senhor pediu agora bote no lugar que quiser..

A suposição valeu, foi involuntariamente provocador o MOTE. Mais tarde, não muito voltei ao computador e encontrei.

Soneto Induzido.

Neste clima nublado, chuva fina. / Nenhum balanço de árvores, sem vento, / A palavra melhor com que define / Este dia, não sei. O pensamento.

Passei longe, vaga experimento / Alguma forma de expressão – e a mina / Que eu julguei possuir é desalento, / É o nada, um não sei que predomina.

A musa me vem, a rima é pobre, / Verso forçado – logo se descobre; / Tarefa inglória é esta a que me meto

Vou desistir, o verso quando é bom / Flui, livre vem, na métrica no tom / Bem que eu tentei fazer este soneto.

Vavá. Para não te frustrar a expectativa hei-lo. Tentei e saiu isso aí que vês. O dia não só está para prosa mesmo.

Antonio Carlos Pinheiro. Ele é assinante e colaborador desse jornal.

– 23 de janeiro de 2008.

Agradei e recebi a anuência para publicar.

Gonçalves Dias. Álvaro Melo publicado na Antologia Mil poemas para Gonçalves Dias.

Tu cantaste um povo puro
Habitante das florestas
Generoso, sem perjuro
Na labuta, como em festas.

Se tupis, tupinambás
Pouco importa fosse a raça
Exaltaste com a graça
Dos que são de Jabotás.

Defensor intransigente
Com impávido labor
Promoveste nobre gente.

Tu notável bravo vate
Ensinaste com ardor
Que se vence com combate



MÍRIAN ANGELIN nasceu em São Bento, a 9 de dezembro de 1941. Bacharelou-se em Serviço Social pela UFMA. Com experiência de trabalho na Varig, Singer, Link Publicidade, , SOFINAL – Sociedade Financeira Nacional S.A (Rio de Janeiro, Secretaria de Educação Municipal, FEBEM, Fundação Nice Lobão e Viva, Penitenciária de Pedrinhas. No Viva

Cidadão idealizou, criou e desenvolve trabalhos com projetos diversos. Coordena desde 2003, o Rabiscando Momentos, projeto literário com onze publicações, todos com textos seus. É autora do livro Açucena – A Estranha Dama. Ocupante atual da Cadeira 25, da Academia Sambentuense, fundada Jerônimo Pinheiro, patroneada por Urbano Hesketh Pinheiro.



ANTÔNIO TRINTA TRINDADE nasceu a 5 de julho de 1941. Filósofo, poeta, contista e romancista. Livros publicados: *Filósofo, poeta, contista e romancista*. Livros publicados: *O Quarto Beijo* e *Encontro dos Impérios*, *Magia da Inocência e Terra de Milagre* – Romances. *Lágrimas Suspensas* – Contos. *Fidelidade; Flores Queimadas; Ternura* – poesias. *Minha terra dileta* – crônicas. **Fundador da Cadeira 39, da Academia Sambentuense, patroneada por Dom Luís Raimundo da Costa Leite.**

SÃO BENTO

Terra de belos campos, tantos
Que o fim a vista não alcança
Estórias de milagres de santos
Pesca e caça em abundância.

Povo bonito, indiado e forte
Que apelidos gostava de botar
Em qualquer um que a sorte
Mandasse na cidade morar.

A Rua Grande, longa, fina,
Cavaleiros para cá e para lá.
A água do Treze, cristalina,
Gostosa como ela não há.

Os vendedores de leite pela manhã,

Tomate, peixe fresco, ao meio-dia.
À tarde, marreco, pato, jaçanã.
Mês de maio, à noite, reza à Maria.

Hoje, limpa, bem cuidada
Vai deixando para a memória
Que já foi Suíça da baixada
Cheia de filhos na história.

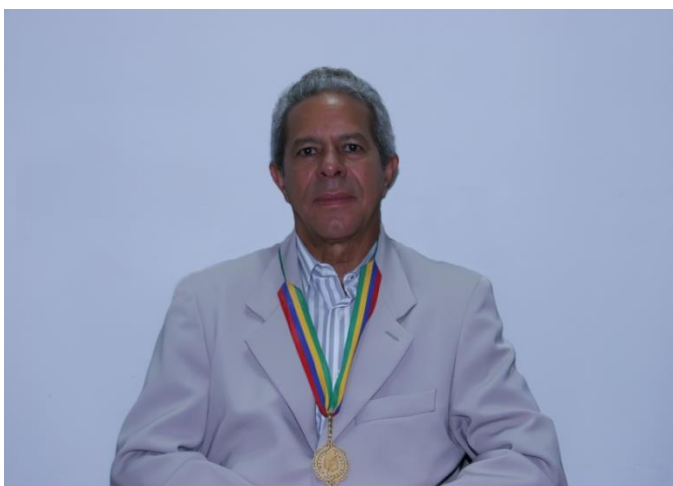
FLORES QUEIMADAS

Como pode o homem queimar as flores
As quais, em delícias, dão-nos perfume
E limpam dos ares os vis humores
Que matam o amor e tornam nato o ciúme.

Nos jardins da vida são sim, os melhores
Seres cujo irradiar geram os lumes
Donde pinceladas de glória ao pintor
Fazem da arte magníficos costumes.

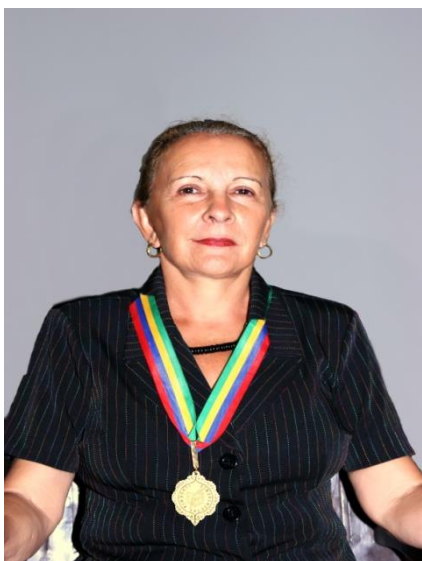
Ainda em vida, eis a grande verdade:
Ao resguardar pólen caem em plena eira
Obedecendo ao Criador e à sua Vontade,

Pois, lançadas à fértil sementeira,
Sobem em eflúvios à Eternidade
A quem, por amor as fez e as semeia



SIMÃO CIRINEU DIAS nascido a 30 de outubro de 1944. Bacharelou-se em Ciências Econômicas pela UFMA. Especializou-se em Política e Programação Financeira pelo Centro de Estudos Monetários Latino Americano na cidade do México. Especialista em Técnicas de Análise Econômica pelo Fundo Monetário Internacional, na cidade de Washington. Economista do Banco Central do Brasil. Ministro da Integração Social. Secretário Executivo do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Secretário

Adjunto da Fazenda do Estado de Minas Gerais. Secretário de Estado de Planejamento Orçamento e Gestão do Estado do Maranhão. Tem trabalhos publicados em revistas de estudos e pesquisas econômicas do Brasil. Foi secretário da Fazenda do Estado de Minas Gerais, Assessor especial do secretário da Fazenda do Governo de Minas Gerais em Brasília. Secretário da Fazenda do Estado de Goiás. Membro da Academia Sambentuense, fundador da Cadeira 38, patroneada pelo poeta João Serrão Ewerton.



MARIA DA CONCEIÇÃO BRENHA RAPOSO nasceu a 13 de janeiro de 1948. Pedagoga, pós-graduada em Administração Educacional, Mestra em Educação. Pesquisadora, Orientadora de Mestrado, Conferencista. Dezenas de trabalhos técnicos, conferências e teses alusivos aos problemas do Maranhão e do Nordeste. Trabalhos publicados em livros: *Cartilha João de Barros*, *Movimento de Educação de Base* (discurso), *A Dimensão Pedagógica dos Movimentos Sociais no Campo*. - Artigos editados em revistas de São Luís, Fortaleza, Natal e Brasília.
Conceição Raposo – Desafios pedagógicos

Alguns educadores permanecem vulneráveis aos modismos quem ideologicamente são difundidos, visando manter o seu exercício profissional numa restrita função de intelectual, imposta pelos interesses reprodutivos dos sistemas de ensino e determinados pelas sociedades.

No caso das escolas às quais as camadas populares têm acesso, esses interesses se manifestam num espontâneo fazer pedagógico que, revestido sedutoramente de um teor comodista, em nada contribui para o avanço cultural das crianças oriundas dessas camadas.

Como foi visto, a comum versão do continuísmo que penetrou facilmente em nossos sistemas de ensino, diga-se, principalmente nas escolas públicas, carregando o lema do “aprender a aprender” de significado vazio e que não guarda correspondência com a profundidade dos estudos realizados por Piaget e Vigotsky, somente pode ser explicada pelo limita do referencial teórico dos professores.

- (Extraído o livro de Maria da Conceição Brenha Rapôso). Fundadora da Cadeira 20, da Academia Sambentuense, patroneada por Carlos Brenha Chaves.



ARQUIMEDES VIÉGAS VALE nasceu a 22 de julho do ano de 1949. Médico, professor universitário, articulista e poeta. Membro **da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (SOBRAMES-MA)**. Autor do livro *Resíduos Cartesianos – Apologia do Abstrato* -poesias, e muitos trabalhos científicos. Ex-Presidente da Academia Sambentuense, fundador da Cadeira 31, patroneada por Florêncio Soares. Membro fundador da Academia Ludovicense de Letras. Ex-presidente da SOBRAMES. Membro correspondente da Academia Tupãense de Letras Artes e Ciências. Membro correspondente da União Brasileira de Escritores / Rio de Janeiro Membro Titular da Academia Maranhense de Medicina Prêmio “Stella Leonardos” da UBE/RJ para o livro “APOLOGIA DO ABSTRATO” Medalhas Bicentenário da Justiça Militar – Brasil 2008. Newton Bello – Prefeitura de São Bento – 2013.

RUA GRANDE

A areia branca,
luzidia ao sol do equador,
morta, sem carícias plantares
está submersa
no manto negro
que asfalta minha rua.

As janelas da minha casa
onde estão?
(Bom dia alegria!)
Carros de boi gemendo,
carga nas costas dos burros,
cercas de pau-a-pique,
passantes e pregoeiros:
-Ói o leite! Oi o leite!

(Boa tarde vizinhança!)
“Benção mãe Jesus!”
“Benção mãe Lurdinha!”
Um rol quase família
que se confundia pelas portas.

Caminho de fuga
do meu derredor,
(Boa noite saudade!)
a porta da minha casa
nunca mais de fechou.

(Do livro “Resíduos Cartesianos”)

AS JAÇANÃS (De São Bento).

Velozes asas azuis
emergem das águas sazonais
e cintilam brevemente
no viçoso tapete
da canarana nova e afiada.

São hóspedes bem-vindas
ao verde equatorial
dos nutritivos campos alagados,
pelas límpidas chuvas,
em um território primitivo
onde pulula a vida
no eterno exercício da sobrevivência.

Chegam alegres
e se anunciam
com um voz rouca e entrecortada canção,
que locupleta os ares
das noites silentes

de um paraíso inocente
que dormita placidamente.

Carregam no cerne do ventre
o ancestral desígnio biológico
da sadia perpetuação.
Densificam de vãos
o pictório natural
de juncos e folhas.

Buscam o multiplicativo da vida
e encontram a subtração da morte
no sinistro estampido
do implacável predador
que assim se sustenta

NA SOMBRA DA SAUDADE

ARQUIMEDES VALE

Final de tarde do mês de dezembro, quando a sobrevivência na baixada maranhense clama pelas chuvas para o brotamento cíclico de uma nova leva de vida, caminhei pelo tapete da memória para alcançar um santuário de lembranças. Incursionei pela minha infância em um fértil pedaço de chão, situado nas fraldas do campo que se abre ao norte do povoado São Roque, antes pertencente a São Bento, agora distrito de Palmeirândia, hoje representado pela turbidez da imagem do desprezo e abandono, devido à insensibilidade daqueles que não interagem, de modo positivo, com a natureza. Foi na fazenda São Roque que nos meus primeiros anos de vida carreguei o estandarte das letras que formam a palavra felicidade. Meu pai, por seus motivos, teve que se desfazer de tão precioso bem, pelo menos pra minha vivência, o que quebrou o liame dos meus passos com os caminhos de mato, o barro do campo, as frutas silvestres, os pássaros e seus cantares e a minha diversão, aos oito anos de idade. O campo que estendia sua planura pela frente era interrompido pelas palmeiras, do povoado Feijoal, que agitavam o capitel ao ritmo inconstante do vento, numa dança que formava imagens de fantasia na minha mente de infante.

Logo na chegada senti um aperto suave no coração e descobri que era o abraço de um antigo pé de quiriri, do qual nunca esqueci, me dando as boas vindas na sombra da saudade. A desolação me conduziu para um matagal nascido em uma área um pouco mais elevada, onde fora à casa grande que era alta e avarandada sempre cheia da brisa refrescante que entrava sem cerimônia para agradecer as cadeiras preguiçosas onde a gente se sentava para ouvir as narrativas inverossímeis dos trabalhadores, na boca da noite. Cada encontro era uma fluência de emoções e um jorro de situações já vivenciadas que expõem a verdade da finitude e falibilidade de toda matéria. Da extinta casa de engenho deparei com algumas tachas de ferro deterioradas, encobertas por muitas ervas, principalmente a urtiga, talvez para protegê-las naquele descanso eterno. Quando ativas, de boca aberta, esperavam a garapa que vinha da gulosa moenda de bronze, onde se lia “Made in England” e por força do fogaréu sobre o qual se assentavam transformavam tudo em mel pela mão experiente de Mateus, mulato forte e de pele brilhante, untada pelo suor extraído no calor daquele ambiente. Um mecanismo rudimentar, com um mastro central e tirantes que seguravam braços

circulares de madeira – a manjarra – suportava os bois que andavam em círculos o dia inteiro, com a cara atrás do rabo do outro, movimentava a moenda que engolia a cana que chorava ao ser esmagada e se transformava na magreza do bagaço e as lágrimas na doçura da garapa. Os bois para desempenhar aquele trabalho deviam ser corpulentos e resistentes. Trabalhavam em dias alternados e as duplas eram sempre as mesmas para harmonizar a atividade. Lembro de alguns, porém, os mais marcantes eram o “Pingo de Ouro” que tinha um lugar preferido para dormir e “Veludo”, um touro negro de pelo brilhante, muito manso que nos seus dias de folga ia pastar e ao final da tarde, ao voltar tinha que encontrar a porteira do curral aberta sob pena de agredir a primeira pessoa que encontrasse. No curral era depositado o bagaço da cana, que formava um monte, em cujo sopé uma fogueirinha escondida soltava fumaça para espantar muriçocas – pragas, no nosso dizer. O lado oeste era todo cercado por árvores, muitas frutíferas, como mangueiras e jaqueiras que se desfaziam em abundância na época apropriada.

A fabricação da cachaça era o termo final da produção que começava com a plantação dos canaviais seguindo-se o transporte da cana para a casa de engenho em carros de boi cujos eixos gemiam reclamando do peso que carregavam. Meu pai, na inquietação da sua aposentadoria, contou-me certa vez, que quando começava a alambicar, isto é, a fazer a cachaça, já estava com toda a produção vendida, embora não tivesse apelo comercial, como rótulo ou denominação, tinha boa qualidade e era vendida em garrações de vidro ou ancoretas, para retalhista das proximidades.

Fui lá, sim! Imaginem, levado por Mateus, que hoje carregando facilmente os seus setenta e cinco anos ainda conserva uma vitalidade admirável, sendo diferente daquele que antes citei apenas por pequenos traços que lhe enrugam o rosto e discretas cãs que enfeitam suas fronteiras. Juntou-se a nós João Câncio Silva, chamado de “Pinto”, atualmente meu compadre, que também trabalhou, desde muito jovem, com meu pai, Manoel Vale, e o acompanhou quando este passou a desenvolver atividades comerciais em São Bento.

No passeio das recordações, pisando meus momentos de infância, deparei-me com a devastação, nas peças da moenda semi-enterradas, grandes cremalheiras, fragmentos dos tanques de cimento onde era armazenada a água para resfriar a serpentina do alambique, além do poço de água amarelada, cuja cerca do curral o dividia ao meio e só servia para molhar as plantas da horta da minha mãe e para dar água pro gado, do qual o beiral estava quase intacto, porém, quase apagado pelas plantas e suas raízes fixadas no intervalo dos tijolos. Faltou-me demarcar de presença o açude que se estendia pelo campo, cheio de jejus, traíras, piabas, acarás e sarapós e onde uma tarrafada no final da tarde fazia o jantar da gente. Na coincidência do por do sol refiz um pedaço da minha trajetória existencial com passos no compasso da emoção.

Médico - Professor da UFMA

Membro da Academia Sambentuense. Fevereiro de 2006



JOAQUIM RIBEIRO MELO nasceu a 16 de outubro de 1949. Médico, professor, cronista e poeta. Membro da **Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (SOBRAMES-MA)**. Publicou o livro *Pedaços de Mim* – crônicas, poesias e discursos; artigos espirituais publicados em revistas nacionais. **Fundador da Cadeira 6, da Academia Sambentuense, patroneada pelo Governador Newton de Barros Bello.** Vice-presidente e atual presidente por renúncia do titular.

MATERNIDADE .

Madrugada quebrada
Em gemidos seguidos.
Do lado de fora da sala,
Ansiedade constante.
O médico ao lado da gestante,
Aguarda com passividade.
Nos instantes seguintes,
Nas contrações incessantes,
A dor aumenta,
Um voz comenta:
Está progredindo....
Progride o parto, o esforço maior,
No altar do amor, vidas divididas.
Sente em seu corpo vibrar.
É o momento de o sublime multiplicar!
De quando em vez, a voz ordena:
Precisas respirar, na próxima nasce...
E num profundo arrojo,
Contração derradeira,
Sente-se livrar do materno bojo,
O broto fecundo sai do ventre,
Ela toda contente,
Ouve pela vez primeira
O choro do filho anunciando a vida.
Um respira de amor,
Uma alegria,
Cessou a dor,

E a mãe fala sorrindo,
EU QUERO VER MEU FILHO.

SONETO AO MEU HERÓI. – RIVELINO.

Dedicado a Didinha (Conceição de Maria Ribeiro Melo).

Ele trouxe no riso a simpatia
Capaz de cativar toda a atenção;
De afastar sempre qualquer apatia
Reinante no mais negro coração.

Riva, filho lindo, cachos dourados,
Príncipe do lar, menino valente,
Por todos querido, herói decantado,
Tua presença deixa todos contentes.

Conci se fez tua mãe com todo ardor,
Pois parir mesmo é mero ato fisiológico,
Enquanto ser mãe é gesto de amor!

Traduzindo na maneira de amar,
Não é apenas um ao fútil, ilógico,
De fecundar, parir, sem saber criar!



SANATIEL DE JESUS PEREIRA nasceu a 17 de agosto de 1950. Professor universitário da UFMA, articulista e cronista. Diretor da Gráfica da UFMA. Autor do livro *Mulheres de Atenas* composto de vinte e três belas e excelentes crônicas e magníficos artigos. Livro *Os quatro elementos*. *Pequeno Dicionário de Ciência e Tecnologia da Madeira*, Severiano Marinheiro, *O Poço*. Ex-Presidente da Academia Sambentuense, fundador da Cadeira 4, patroneada por Dom Felipe Conduru. Membro fundador da Academia Ludovicense de Letras e da SOBRAMES. Medalhas Bicentenário da Justiça Militar – Brasil 2008. Newton Bello – Prefeitura de São Bento - 2013

A GERAÇÃO X.

Amanda Victória nasceu ano alvorecer do século XXI, deixando para trás um dos períodos mais importantes da Idade Contemporânea. Em pouco menos de cem anos, o homem promoveu a mais fantástica transformação física sobre a face da Terra tendo como ferramenta a tecnologia. Utilizando todos os meios disponíveis do nosso tempo e com a ajuda de novos materiais, os homens construíram obras que ultrapassaram a mais fértil imaginação do mestre Júlio Verne.

Saímos do âmbito das necessidades primárias para criamos um ambiente sofisticado e complexo para satisfazer os nossos desejos e vaidades. Criamos um mundo virtual anexo, que nos fez perder de vista o que seja real ou imaginário. A verdade passou a ser uma questão de referencial sem que nos preocupássemos com os impactos que estas transformações trariam para as novas gerações. As emoções foram trocadas por sensações e o homem por uma máquina. Hoje confiamos mais na mecatrônica de um robot do que no caráter de nosso colega de trabalho.

Amanda me presenteou, sem ser alfabetizada, com seu primeiro autógrafo, onde estava escrito por ela seu próprio nome. Já havia percebido que ela tinha trazido consigo alguns talentos naturais, como utilizar as mãos de forma correta na hora de se alimentar, comer somente o necessário, tomar de preferência água, tossir cobrindo a boca. Observadora nata, pergunta tudo o que não compreende ou desconhece, até que se sinta completamente satisfeita com as respostas. Canta, dança, desenha e pinta de forma espontânea e com seu próprio estilo. Tem as suas próprias opiniões sobre

alguma coisa que lhe for perguntada. Não se caracteriza como um gênio, mas denota, principalmente, outro nível de consciência e mais humanidade.

Ela, como todos que nasceram no início deste século, terá grandes desafios a enfrentar. Ente tantos, dois estão inteiramente ligados à sua sobrevivência e de toda a humanidade: o meio ambiente e o superpovoamento da Terra. Arthur Clarke, um dos mais inteligentes e conceituados autores de ficção científica do nosso tempo, disse uma vez que o meio ambiente não precisa da proteção de ninguém, pois ele mesmo pode se regular. Isto pode até ser verdade, mas será que os homens estão preparados para esta auto-regulagem, quando se trata de fenômenos naturais adversos, como nevascas, chuvas, terremotos, maremotos, mudanças climáticas permanentes e pandemias?

A arrogância do homem em se considerar proprietário da Terra está com seus dias contados. A raça humana terá que reconhecer e se render ao fato de que estamos em regime de simbiose com este planeta que habitamos, e que, infelizmente, atuamos como o seu mais terrível predador. Apesar de estarmos aqui milhares de anos, ainda não entendemos que fazemos parte da cadeia da vida deste planeta.

Tornamo-nos hipócritas quando falamos em desenvolvimento sustentável e continuamos de forma célere a retirar camada vegetal que constitui as nossas florestas e desenvolver projetos que poluirão os nossos mananciais de águas superficiais e subterrâneas. O cinismo de alguns os levam até a desconhecer os direitos de outros de respirar um ar limpo, descarregando milhões de toneladas de poluentes que serão transportados pelo ar a diversos pontos do planeta.

O crescimento da população da Terra começa a colocar em risco a capacidade de reposição pela natureza dos recursos naturais renováveis. A biotecnologia é vista como o meio mais eficaz para diminuir este impacto sobre o meio ambiente, mas ninguém parece preocupado com os efeitos colaterais negativos que poderão ocorrer pela adoção destas tecnologias.

Estes serão os principais problemas que Amanda Victória e toda a sua geração haverão de encontrar em determinado momento de seu caminhar sobre a face da Terra. Acredito que, da mesma forma que ela, estão nascendo seres mais humanizados que tratarão com mais cuidado este planeta que nos foi dado para viver por um tempo. Infelizmente a presunção de alguns os fez esquecer que são feitos de pó, e que ao pó retornarão, e que ninguém tem o poder sobre um grão de trigo, porque tudo é feito segundo leis que não foram inventadas pelo homem.

Amanhã poderemos até viajar nas linhas de forças da Terra usando novas tecnologias, mas, se não cuidarmos da nossa biosfera, correemos o risco de ficar em órbita, expulsos a guisa de Adão do Paraíso, pelos estragos que nós mesmos causamos ao planeta que gentilmente nos recebeu como berço.

O QUINTAL

Sanatiel Pereira

MINHA NETA Amanda nasceu e está crescendo em um apartamento. O seu irmão que veio depois segue o mesmo modelo programado pela sociedade atual. Acredito que são milhares de crianças, como eles, que já nasceram condenadas a não viver junto da natureza. Talvez nunca vejam um pinto e nem atirem pedra em mangueiras. Alguns pensarão que os sucos comprados

nos supermercados são artificiais, pois dependendo da região em que residem, nunca verão os laranjais crescerem e nem os pequenos arbustos de fruta-do-conde.

A expansão imobiliária, conseqüência do aumento da população, tem mudado os hábitos de viver em todo o mundo. Ter um apartamento em um bairro de classe média tornou-se uma busca frenética do homem, como se isso lhe desse algum status. Os condomínios de casas seguem o mesmo modelo, com alta taxa de ocupação do solo e alta densidade populacional deixando de lado o verde em detrimento das sombras promovidas pelas árvores e por um micro-clima com temperaturas mais baixas que se poderia obter na sua adoção. Não é de se espantar que as cidades estejam cada vez mais quentes e a adoção de sistemas de ar condicionado façam parte integrante do projeto de qualquer prédio.

Outro dia levei Amanda para visitar minha terra natal e para meu espanto apaixonou-se pela natureza que lhe rodeava por todos os lados. Aprendeu a reconhecer o cheiro da terra e olhar as nuvens com outros olhos. Percebeu que existe aroma no vento do campo e que os peixes vivem, de fato, dentro da água. A vida dos animais voantes lhe deixou de olhos brilhantes. Não acreditava no que via. Eram jaçanãs, japiaçocas e patos selvagens que pulavam de moita em moita de aguapé na região dos lagos, dando cor e beleza ao ambiente natural.

Mas a magia maior veio com a visita ao quintal de Dona Arcângela Carneiro, moradora de uma confortável casa na Travessa das Flores, quase chegando a D'outra Banda. Amanda entrou na área do quintal como se pisasse em solo sagrado, cheia de espanto com tudo que via. Percebi a sua surpresa quando divisou ao fundo o galinheiro cheio de aves que ela nunca tinha visto nem na televisão. Seus olhos não alcançavam os limites da copa da mangueira rosa que estava à sua frente. Nunca tinha visto raízes tão grandes, pois serviam como bancos, até para sentar. E a terra? Percebi o seu temor em colocar discretamente os pés descalços na areia como se inspecionasse a sua temperatura e maciez.

Amanda comeu de tudo que via e não apresentou nenhuma indisposição ou efeitos advindos da sua exposição ao clima. Tudo lhe era familiar e agradável. Percebia-se que estava em harmonia com todas as coisas, fenômeno que geralmente se verifica com as pessoas que se deslocam para a área rural com o objetivo de restaurar o equilíbrio físico e emocional quebrado nas grandes cidades. A única coisa que faltou foi um demorado banho com água fria de poço, que tem a propriedade de limpar a nossa aura e nos fazer mais interligados aos elementos da natureza.

Não tenho dúvida que o nosso modelo atual de viver causará danos irreparáveis nas crianças do nosso tempo. A experiência com o mundo virtual poderá fazer com que alguns sentimentos natos do ser humano sejam aniquilados dentro de ele mesmo. Talvez possamos ainda fazer alguma coisa. Como primeira medida seria uma intervenção natural junto às escolas que se dispusessem a reintegrar as crianças à natureza. Projetos pedagógicos que visem a extensão como algo necessário para o crescimento integral do ser humano devem ser perseguidos. A visita permanente e programada a parques e jardins, hortos e florestas intercederá de forma fenomenal na disposição ao trabalho, pela curiosidade que será despertada em cada uma dessas crianças. Elas compreenderão o seu futuro papel de defensores da natureza porque também se sentirão inseridas na grande cadeia da vida que circunda todo o nosso Planeta.

Uma intervenção maior que deverá ser bastante discutida, analisada e sustentada seria a necessidade das crianças viverem, pelo menos, todas as férias no campo. Sem que isto seja colocado em prática, corremos o risco de ter pessoas humanas completamente desligadas da natureza, de todos os seus semelhantes e de si mesmas. Elas provavelmente não gostarão de flores e nem da chuva, como muitas que já conheço.

Este *tour* rural que fiz com Amanda deveria fazer parte de programas sustentados por todas as instituições escolares e pela própria família para fazer com as crianças percebam a sua ligação com a natureza e se sintam definitivamente responsáveis por ela.

Mulheres de Atenas, 1ª edição, Academia Sambentuense, 2007, páginas 23 a 26.



JOSÉ RAIMUNDO MOREIRA, nascido em São Bento em 30 de agosto de 1953. Professor, capitão reformado do Exército Brasileiro. Matemático pela Universidade Federal da Bahia. Tecnologia em Administração Pública pela Universidade de Santa Catarina. Comunicação pela Escola do Exército (Rio de Janeiro) Curso de Extensão nas áreas de Geometria Plana, espacial e Analítica pela Universidade de São Paulo. Versado em Tecnologia Aeroespacial e Administração Moderna no Exército. Advogado, formado pela Faculdade UNINE – (Salvador). É autor do livro *Pensamentos & Poesias*. Fundador da Cadeira 8, quadro Correspondentes da Academia Sambentuense, patroneada por Agnelo José Chagas.

SÃO BENTO.

Sinto-me na obrigação de falar sobre as coisas simples da minha terra - São Bento, onde vivi uma infância inesquecível. Não tenho dúvidas de que Deus iluminou o meu caminho naquela fase de minha vida e me fez sentir as vibrações do chão em que estava pisando. Lá, foi-me concedido a oportunidade de ser um andarilho...! Observador do crepúsculo, do desabrochar das flores, do cântico dos pássaros, da sensibilidade e do sentimento de uma criança.

Pude ainda ser um navegante errante, timoneiro que brincou de herói; refletir, sonhar intensamente, cultivar o cenário mais belo que a natureza concedeu a alguém e respirar o ar que purifica o corpo e a alma, oriundo de uma corrente marinha que, sorratamente, beija as águas do Rio Aurá, umedece os manguezais, deita-se mansamente sobre a serena vegetação campestre. Ela se deixa filtrar e adentra os quatro cantos da Suíça setentrional da microrregião maranhense. Sem falsa modéstia, refiro-me ao berço de inteligência do Maranhão - São Bento. Contudo, nada acontece por acaso: São Bento foi uma das primeiras cidades da baixada maranhense a ser palco de alfabetização de um povo. Pura sorte?! Não.

Assim como o planeta terra foi colocado milimetricamente na posição ideal de temperatura no sistema solar, a aldeia dos Tamois (guerreiros), dos Maias e dos

renascentistas atenienses - São Bento, imponente e salutar, vestida de verde, azul e branco, mãe de todos nós, está incluído nesse contexto.

Cientistas afirmam que o campo magnético formado no núcleo da terra juntamente com a atmosfera protege a terra contra a radioatividade vindo do sol, das estrelas e dos meteoros. Foi baseado nesta teoria e a pedido do acadêmico e Engenheiro Sanatiel de Jesus Pereira, meu confrade, que assim defini São Bento: um campo eletromagnético ativado e energizado pela luz refletida do azul cintilante das flores de sua flora.

São Bento, magnífica e eterna, os caçadores da sua história permanecem apostos, liderados pelo Historiador e acadêmico Álvaro Urubatan Melo, o nosso Vavá Melo, a quem devemos a montagem da árvore genealógica de seus filhos, ao lançar-se no campo da pesquisa. Filhos que frutificaram se destacaram na sociedade e se orgulham da terra em que nasceram. Terra-mãe, Ilustríssima mãe, envaidece-te como o celeiro de intelectuais, que repousaram sobre sua sombra, seu leite, seu aconchego...enfim foram crianças felizes.

E por falar em crianças:

Meus pequeninos são-bentuenses, o que me comove não lhes são somente a falta de políticas Públicas, mas seus olhares, seus gestos e seus jeitos de brincar. Quando os vejo com esse semblante puro, encanto-me e derramo lágrimas... Lágrimas que derramei quando me encontrava descalço e corpo aberto no espaço, porém, jamais perdi a esperança de compreender melhor o mundo e as criaturas. Filhos de Maria e José permitam-me o uso da passagem bíblica, levantem seus rostinhos, vejam o meu coração e leiam atentamente o que está escrito nos seus horizontes. Minhas crianças, minha esperança, tenho-as, agora, como testemunhas, por muito tempo, de que amo essa terra e sua gente

Reflexão:

Oh! Mãe patente,
Ora púrpura, Ora escura,
Por que me deixaste sair latente, sem ternura,
Por que me deixaste sair inocente, nem tanto,
Por que me deixaste sair sem manto...,em pranto,
Por que me deixaste carente.

Oh! Mãe patente,
Ora Pura,Ora mente,
Quis que dormisse nas Noites de lua aparente,
Quis que sofresse na escuridão da mente,
 Quis que morresse de paixão ardente,
 Quis que estivesse ausente.

Oh! Mãe patente,
Ora verdejante, Ora alvejante,
Quis ver-me brilhante,
Quis ver-me amante,
Quis ver-me...,
Agora entendi, Mãe convincente.
 Sentado na proa,
 Do meu lado, vago;
 Remando à toa,

**E não vejo nada, apenas um lago.
No Cais da Sagração, frente ao mar,
Em pranto sobre pedra e o manto,
Talvez por encanto, ou não mais navegar,
Dor na consciência, ou uma saudade e tanto!**

**A simples abertura do compasso,
Marca o ponto e o traço,
Mede a altura do espaço,
E a espessura do passo,
Mesmo que se encontre descalço.
Ah! Linda luz de estrelas,
Caminha serena, tranqüila,
É meu desejo, tê-la,
Teu endereço é segui-la.**



Luís do Vale Fernandes Filho, nascido a 7 de fevereiro de 1955. Bacharel em Administração de Empresa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor “Lato-Sensu” em Propaganda e Marketing. e bacharelou-se em Administração de Empresa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor “Lato-Sensu” em Propaganda e Marketing. Ingressou na vida militar no 24º BC e continuou na Escola de Material Bélico, no Rio de Janeiro. Membro e ex-presidente do Centro Cultural Militar. Professor Militar. Jornalista, fundou o jornal o Jornal Jaçanã da Baixada. É autor do livro – “ O Pousso do Jacanã”, de crônicas e artigos de diversos. Segundo ocupante da Cadeira 33, fundada pelo professor Antônio Lisboa França patroneada por Walbert da Costa Pinheiro.



Josué Campos Rodrigues (Juca) nasceu em São Bento em 1956. Membro aposentado da Polícia Federal. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Em fase de acabamento o livro “Oratório da Palmeira”.



EDIVALDO DI JESUS nasceu a 18 de janeiro de 1957. Artista plástico (pintor). Publicou o livro *Belas Águas – 25 anos de arte naif no Maranhão*. (2006)



ANTONIO FRANCISCO SALES PADILHA nasceu a 29 de janeiro de 1957. Músico, **bacharel em Trompete, com mestrado e doutorado em Portugal e na Inglaterra.** Professor universitário, maestro, regente do conjunto musical Big-Band. Exerceu os cargos de Diretor da Escola de Música “Lilah Lisboa” e de Secretário de Estado da Cultura do Maranhão. É autor da música do Hino Municipal de São Bento, com letra de Joaquim Itapary. Publicou o livro *A Linguagem dos Sons. Consta na relação da UFMA como um dos seus melhores universitários. Maestro, com mestrado e doutorado. Membro do Conselho do Ministério de Cultura. Fundador da Cadeira 8, da Academia Sambentuense, patroneada por Dom Luís Raimundo da Silva Brito.*



COSME Martins nasceu em São Bento, no povoado Belas Águas, no ano de 1959. Autodidata com cursos de História da Arte Brasileira, Desenho Artístico, Curso no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, “Suas primeiras pinturas datam de 1979. Em 1980 destaca-se no Salão Maranhense de Artes Plásticas. Já em plena atividade artística, entre 1981 e 1983, participa do Salão Municipal de São João do Miriti (RJ) e da “Pintura Jovem”, do Museu de Artes de São Paulo (MASP). Membro integrante dos movimentos modernistas de vanguarda. Seus trabalhos alcançam reconhecimento nacional, destacando-se como ponto alto na pintura brasileira contemporânea. Entre tantas exposições e coletivas no Estado do Rio de Janeiro, destaca-se a de 1992 no Museu Nacional de Belas Artes, promovida pelo Centro Cultural Cândido Mendes. Senhor de uma pintura densa e silenciosa, aos poucos abandonada o figurativo e assume uma arte gestual, sóbria e inteligente. Algumas exposições; no Maranhão – a Galeria Eney Santana, 1985. Museu Artístico e Histórico do Maranhão (1987). Rio de Janeiro - Exposição Cultural Petrobrás, 1988. IBEU, Galeria de Arte de Ipanema, 1989 e 1993. Conjunto da Caixa. Exposição no Centro Cultural Cândido Mendes, 1995. Centro Cultural Paschoal Carlos Magno – Niterói, 2006. TNT – Galeria de Arte. Coletivas no Rio de Janeiro. Arte e Gesso e 100 anos de Vilas Lobo– Galeria Basílio. Mostra Petrobrás de artistas novos. Prêmio Abolição de Pinturas. Mão Afro Brasileira em Pintura, no Rio e no MASP. Galeria de Arte Atual – Santiago-Chile. Exposição itinerante Recife, Ilhéus, Brasília, Belo Horizonte, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre. Premiações: Salão de Pernambuco, Salão de Artes Plásticas – Brasília. Salão da Ferrovia (Prêmio Nordeli S.A) Salão Carioca de Artes Plásticas. Salon Dês Antiquerrin et dês Createurs Contemporains Passareller de L’art (Paris-França). Prêmio Aquisição (BA) Salão de Maio (artista convidado) – São Luís. Prêmio Abolição de Pintura – Prêmio Viagem a Paris. Convidado para ministrar curso em Post Dan (Alemanha).

Dados bibliográficos - Livros: A Mão Afro brasileira de Artes Plásticas de Emanuel Araújo, 50 anos de Artes no Maranhão, citado no Dicionário de Júlio Lousada, edição 1991/92/93/; Dicionário de Pintores Brasileiros de Walmir Ayala. Um passeio pela Arte Brasileira – “Galeria de Arte Errol Flynn”. Fundador da Cadeira 13, do quadro de Correspondentes da Academia Sambentuense, patroneada pelo professor Jerônimo Pinheiro.



JORGE RIBAMAR CASTRO MATOS (Jorjão) nasceu em São Bento no dia quinze de maio de mil, novecentos e sessenta e oito filho de Sandoval Ribamar Matos e Lindalva Arcângela Castro. Funcionário público, religioso, poeta, professor, historiador, filósofo, escritor, artesão, influente líder de jovens, sócio fundador e presidente do Clube de Jovens Patriotas. Pesquisador das Sagradas Escrituras e da inteligência de Jesus Cristo. Trabalhou nas escolas: Benedito Moniz, Antônio Dias, Luís do Vale, São Lourenço, Tupy, Newton Bello, Dom Luís de Brito. Atualmente trabalha nas escolas Newton Bello Filho e Escola Técnica de São Bento. Membro da Academia Sambentuense, 2º ocupante da Cadeira 19, patroneada por João Hermógenes Matos, fundada por Clotilde Oliveira Martins.

Autor do livro *Histórias Poéticas*.



WELLIGTON MATOS nasceu a 23 de fevereiro de 1971. Poeta, folclorista, compositor e músico. Agrônomo. Autor do CD-*Canções e Cantigas* e do livro de

poemas intitulado *Fragmentos*; Tem vários de seus artigos publicados na Revista SETENE. Compositor premiado no 5º Festival Universitário Reggae, com a música Trilhas. Fundador da Cadeira 14, da Academia Sambentuense, patroneada pelo poeta Domingos Barbosa.

1º Festival de Literatura (UEMA- 1994) 3º lugar com a composição Homo-Sapiens.

1º Festival João do Vale Música Popular em Pedreiras - Composição MANGUDA, compositor e interprete. Fundador da Cadeira 14, da Academia Sambentuense, patroneada por Domingos Barbosa.



ANTÔNIO CÉSAR COSTA CHAIRY nasceu a 3 de setembro de 1971. Sociólogo, Professor Universitário da UEMA. Autor do livro *Alcântara Vai para o Espaço*. **Fundador da Cadeira 27, da Academia Sambentuense, patroneada por Jafeth Vale Porto Mota.**



GILBERTO MATOS AROUCHE nasceu em 17 de fevereiro de 1961. É professor universitário, geógrafo. Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. Formação Acadêmica: Doutor em Ciências Pedagógicas pelo ICCP (Cuba). Mestre em Saúde Ambiente (UFMA), Especialista Em Qualidade e Produtividade (UEMA), Especialista em MBA - Gestão Empresarial (FGV - Ma). Publicou os livros *Novos Saberes sobre o Ensino da Geografia e Geo-História da Cidade de São Luís: uma análise Tempo-Espacial. Pensamento Geográfico - contribuição para formação de professores.* Possui trabalhos referenciais curriculares sobre ensino médio no Maranhão; desafios e perspectivas da educação estadual; desenvolvimento sustentável da bacia do Rio Pindaré.



JOSÉ REIS – nasceu no povoado Paquetá, zona de São Bento, com atividades profissionais pelo Brasil. Autodidata, pregador evangélico, membro da diretoria da Igreja Adventista.. Poeta, autor de vários trabalhos publicados em livretos, entre os quais, *Arte do namoro, Benção de Deus o Testemunho, O Criador e sua Criação, Juventude Brasileira, a Criação da Mulher, A Arte Do Namoro, Brasil e sua Realidade, De Volta a Minha Terra, Vida de Taxista.*

TRABALHOS PUBLICADOS de são-bentuenses.



IGNÉSIO CORREA nasceu em Macapá, lugarejo que pertencia a São Bento, a 21 de janeiro de 1898 e faleceu em Brasília a 5 de agosto de 1969. Contabilista, professor de Artes, desportista, radialista, cronista e charadista.

SAUDADES DE SÃO BENTO

Quantas saudades dos campos
Alcatifados de flores
Que despendem mil odores
Por todo tempo hibernal.

Onde à noite os pirlampos
Matizam toda a extensão,
Imensa constelação de fulgor celestial
Tenho saudade do cheiro

Do capim seco queimado
Pelo sereno orvalhado
Bem cedo ao alvorecer.....
Das cantigas do vaqueiro

Naquelas lindas manhãs

Tão alegres, tão louçãs
Que não posso descrever!
Tenho saudade das ferras,

Do gado preso, mugindo...
Daquele sol se sumindo
Todo redondo e vermelho
Das silhuetas das serras

Quando o dia vai findando
E a lua vai apontando
Brilhando como um espelho
Do cheiro tenho saudade

Cheiro que se vai desprendendo
De um carro de boi gemendo
Aos tombos dolentemente
Pelas ruas da cidade.

Do carreiro acororado
No regavém aprumado
Fustigando os bois pra frente.
Tenho saudade dos sinos

Repicando acelerado
Dos fiéis ajoelhados
Todos cheios de contrição
Tenho saudade dos hinos

Cantados com muito amor
Escutados com fervor e devoção.
E toda essa harmonia
Que vivo sempre sonhando

E em prece a Deus rogando
Que me faça à caridade
De voltar para lá um dia!
Nova vida viverei
E Hosanas cantarei
Por ter morto essa saudade.

JOSÉ de JESUS SOUSA MELO bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, promotor público. Dele o que se sabe que era um jovem inteligente, boêmio; Faleceu, bem novo, no ano de 1935. Eis um pequeno conto de sua autoria: **Patrono da Cadeira 37, da Academia Sambentuense, fundada por Maria do Socorro Pereira. Segundo ocupante Professor Ney Barros Bello Filho.**

UMA NOITE DE NATAL..

Morria a tarde.

A lua, apontando no horizonte, sobe pouco a pouco e, seguindo sua reta cerúlea, repousava, às vezes, sobre nuvens, quais flocos de neve, no cume de altas montanhas. Dobrando e desdobrando-se em zonas, as nuvens se dispersavam como vagas ligeiras de espumas, dando à primeira vista, a impressão de Netuno agitado. A aldeia achava-se deserta: o povo aglomera-se em pequena praça que mal a continha. Pelas ruas viam-se arcos, flores, bandeiras, mastaréis e árvores artificiais.

Balões subindo os ares e foguetes ribombavam a cada instante. Ao lado da praça, a capelinha, feericamente iluminada anunciava algum fato notável. Dá-se comemorar o nascimento do Salvador.

24 horas. Homens, mulheres, velhos e crianças, todos entoavam hinos harmoniosos ao Ente Supremo.

O cura em seguida, subiu o degrau do altar para celebrar a missa, sendo a sua entrada na capela-mor, anunciada pelo repique dos sinos. De um e outro lado, árvores floridas, colocadas em lindos jarros e dispostos em filas, revestiam de maior brilho e festividades. Terminada a missa, o povo saiu a divertir-se, passeando pela praça, entre músicas e folguedos, risos e alegrias. Artísticos fogos raiam queimados, as bandas se retiram e uma salva de tiros deu por terminada a festinha.

O pessoal se recolheu.

Vinha raiando a aurora...

CARLOS EUGÊNIO. Revista Maranhense: Artes, Ciências e Letras – 1916. Ano 1 – nº 6, página 45. **Reeditada nº 2007, página 45.**

SÃO BENTO.

Trecho - Minha terra natal, São Bento, é situada sobre uma ponta de terra, circundada por verdejantes campos burilados pela mão divina de um Ser Supremo .

No inverno os campos se transformam em um extenso lençol de água doce.

A sua superfície azulina, como azul da abóbada celeste é vasto tabuleiro de verduras que deslumbra e encanta a vista excursionista.

Como é bela e poética a natureza divinal desses campos!!!. No extenso tabuleiro de verduras, combinando-se as cores, temos a GLORIOSA E IMACULADA BANDEIRA DO BRASIL. Nas margens dos extensos campos elevam-se os outeiros verdejantes, basta vê-los, uma vez, para não mais se os esqueçam, bendita terra, que possui em teu seio filhas belas, de olhos sedutores.

RAIMUNDO ÁGUIDO – 1923, publicado em Imparcial de São Bento..

SÃO BENTO.

Na sombra da vida, sino um calafrio de saudades.

Esculpido na lembrança imorredoura daquele ninho

Onde nasceram meus pais e eu feliz também
A luz pranteia as gotas de orvalho no caminho.

Natal de felicidades me reconduz ao teu seio
De longe avisto na lembrança: tu me acenas
E as saudades que me ferem, abrem chagas de paixão
Sonhando sempre com o teu véu de açucenas.

Então eu seria feliz, se um dia em teus lares.
E sentisse o emblema dos namorados desejos
A luz da aurora, em minha fronte adormecida.

E depois de arremessar coroa dos prazeres
Na ilha do esquecimento, eu cobrisse de beijos
Os hinos do futuro e a grinalda desta vida.



SARNEY DE ARAÚJO COSTA nasceu a 4 de setembro de 1901 e faleceu em São Luís a 22 de julho de 1961. Advogado, promotor público, juiz de Direito, procurador e desembargador. Começou suas atividades literárias no jornal *O Imparcial*, de São Bento -1921 a 1924, com a publicação de sonetos e depois fundou *O Laço*, jornal humorístico. Patrono da Cadeira 10, da Academia Sambentuense, fundada por Benedito de Jesus Guimarães Bello.

VEM ABP.

Saudoso, estou de ti, febricitante,
De amor e de paixão, visão divina

Sem poder receber a luz brilhante
A luz do teu olhar que me fulmina...

Nestas plagas tão tristes, tão distante
De teus olhos, do amor que é minha sina,
Os meus lábios remetem a todo instante
O nome da mulher que me fascina

.
Alma de luz...estrela cintilante
Que me viver em trevas ilumina,
E reanima minha alma inebriante.

É longa, é dura, atroz separação
Que tu vens minha estrela peregrina
Ou tu matas de dor meu coração.

Indefeso

Com o olhar a luzir, a boca a pedir beijos
Ela entra a sorrir, e numa sede insana
Instigando, em volúpia, os lúbricos desejos
De pecado fatal da natureza humana.

Fitei-a ao fitar, dois pomos malfazejos,
A que toda paixão, todo impudonor, se irmana
Cego de tanto luz, ébrio de seus adejos;
Encanto a si me dei com igual amor e gana..

E agora te maldigo oh! ruina do meu fado.
Pois contigo fugiu-me d'alma o santo pejo,
E ficou-me na face a mancha do pecado.

OH! Carne de mulher que encerra a perdição,
Maldita sejas tu como o aroma do teu beijo,
Oh! Serpente do mal, filha da tentação.



JOSÉ RIBAMAR PINHEIRO. (Zé Permanente) nasceu a 14 de novembro de 1906 e faleceu a 6 de dezembro de 1998.

A TI, SÃO BENTO, QUERIDO TORRÃO NATAL.

Eu amo a terra onde nasci chorando
E cresci feliz, num viver sorrindo,
Sob um céu de anil, contemplando.
As belas paisagens desse torrão mais lindo.

Seus arvoredos! Que doce abrigo!
A passarada que alegre canta,
Gorjeia cantos que minha alma encanta
Nas épocas invernosas, nas manhãs, serenas

Sem chuvas, o vento esvoaçante
É bom, faz bem, é emocionante.
A beleza do campo verdejante,

Vendo correr a canoa deslizando
Com a gente caçando a tiro ao vô das jacanãs.
(Jornal de São Bento – abril de 1995).



ENEDINA BRENHA RAPOSO nasceu a 14 de maio de 1910 e faleceu em São Luís a 10 de agosto de 1993. Professora, bacharel em magistério.

SÃO BENTO

São Bento minha terra querida
Meu amado rincão
Vives no meu pensamento
Não saís do meu coração.

Em tuas plagas tão lindas
Vivi minha primeira infância
Em contato com a natureza
Aspirando a sua fragrância!

Como era lindo o surgir do sol
Clareando as manhãs
Enquanto alçavam vôo
Marrecas, japiaçocas, jaçanãs.

O gado, em grandes manadas
Espalhava-se pelos campos
Que à noite cintilavam
Como o luzir dos pirilampos.

Quando o inverno chegava
Era uma outra a paisagem
Imensos lençóis d' - água
Cobriam os campos de pastagem!

Plantas aquáticas se erguiam

Com sua linda floração
E sobre elas pululavam
Peixes em profusão!

Era o acará, o bagrinho,
A traíra, o jejú
A prateada pirapema
E o saboroso muçum!

Não havia miséria
Mais uma digna pobreza
Ninguém passava fome
Com a prodigalidade da natureza!

MINHA VIDA – MINHAS LUTAS.

Ao fim de certo percurso
Encontrei um companheiro
Unimos as nossas vidas
Por um amor verdadeiro.

Os filhos foram chegando
Com suas traquinadas e alegrias
Novos trabalhos, novas lutas
No decorrer dos nossos dias.

Mas, chegamos ao final
Dessa batalha renhida
Orgulhosos e felizes
Pela grande vitória obtida!

Nossos filhos representam,
Nossos bens de maior valor
Formando uma família unida
Onde se cultiva o amor!

Valeu a pena viver!
Obrigado, meu Deus!.



FLORÊNCIO CERQUEIRA SOARES nasceu aos 7 dias de novembro de 1915 e faleceu em São Luís, 28 de outubro de 1991. Advogado, professor, procurador previdenciário, jornalista, político. Foi prefeito municipal de São Bento e deputado estadual. Conhecemos de sua autoria, o conto “Tapera.” **Patrono da Cadeira 31, da Academia Sambentuense, fundada por Arquimedes Viegas Vale.**

A TI, SÃO BENTO, QUERIDO TORRÃO NATAL.

Eu amo a terra onde nasci chorando
E cresci feliz, num viver sorrindo,
Sob um céu de anil, contemplando.
As belas paisagens desse torrão mais lindo.

Seus arvoredos! Que doce abrigo!
A passarada que alegre canta,
Gorjeia cantos que minha alma encanta
Nas épocas invernosas, nas manhãs, serenas

Sem chuvas, o vento esvoaçante
É bom, faz bem, é emocionante.
A beleza do campo verdejante,

Vendo correr a canoa deslizante
Com a gente caçando a tiro ao vô das jacanãs.
(Jornal de São Bento – abril de 1995).



ROMÃO MARCOS PINHEIRO nasceu a 9 de agosto de 1916 e faleceu em São Luís, dia 3 de janeiro de 2001. Alfaiate, funcionário público federal, poeta e trovador. Entre 1961 e 1962, a Manteiga Real lançou, através da Rádio Difusora, um programa para premiar as melhores quadrinhas relativas ao produto. O programa ia ao ar nas manhãs de sábado. Havia premiação até o terceiro lugar. Os prêmios eram normalmente latas de manteiga, variando a quantidade conforme a colocação do vencedor. Romão venceu alguns concursos desses.

Já aposentado, Romão Pinheiro seria vitimado por acidente vascular cerebral que o deixou hemiplégico. Os sonetos e trovas e quadras a seguir surgiram a partir desse fato. Com um aspecto singular: eram digitados com o indicador da mão esquerda, tão-somente.

JOGADOR DE SEGUNDO TIME

Getúlio Vargas e um gazeteiro ()*

Getúlio, disfarçado, certa vez,
Encontrou numa praça um gazeteiro,
e perguntou-lhe com desfaçatez:
- Conhece o mais querido brasileiro?!

O rapazola, impando de altivez,
Retrucou-lhe com o ar mais prazenteiro:
- Leônidas da Silva, meu freguês,
O jogador maior do mundo inteiro!

Replica o Grande Chefe, em tom febril:
- E um tal Getúlio Vargas muito amado
Que dizem ser gigante do Brasil?!...

E o bravo rapazola assim se exprime:
-- Não conhecemos outro mais falado,
Só se esse joga no segundo time!

NO CAMINHO DE DAMASCO

Era de tarde e o Sol iluminava
toda a paisagem de um dia bem claro;
de chofre, rósea luz o circundava
num esplendor divino, muito raro.

Paulo não soube bem como enfrentava
e reagir, sem ter nenhum amparo,
aquela intensa Luz que o ofuscava
emanada do Mestre tão preclaro.

Saulo, Saulo, por que tu Me persegues ?!
Eu prego o Amor, prego a Verdade e a Luz,
para brilhar no mundo em que hoje segues!

Já tolerei demais os teus agravos,
precisas conhecer que Eu sou Jesus!...
quando me julgas malfeitor de escravos!...

A GRANDE JUSTIÇA

Era noite, Senhor, eu já dormia
Feliz, ao lado do meu bom filhinho,
Quando esta mulher vir foi, de mansinho,
Trocá-lo com seu filho, que morria.

-- Ó Rei, o morto não me pertencia!
-- Mentos, mulher sem alma e sem carinho!
-- Mulheres, diz o rei, vejo um caminho:
Vou dividi-lo ao meio! A mãe sofria...

E com o amor mais forte, positivo,
Não, não, Senhor, a ela o entregue vivo!

Suplica a Salomão, em tom bem terno.

Ela era a mãe, o rei vira a verdade:
Gestos assim, de tal heroicidade,
Só podem ser de um coração materno.

QUADRAS E TROVAS

Petróleo vem da Bahia,
Manteiga Real, de Minas;
Ele, rico em derivados,
Ela, farta em proteínas.

Ser real é ser verdade,
Isso é muito natural;
Mas real que nos agrada
Só a manteiga Real.

No meu lar – que tem nobreza!
Há duas para reinar:
Real – rainha da mesa,
Mamãe – rainha do lar.

Real nasceu em Varginha,
Pelé em Três Corações;
Ela – na mesa é rainha,
Ele – rei das multidões.

Real, manteiga mineira,
Um produto montanhês:
És indústria brasileira:
Bendita a mão que te fez.

Que gostosas iguarias
A mamãe fez com Real;
São pra brindar o Messias,
No Dia do Seu Natal.

No teu dia, o que é que eu faço,
Minha mãe, pra te brindar?!
Mãe, eu te beijo? eu te abraço?
Ou te ponho num altar?

De alegria tenho medo,
Há nisso grande certeza:
Onde o prazer põe o dedo,
Vem pousar logo a tristeza.

Teu olhar tão firme, puro:
Um farol que me conduz;

Se os dois ficarmos no escuro,
Não temo: tenho a tua luz.

Não percas tempo pensando
sobre os erros do passado,
segue no bem trabalhando
de coração renovado.

Bonito ser trovador,
trabalho ameno e divino:
jogando rosas de amor
nas estradas do destino!

A doutrina de Jesus,
que praticas, meu irmão,
é uma viagem de luz
na vida e no coração!

Vem a dor numa atitude
do pobre que em Deus não pensa:
tão valente na saúde,
tão covarde na doença!

Divide com teu irmão
o peso de tua cruz;
que a prece de teu irmão
é a que mais toca a Jesus!

Se às vezes choro sozinho
ao peso de minhas dores,
busco a Jesus no caminho,
e este se cobre de flores!

Tenho a luz nos dias meus
desta sentença concisa:
coração entregue a Deus
tem tudo o de que precisa.

Ainda que sangue a ferida
e pesada seja a cruz,
quanta alegria na vida
quando se segue a Jesus!

Semear bênçãos de amor,
viver sempre atento a isso;
feliz o trabalhador
que a morte encontra em serviço.

Bom aluno em dura prova
mostra firmeza e energia,

e suas forças renovam
nas lições de cada dia!



JERÔNIMO PINHEIRO, nascido em 4 de novembro de 1929. Faleceu a 13 de abril de 2010. Formação escolar: primário no Grupo Escolar “Mota Júnior”, em São Bento; secundário, no Colégio Cisne, concluído no Ateneu Teixeira Mendes; científico, Colégio São Luiz (noturno); superior, bacharel em Odontologia, pela Faculdade e Farmácia e Odontologia do Maranhão, estabelecimento do qual mais tarde tornou-se catedrático e diretor. Funcionário do IAPC. Foi secretário de Estado dos Negócios Educação do Maranhão. Cirurgião dentista, com diversos cursos feitos em Estados brasileiros. Professor titular da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), da qual foi Vice-Reitor e posteriormente Magnífico Reitor. Líder político estudantil universitário, membro da União Maranhense de Estudantes, o qual representou em Salvador e São Paulo. Possui trabalhos profissionais premiados em congressos. Fundador da Cadeira 25, da Academia Sambentuense, patroneada pelo seu genitor, Dr. Urbano Wesketh Pinheiro. Patrono da Cadeira 13 da Academia Sambentuense, Quadro de Correspondentes.

Falta foto. Colocar

MARIA AUGUSTA BORDALO FRANÇA nasceu a 7 de maio de 1931. - É escritora, contista e poetisa, residente em Paulista (Pernambuco). Autora de vários trabalhos. As poesias “O Casarão” e “Fascinação”, selecionadas pela Revista Brasília – X Antologia de Poetas e Escritores do Brasil (1966) estão publicados às páginas 71 e 72. Seu conto “Ferra do Gado”, referente à fazenda São Cristóvão, de seu pai, também premiado pela dita Revista, encontra-se no livro Contos do Brasil Contemporâneo, 1995, às páginas 94 a 97. Também vencedores os poemas Mamãe, Meu Pai, Bonde, Nossos Sonhos, Noites de Solidão. .

POEMA DE SAUDADE.

Saudade, dor oculta que se sente
Que nos leva procurar a soledade
Que nos faz triste e por mais que a gente tente
Não se consegue deixar de ter saudade.

Saudade, que nos lembra alguém distante
Desejo que sente, desejo que dá vontade
De rever tudo novamente num instante
Este desejo não se explica – chama-se Saudade.

Saudade dos momentos e das horas vividas
Que nos lembram os fatos de nossa mocidade
E querer ver de novo aquelas Coisas Queridas
Lembranças das Coisas também é Saudade.

Saudade das noites que se ficou com seus amores
E juntos se contou as estrelas lá na imensidade!
Saudade dos campos, das chuvas e das flores
Que se viveu, se sentiu, se colheu, temos Saudades...

Saudade, em a lua quando no azul desaparece
Saudade também tem o Sol quando se despede a claridade
Vão se afastando como num sonho, numa prece
Num soluço pungente de Saudade.

O CASARÃO.

Lembro-me tão bem como se fosse agora,
Daquela mansão secular que eu conheci outrora.
O jardim em frente, fechava o portão

Suave aroma a grande sala silenciosa e sombria
Por trás dos largos reposteiros, eu me escondia,
Ficando horas perdidas naquele imenso salão..

O teto forrado de ripas em paparaúbas pintadas:
Tapetes de peles, lindas plumas de aves enlaçadas;
Cadeiras de palhinhas de alto espaldar.
A imagem no escaninho estofado de brocatel
Cercado por cortinas azuis, um pequeno dossel;
Tudo tão místico, tão sagrado e eu ali a contemplar!..

Aquilo tudo para mim, parecia puro e casto!
Aos pés do crucifixo translúcido de alabastro,
Um pequeno escabelo de madeira dourada,
Entre duas janelas que nunca se abriam.
O mistério daquelas coisas santas me envolviam,
Como a atmosfera de paraíso de fada....

Suspensa do teto, uma garça empalhada,
Tão garrida, tão graciosa e alinhada
Se movia, como se fosse desatar....
Um candelabro de prata no bico segurava,
E com as asas, a cortina azul de tafetá sustentava,
Como se quisesse aos olhos profanos, e ninho vender!

FASCINAÇÃO.

Tanto tempo sem o amor primeiro
Felizes, numa atração mútua nos conhecemos
Nos fitamos e mudos permanecemos,
Unimos nossos corpos, num enlace verdadeiro..

Quem eras? Donde vinhas? Eu nem sabia
Quem fosses, não importava. Deliramos,
Juntos nos envolvemos nos sonhos que buscamos,
O amor que no momento nos unia ...
Era Maio, mês das flores, mês das noivas, lindo mês!...
Naquela tarde de fascinação e arrebatamento,
No silêncio cúmplice daquele apartamento,
Onde nos encontramos pela primeira vez....

E assim, vivemos tantas vivas alegrias,
Esquecendo o passado, sem cruzes e sem saudades.
Só momentos intensivos que brilhavam de verdade,
Enchiam a nossa existência que era tão vazia.

ANTÔNIO CARLOS PEREIRA LOBATO nasceu no distrito de Palmeiras, hoje
Palmeirândia a 8 de dezembro de 1932 e faleceu vítima de desastre aéreo a 18 de abril

de 1984. Filólogo, Teólogo, advogado, promotor público, professor, administrador, bancário, compositor (autor do hino municipal de Pedreiras e do logotipo do Armazém Paraíba. Discursos e poesias não publicados, em poder de sua irmã, a professora Maria Rita Lobato Gonçalves (Marita). Autor do hino municipal de Pedreiras e do livro Rios do Vento (poesias)..

MARIA RITA (Marita) LOBATO GONÇALVES nasceu em São Bento, a 29 de novembro de 1934. Pedagoga, fundou o Colégio Padre Anchieta (Pinheiro), membro da Academia Pinheiro de Ciências, Artes e Letras Articulista e cronista (jornais de Pinheiro)



TEREZINHA DE JESUS CAMPOS LUNA nasceu a 30 de março de 1936. Professora, cronista e poeta. Escreveu em a Folha de São Bento, com o pseudônimo de Hilda Rosado. Autora do livro Crônicas de Hilda. **Fundadora da Cadeira 2, quadro Correspondentes, da Academia Sambentuense, patroneada pelo juiz Joaquim Itapary.**

UM PORRE DE FELICIDADES –

Este momento é só meu. Todo meu. Infinitamente meu. Meus pensamentos ninguém pode ver. Minhas emoções se calam profundamente em meu coração e minha alma se atordoia!

Faz-se eterno este instante em mim. Eterno no doce despertar de recordações sofridas. Eterno no desfilar de imagens queridas.

Oh! Meu Deus! Quão infinito é seu poder! Colocar-me de encontro a tudo que amei; devolver-me palmo a palmo este chão bendito. Emoção a emoção, dar-me de novo: paixões, amores, sonhos e saudades.

Grande é o momento do reencontro com a terra amada! O caminhar sem pressa, o ouvir murmúrios, o olhar sem ver, o sentir no rosto a brisa que refresca o suor da emoção! Levar as mãos postas ao peito delirante e dizer de mansinho uma prece, no seio da terra amada!

São Bento da minha infância.

São Bento da minha juventude!

São Bento dos meus amores, dos meus sonhos, das minhas quimeras, das minhas saudades.

São Bento das noites de lua, das ruas sem asfalto, da areia branca e morna aos pés sôfregos e incertos de criança sem pressa, mas, cheia de esperança, buscando em cada canto o encanto que exalava e se mesclava de amor e ternura por ti!

São Bento do São João, do Bumba-meu-boi, da festa do Remedinho e de toda uma sinfonia de vozes, de luzes, de cores ensinando a gente a amar os nossos valores. A ser feliz dentro de um mundo simples, mas, infinitamente bonito! Tão grande na majestosa beleza do amor que cala, do amor que chora, do amor que revive as mais lindas e fantásticas emoções da alma.

O ser humano é pequeno na despedida, porém, cresce no reencontro com a terra amada, sai glorificado no abraço no abraço à terra natal e se santifica no esplendor puro e místico do pôr-do-sol da cidadezinha encantada.

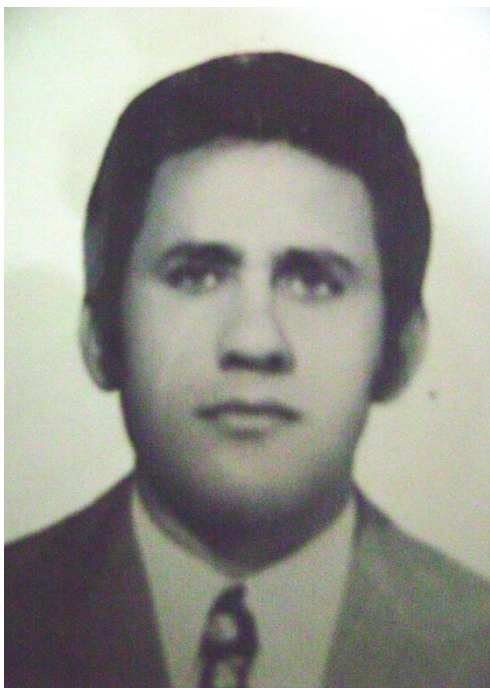
Terra querida em ti nasci. Em ti deixei sonhos. Se vida devolvesse vidas eu queira apenas pedir que a minha fosse devolvida a ti. Se sonhos acalentam emoções e se emoções são estados d'alma, a minha vida foi vivida em sonhos e emoções de ti!

Por ti estou chorando. Não fosse as lágrimas uma porção de mim!

Se um coração pulsa por ti, por que não te amar?!

Se esse amor renasce e grita dentro de mim?!

Ser feliz é pisar o teu solo, olhar o teu céu, me embriagar de emoções e reminiscências de um passado intensamente vivido contigo e em ti.



JOSÉ RIBAMAR REIS SOARES nasceu a 5 de outubro de 1938. - Advogado, professor universitário com vários cursos, articulista e poeta. Autor dos Ensaios: *A Morte do Industrialismo* e *Concepção Moderna do Caráter*. De sua autoria é também o livro de poesias *Uma Noite no Porto da Solidão*. Produtor cultural. Membro da Associação Maranhense de Escritores. **Fundador da Cadeira 34, da Academia Sambentuense, patroneada por Négile José Atta.** Ocupante atual Raimundo Nonato Serra Padilha.

MAÚRA

Nos meus azuis dezoito,
A esperança de colher frutos raros da
VIDA.
Andava na contramão,
Confiava nos idiotas,
Nos intolerantes.
Com serena majestade,
Pensava ser um clássico filósofo da
antiguidade.
nos meus descorados cinquenta,
Hoje,
Na dieta contínua do evitar traumas,
Rindo do insano sorriso dos aloprados,
Na certeza de que o tempo não apagou,
De todo,
Minhas lembranças,
(im)perturbável
Presencio
A MAÚRA
Dos homens – vítimas da própria
CRIATURA.

A CERIMÔNIA DA ESPERANÇA

A roda do tempo fez com que eu te encontrasse.
No encontrar,
a busca transformação,
a (in) feliz lembrança,
os teus filhos,
hoje malditos, com exceções,
eram tranqüilos,
eram quietos,
eram sem-protocolos,
eram sem exigências,
não eram exageradamente consumistas,
eram bondosos, até amigos, alguns fidelíssimos.
Na minha lembrança,
no ontem,
eras de uma timidez tamanha,
eras acolhedora,
sempre tentando acordar
Do sono profundo.
Como que canções de ninar teu coração
eram na tua intimidade
Berros,
Gritos,
Vaqueiros, vaquejando,
Canoeiros, canoando
Cantorias dos teus filhos.

II

Sorrias de alegria para o mundo,
numa fuga perene do triste,
do cruel,
do inumano.
Agora,
Tu,
como uma donzela, antes pobre, és enamorada pelos Ladrões.
Pelos ladrões eternamente impunes,
Porque cotas recebes da mãe-pátria.
Eu,
um triste traste-humano,
diminuído,
definindo,
me desfazendo,
caminhando para me apagar no tempo,
vejo cresceres.
Mais do que antes,
Agora,
te cobiçam,
te exploram.

te desejam,
te namoram
e até te encham de trejeitos doidos,
Heranças das bestas humanas e endemoninhadas
que te fizeram de morada.

Enganaram-te,
enganam-te,
enganar-te-ão sempre.

Roubaram-te,
roubam-te
roubar-te-ão sempre e sempre,
Descaradamente.

Sem identificar-te,
a ponto de levarem
à prostituição os teus filhos.

O pior de tudo,
não berras, não te lamentas.

Mãe-terra com o coração vergastado és.
Prestam-te homenagens.,
às vezes te vestindo
com roupas baratas – novas - coloridas
para te levarem aos carnavais dos (des) mascarados,
onde Baladas de Amor
tentam cantar para alegrar-te.

O pior de tudo,
não cantam apenas canções desesperadas,
não te alegram,
não sorris.

Na tua sisudez,
és mãe serena,
embora amargurada,
perdoando e suportando os teus filhos rebeldes
que a vida tentam te roubar.

Apesar de tudo,
de teu sofrimento,
do muito-tudo, aqui,
frente a frente com a vida,
sem nada poder fazer contra os impunes,
respeitosamente,
em uma cerimônia,
A Cerimônia da Esperança,
Resta-me dizer, com iradas palavras:

“Um dia, antes de contemplar, pela última vez, a luz dos teus céus, quando não todos, alguns desses ladrões serão enforcados.

Em praça pública, ornada de árvores, que será chamada pelo meu povo de Praça da Árvores dos Ladrões Enforcados por terem roubado o dinheiro do pobre povo.

Se for entendida como homenagem, esta será dedicada a terra onde nasci, me criei e vivo – São Bento, Estado do Maranhão.

São Bento, 14 de setembro de 1989.



Margarida Penha Carneiro nasceu em São Bento, a 27 de novembro de 1943. Nessa cidade fez os estudos primários no “Mota Júnior”, e parte do ginásio na Escola Normal “Felipe Benício Conduru”. Casou-se com o conterrâneo Professor Raimundo de Pelciano Carneiro, mudou-se para o Rio de Janeiro onde se bacharelou em Ciências Jurídicas e Social, com cursos posteriores de Decoradora Interior de Ambiente. Membro correspondente da Academia Sambentuense,



ANTONIO CARLOS PINHEIRO nasceu em 10 de janeiro de 1946. Bancário, advogado, poeta, ensaísta e articulista. Eis pequena mostra de sua produção lírica:

MINHA MÃE.

Ao me dares à vida, era teu plano
O de entregar um homem feito ao mundo,
E nessa meta foste, mãe, a fundo
Foi grande a luta, o teu labor, insano.

Descansa em paz, de ti não houve engano
Não saíste do posto um só segundo,
E, em honra do teu nome, estou lutando
Pra teu esforço sempre ser fecundo.

Mereces, por teus filhos, toda a glória
Heroína sem nome, eu te saúdo!

A cada apelo meu, estava pronta.

O sucesso, os acertos, a vitória...
Mérito todo teu, devo-te tudo;
Os erros? Esses são por minha conta.

A MEU PAI.

Para meu pai, que me falou um dia
Que fazer versos é do que gostava,
Este soneto vai sem melodia
Que sua rima caracterizava.

Amigo meu, com quatro anos ia
Com um resto de cigarro que fumava
...uma régua, três bolos ...nesse dia
Uma triste carreira se encerrava.

Rimava certo, métrica exigente,
E, crendo-me poeta certamente,
Do que sabia me ensinou diversos.

Macetes, regras, pra chegar à meta
E na esperança de que eu fosse poeta,
Me deu um livro: *Aprenda a fazer versos*.

SAUDOSO RETORNO

São Bento dos Peris: que eu hoje leio,
Água e vida - a desentranhar lembrança.
Álvaro Melo num volume veio
Trazer minha São Bento de criança.

Segundo que publica e nele alcança
O fim que se propôs, mostrar o meio
De cortejar a dama. Nossa herança,
Nossa São Bento, berço amado e seio.

Num filme, num desfile vêm imagens,
Saudades, areia, sol, grito, alegria,
De um tempo bom que ficou pra trás.

Página viro, notas e passagens,
Em minuto revejo cada dia,
Muito de min que já não volta mais.

CLEMENTE BARROS VIEGAS, nascido a 23 de novembro de 1945. Advogado, cronista, radialista, escreve em o jornal “O Progresso” de Imperatriz, a coluna dominical “*Caminhos por onde andei*”, com centenas de crônicas e artigos.

EM TEMPOS DE COCO E TUCUM

Naquele esticadão de meio de mato e meio do mundo, o povo se virava mesmo era na roça bruta, no sol quente, na dura luta do roçado e, de quebra, na “mancepa”, no pilão e na mão de pilão - de janeiro a dezembro, o ano inteiro. E quando lhe veio o direito ao “aposento”, aquilo sim, benefício e justiça social com sabor de libertação, alforria para os velhinhos envergados e vergastados da dura luta, da força bruta do sol a sol a sol.

Havia só meia dúzia que se livravam do sol bruto: era os “barraqueiros”, os alfaiates e costureiras e... os ambulantes. Barraqueiros eram pequenos negociantes que, à saleta de suas casas, punham uma pequena bodega de secos e molhados, com destaque para uma venda de pinga e cigarro em finais de semana. De sorte que tudo ali poderia ser jogado num jacá, nas costas do jegue a galope e não sobraria mais nada. Costureiras e alfaiates “formavam-se” ali mesmo e era só uns dois ou três. Os ambulantes vendiam redes e foguetes. Hoje são “fogos de artifício”. Havia também o “carapina”, feitos a enxó, serrote bruto e facão eram os nossos operários – que assim como os demais, tinham sempre “um pedacinho de roça”.

E assim, sem lápis e sem cartilha, “de mamando a caducando”, era tudo enfiado na roça. E, sua grande glória era ter, no jirau, arroz-em-casca para o bucho da família, outros tantos para a venda “no preciso”. E nesse mesmo paiol, o milho da “criação de terreiro” e, finalmente, bradar aos quatro ventos que não precisava comprar farinha. Ou, como no universo de sua concepção e um mais que princípio de vida: “farinha, é a mãe de todos nós”! Era assim a gente do meu lugar: marcada por essas agruras e outras tantas.

As casas, geralmente todas de palha (na parede e na cobertura), havia ali um grito de analfabetismo e pobreza, tocados a foice, patacho e facão. As mãos calejadas eram, porém vestidas do mérito do trabalho honrado e os pés rachados senão eternamente descalços deixavam os rastros de quem se orgulhavam da honradez. E assim criavam-se filhos e netos – e assim eram todos “*de mamando a caducando*”. Dentro de casa, as “móveis” de valor não iam além de um pote, uma banca de pau com quatro tamboretas; uma mala. E só para os mais aquinhoados: um petisqueiro, um cordão “de ouro”; e até um velho revólver ou um rifle papo-amarelo pendurados na parede. Esse era o retrato dos “possuído”, daquela gente. E, quem tinha dente de ouro? Esse então sorria com as paredes!!!

Naquele chão, havia um pedaço de desvalidos que mesmo tocando uma “rocinha” de sobrevivência, também escapavam na quebra de coco e tucum. Um trabalho como qualquer outro, mas para o sertanejo do meu lugar, aquele tipo de “escape”, era o fim da picada; um trabalho a que muitos viravam a cara e não se sujeitavam. Ou como diria o padre na desobriga: *já pensou???!!!* Hoje, interpretando, eu imagino que a cata e quebra de coco e tucum tinha lá sua humilhação; e ainda por cima “sem futuro” – principalmente para quem estava acostumado à foice, facão e sol bruto. E, se me permitem a comparação, era uma espécie de catadores de papelão e ferro-velho, do asfalto.

O que me traz tudo isso à tona, agora, é exatamente esse VENDAVAL enlouquecido que sacode a economia do mundo. Quebra de bancos, financeiras, do mercado imobiliário e que despenca bolsas de valores de todo planeta. E deixa as grandes potências do dinheiro e do mercado perdidos e sem saber o que fazer. Já pensou???!!! É que, naquele tempo, havia o sobe-e-desce do preço do coco e do tucum. Diziam até que o produto ia para o “estrangeiro”. Atacadistas sabiam por telegrama e “barraqueiros”, sabiam do aumento ou da “baixa”, pelo rádio. Eu era garoto, via aquele sobe e desce do preço do coco e do tucum e, como todos ali ficava igualmente perdido sem entender porque ora o preço “subia”, ora o preço “abaixava”. E até me perguntava o quê e por que aquilo ia fazer no estrangeiro!!!

Nesse sobe e desce dos preços, barraqueiros e quebradeiras de coco e tucum lá no mato, ficam só vendo o barulho do sobe e desce dos preços. Mas, ao que me lembro, havia momentos em que a quebra do coco não valia a pena e o tucum de uma amêndoa dura secundária e casca dura esse, então, pior ainda. Tanto assim que cascou fora do mercado. Hoje, quando vejo essa QUEBRADERA mundial, que mais do que nunca em toda a vida, sacudiu e sacode o dólar americano cuja moeda regula e submete a nossa moeda e de resto sacode toda a economia e lastros financeiros do planeta; do que eu leio e ouço; ouço e leio e fico pouco a nada a entender

essa QUEBRADEIRA. É bem aí que volto os olhos e o pensamento para aquele tempo da quebra do coco e tucum e fico sabendo pelo rádio, da dança (alta e baixa) dos preços.

Eu que faltei às aulas de economia política e direito financeiro em cadeiras da Faculdade de Direito, na velha Ilha Timbira permito-me a entender agora, nos desvãos do tempo e da mente essa oscilação da bolsa de valores; essa coisa de mercado que determina a economia; as exportações; o/s preço/s; a (des)valorização da/s moeda/s e daí a marcha para bicho papão da inflação. É bem aí que eu à distância, imagino por que subiam e baixavam o preço do coco e do tucum. Coco e tucum das quebradeiras. QUEBRADEIRA que agora nem é de coco nem de tucum, mas das bolsas de valores; dos mercados; dos bancos do mundo inteiro. Quebradeira, agora que não é de coco nem de tucum.

TEM MAIS COCO E TUCUM:

O trabalho de “quebração” de coco ou tucum era visto por ali como uma tarefa de terceira, porque todo o costume e meio de vida daquele povo era enfiado na roça, nos sanguais (espécie de lavouras secundárias - menores e “temporonas”), cujos trabalhos exigiam dedicação integral em sol-a-sol, da família inteira. Daí que a grande maioria daquela gente não dispunha de tempo para tais serviços. Daí um analfabetismo crônico e amargo que se espalhou naquele mundo sem porteira e a céu aberto.

O serviço de “juntação” de coco era cruel. Mulher e filhos com o jacá às costas enfiavam-se mato adentro, sujeitos aos infortúnios do matagal íngreme: tocos, tiririca, cobra, “tucanguira”, maribondos. E aventuravam-se de “coqueira em coqueira”, de olho comprido, em cujas aventuras, muitas vezes, sujeitas aos riscos, perdiam a picada (o caminho) de volta. E na volta? Aquele jacá pesado sobre cabeça de mulher e filhos, senão da mulher sozinha. Na volta caminho comprido, eis que um dia inteiro de “juntação de coco” pelo mato, quase não era nada. Mas era tudo o que se podia fazer. O processo de “quebração”, esse então um capítulo à parte! É a mão humana exposta entre o porrete (“mancepa”) e a lâmina do machado. Era a sobrevida de uma gente que não sabia o que era roubar, nem matar, nem assaltar. Nem pedir esmola.

E o tucum? Esse, então, era o fim da picada. Era um serviço visto como coisa de “quem não tinha o que fazer”. A sua coleta, ali sim: puro espinho! E a quebração? Pedra sobre pedra. Por vezes o tucum espirrava e haja canela e costela! E foi ali a nossa primeira noção sobre “bala perdida”. No meu sertão era assim: morria-se de analfabeto e envelhecia-se na pobreza, mas a honra, o nome limpo, coisa alheia, o respeito – esse em primeiro lugar. Os tempos mudaram!!!



ANTONIO CARLOS COELHO, nascido a 5 de setembro de 1949. Formação Escolar: primário, no Grupo Escolar “Mota Júnior” (São Bento); médio e científico – Liceu Maranhense; superior, em Ciências da Comunicação e Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Funcionário da UFMA, exerceu a Assessoria de Comunicação da UFMA Jornalista e advogado, conciliador de Pequenas Causas. Membro da OAB e auditor do Tribunal de Justiça de Futebol (FMD). Dirigiu o Informativo da UFMA. Tem artigos publicados em jornais de São Luís e nos de São Bento. Fundador da Cadeira 3, da Academia Sambentuense, patroneada pelo Deputado Manuel Ferreira da Mota Júnior.



ANA LÍDIA SANCHES DIAS CARNEIRO, nascida a 19 de abril de 1950. Fez o primário no Grupo Escolar “Mota Júnior” – São Bento. Continuou os estudos em São Luís, Bacharelou-se em Letras e Artes (UFMA), com formação pedagógica em Português, especialização em Linguística Aplicada – Gramática Gerativa Professora Português. Cursos de Aperfeiçoamento pela FMTVE: Impostação de Voz, Assistência Técnica de Produção, Produção de Programas, Orientadora de Aprendizagem e Dinâmica de Grupo. UNB/ABT: Didática, Conteúdo e Metodologia de Português, Fundamentos da Comunicação, Psicologia da Aprendizagem, Recursos Audiovisuais. Professora da UFMA, da UEMA, Dom Bosco e Gonçalves Dias. Foi membro do Conselho Estadual de Educação. Compõe a equipe de correção de provas de vestibulares da UEMA. De extrema modéstia, perdulária de talento, extravia seus trabalhos. Fundadora da Cadeira 7, da Academia Sambentuense, patroneada por Capitolino Lázaro Amorim.



Reginaldo de Jesus Beserra Melo nasceu a 25 de março de 1965. Filho de Everaldo de Jesus Melo e Ermecena Beserra Melo. Estudou o primário na Unidade Escolar “Mota Júnior”. O ginásio e o 2º grau, fez no Complexo Dom Francisco. Bacharelou-se em Comunicação Social – Jornalismo -, Na Universidade Federal do Maranhão. Funcionário concursado da Polícia Técnica do Maranhão, na função de perito em retrato falado. É caricaturista, compositor e poeta. Possui 9 cd's gravados, sendo 3 de músicas “pop bregas”; e 6 de carnavalescas. Destacada sua participação em 2012, no festival de músicas momescas, promovido pelo Sistema de Comunicação Mirante. É autor de 3 Cd's, todos sobre apelidos de são-bentuenses, intitulados Bloco do Animal.

ANA MARIA. Nasceu em São Bento, fez o primário no Grupo Escolar “Mota Júnior” e o magistério na Escola Normal “Felipe Benicio Conduru”, ambos em São Bento. O ginásio fez em Fortaleza. Em sua terra natal lecionou na Escola, Rural Newton Belo, Condessa Pereira Carneiro e Kiola Costa. Professora de Português e Geografia da Escola Normal, na qual ocupou o cargo de vice-presidente do Conselho. No Complexo “Dom Luís de Brito, exerceu o cargo de diretora adjunta e lecionou as ditas matérias nesse educandário, no Dom Francisco. Atualmente é professora de português do Ginásio “Pe. João Piamarta, curso fundamental e médio. Autora do livro de poesias “POESIAS!

CONVICÇÃO..

Certeza é
ver o sol nascer
na mesma direção
aquecendo a vida.

Certeza é
saber que o mundo
não para de girar
como um pião.

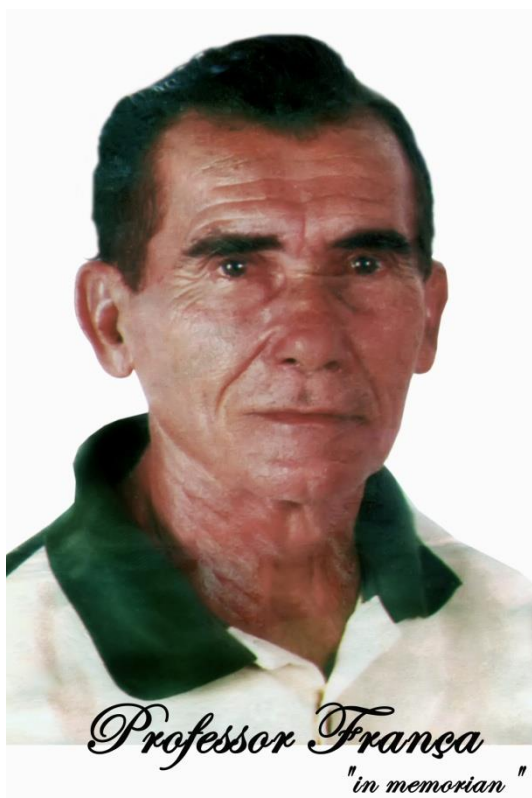
Certeza é
ouvir o ronco do mar
suas águas indo longe
mas sempre a retornar.

Certeza é
ver a chuva cair
fazendo a semente germinar
anunciando a vida.

Certeza é
ver que a obra do Senhor
está sendo destruída
pelo ser que ele criou.

PENSAMENTO.

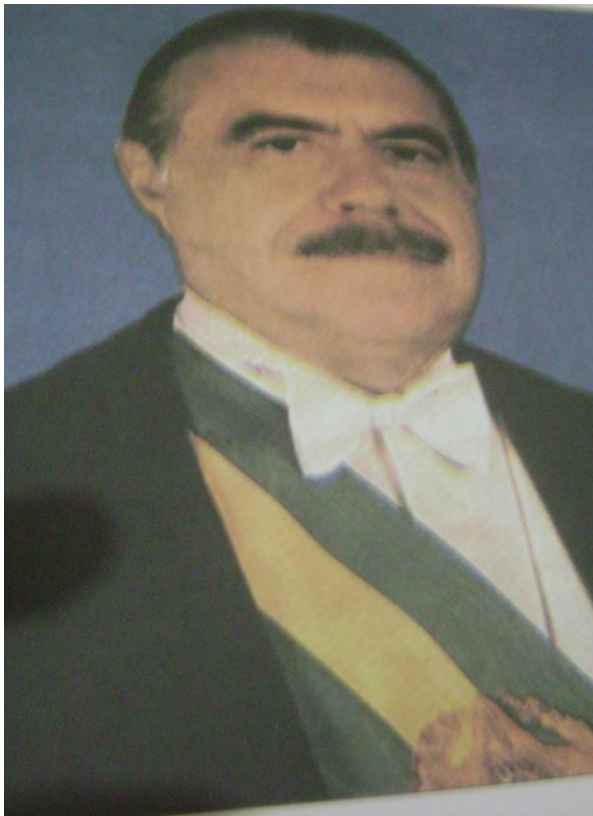
Quando eu penso
Que tu pensas
Que eu não penso
Em ti
Este pensamento
Me faz pensar
Que tu não pensas em mim.



Antônio Lisboa França nasceu a 27 de abril de 1932. Formação escolar em São Bento na Escola Boarneges Ribeiro, Paroquial e Mota Júnior. Ginásio e científico fez em São Luís. Bacharelou-se em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia de São Luís. Ciências e Letras, Licenciatura Plena e Cartografia, cursos de Extensão ao Folclore, OSPB, Educação Física e Estudos Brasileiros, todos pela UFMA. Em São Luís lecionou no Instituto Rosa Castro, Colégio Maranhense, Colégio Agrícola, Batista e Faculdade de Filosofia, no Curso da CADES. Foi o implantador e primeiro diretor do Complexo Escolar Dom Luís de Brito – São Bento. Filósofo, poeta, desportista e sindicalista. Fundador da Cadeira 33, da Academia Sambentuense, fundada por Walbert da Costa Pinheiro.

LOUVAÇÃO A S. BENTO.

. Poesias e crônicas de intelectuais maranhenses admiradores de São Bento.



JOSE SARNEY COSTA nasceu em Pinheiro a 24 de abril de 1930. Viveu parte de sua infância em São Bento, residência de seus e de toda sua ascendência paterna. Nessa cidade foi batizado a 8 de dezembro de 1930, estudou as primeiras letras com a professora Cota Teixeira, matriculou-se no Grupo Escolar “Mota Júnior”, quando obteve o certificado do 4º ano primário.

Este é um dos poemas alusivos a casa residencial de seus familiares, doada por ele ao município, quando da celebração do centenário de nascimento de seu pai, desembargador Sarney de Araújo Costa para servir de Casa de Cultura, denominada José Adriano Costa.

REVISITANDO A CASA DA INFÂNCIA, NO OUTONO.⁶

Na máquina que escrevo
o teclado
de santa alucinação.
sozinha brilha e aparece
entre tipos e aranhas
a amarga madrugada

⁶ Saudades mortas, p. 11, Ed. ARX, São Paulo, 2002.

do recordar,
Na terra em que meus olhos descobriram o mundo
abre-se
a flor da memória.
Verdes campos
em que me fiz igual a eles.
Surgem
nuvens, um pântano, uma cacimba.
Depois um velho poço.
O poço que amarga ao relembrar
onde enchi de água o balde ralado
pedras pretas, musgos do tempo
plantas penduradas que teimavam em crescer
nos encaixes das juntas de fungos negros.
Sapos boiando,
O lancear da corda trazendo o balde.
O poço não é poço
é um espelho
meu rosto copiado
nas águas guardadas
no fundo de mim.
Aparecem o pé de urucu
com as cachopas espocadas.
O meu pai a falar das coisas de Deus
meus irmãos com as pequenas mãos
entrelaçadas nas cantigas de roda
na pureza de que tudo seria eterno
e nada tombaria.
Os anos se escondem nas saudades
que desaparecem deixando apenas encantos.
Onde estão? Esmagados no silêncio.
Só tu, alma minha, tens ressurreição
que surge sem sol
cresce sem água, abre flores,
dá fruto e ilumina
esse travo do ter existido
na sombra da memória.
O padroeiro no altar.
A seus pés a oração
de implorantes perdões
por todos os pecados
que depois soubemos não eram.
Nas colunas pobres do templo
Cobrindo as pedras carcomidas
as tintas imitavam o mármore
esperança do fausto dos grandes santuários.
A Basílica de São Pedro
Não tem a beleza da cor da terra
da capela-mor da igreja
do Senhor São Bento.

Acorda, saudade do possível.
Abram meus olhos
Para ver estas sombras
da alma que corre em busca
de agarrar-me ao que passou, para fugir.
Casa de minha infância.
As janelas pintadas de azul
bancos toscos, mesas gastas
os gostos dos pratos de angu
de todos.
Meu avô, minha avó, meu pai
Minha mãe, meu irmãos,
o riso de festa
na algazarra daqueles dias
em torno dessa mesa de alegrias e mangas.
Aos meus olhos, boiava a felicidade eterna.
Lágrimas chegaram. Flores murchas.
Um corpo velado: José Adriano.
Foi o primeiro.
E começou o mistério do vazio.
Os anãos se foram amontoando no corredor
até serem tantos que não se pode ver.
A varanda é um longo espaço morto.

tudo é um instante
que sobrevive com lágrimas secas.
Não está morto. Vive eterno.
Volto a casa.
Posso vê-la aberta, janelas e portas escancaradas
O vento derrubando as mangas-caianas, a chuva
as biqueiras correndo
dos telhados envelhecidos
a água santa no sortilégio do amor passado.
Volto ao batente da despedida.
Olho para trás. .
O que viveu vive
e está morto
e foge dos meus olhos
e de minhas mãos,
as candeias de azeite
não iluminam mais.
Toda memória está cega
na saudade morta.
Eu mesmo não estou em mim,
liberto para sempre da felicidade

(mangueira onde dormiam as galainhas
e a horta onde as mãos de minha avó
esmagavam folhas de vinagreiras

onde o cavalo preto, Graúna,
relinchava com a descarga
das cargas de palmito.
Este a remoer
Acorda solidões esquecidas
Junto aos pés de figo, no limoeiro,
no pé de romã, a de grumos que
traziam a felicidade dos bons anos.
Encontro uma moça de cabelos longos
ajoelhada.
É minha rezando.
Meu pai a falar das coisas de Deus

**José Sarney é meu nome
com ele fui batizado
na Matriz de São Bento
onde também fui crismado
José Adriano o padrinho
Abaixo de Deus louvado.**

AMBRÓSIO LOPES MOSCOSO – 1895

VIAGEM DE RECREIO EM SÃO BENTO.

Me falta certamente
A frase bela, corrente
Dum escritor consumado:
Mas, enfim leitores tento
Deste passeio a São Bento
Vos fazer a descrição
Na mais fiel narração.

Mais meus leitores, confesso
Eu nunca vi coisa igual,
O vapor, bem dirigido,
Depressa foi impelido
Pelo meio do canal
Passando logo, ligeiro,
Pelo formoso mangueiro,

Desprezando este espantinho
Sem sequer tocar num galho,
O mangueiro feiticeiro,
Com seu porte altaneiro,
Ficou sem força moral,
Pensando haver embaraço
Ou o vapor não dá um passo
Ali parado afinal.

Como é belo ver, leitores
Do campo a imensidade
Com seu manto de verdores
Onde gozam a liberdade
As lindas aves vistosas
De cores mui da natureza,
S'esmerando com certeza

Fez do brilho sem rival
Uma obra original
Que nos traz extasiados
Pelo prazer embriagados
Por este quadro mimoso
Tão singelo e tão formoso.

Quando o vapor apitando
Foi a todos avisando
Ter chegado a salvamento
Lá na vila de São Bento
Era gostoso ver, leitores,
Com tão celeste harmonia,
Cantando belos louvores,
A Santa Virgem Maria,
As donas Cota Teixeira,
Mariana, Isabelzinha
E também a Antonia.



FERNANDO RIBAMAR VIANA nasceu em São José de Ribamar em 31 de outubro de 1904 e faleceu em São Luís a 14 de setembro de 1983. Médico, professor, político, poeta, sonetista, trocadilhista, jornalista. Trovador, membro das Academias Maranhense de Medicina, Trovas e de Letras, residiu e clinicou em S. Bento, terra natal de seus irmãos, pais, avós e bisavós.

Patrono da Cadeira 5, da Academia Sambentuense, quadro Correspondentes, fundada por Herbert Moniz Filho.

BEIRA DO CAMPO

(Especial para "Folha de São de Bento", Nº 3, de 25 de junho de 1961.

Aos cinquenta anos de idade, a tendência do homem é o retorno à infância. Daí porque, vencido essa etapa cronológica, não sosseguei enquanto não me passei, de armas e bagagens para a beira do campo onde atualmente moro, desfrutando um repouso que é apenas quebrado pelo ônus que comigo carrego, desde 1934 – a minha profissão.

Nessa decisão, que espantou a muitos e a que muitos não acreditavam, a “beira do campo” funcionou como o toque que fez disparar todas as energias movimentadoras da ação positiva.

A “beira de campo”... Aquela “beira do campo”, onde ainda hoje se encontra o armazém municipal, que, ao tempo se chamava “Tesouro”, da calçada do qual eu, menino de poucos anos, tentava pescar piranhas com uma tira de couro de boi, enquanto que outros, mais afoitos e que sabiam nadar, bracejavam até às “taboas” que marcavam o início da “poída” para S. Vicente.

A “beira de campo”, onde ficava a “Matança” – designação pela qual se conhecia, ao tempo, pequeno matadouro... A beira de campo dos fundos da casa de Raimundinho Silva. A beira do campo do quintal mal cercado de Cristovinho Martins, na Baixinha cheia de japiassoças barulhentas e assustadas, que eram um desafio constante à pontaria das minhas pedradas sem sucesso .. A beira de campo da Ilha das Cobras, tão longe da “Vila” e tão sedutora pelos cajus azedos que ela frutificava, em que pese ao perigo das “pintas” que ali infestavam...

A “beira de campo” – esta mesma beira de campo que eu passo o dia inteiro olhando da varanda de minha casa, marca o reencontro com a minha infância, num misto de evocação e de saudade – uma e outra enchendo de ternura o meu coração de homem grisalho, que ora marcho descuidado e feliz, ao dilúculo crepuscular, para o encontro definitivo com o mistério da Outra Beira, onde não há infância nem retorno à mesma, onde tudo é imutável e sereno, de beleza perene e grandiosidades eternas....”

Os beijos do Senador.

Há beijos grossos polpudos,
Distendidos e carnudos
Que até servem pra tambor.
Mas, pela minha estatística,
Nenhum com tal característica
Dos beijos do Senador.

São beijos de raro gosto,
Que no conjunto do rosto,
Imprimem graça e sabor;
São figas contra o quebranto,
Assim pendidas pra um canto,
Os beijos do Senador.

Por isso, aqui, neste poema,
Tenho a ventura suprema

De entoar o meu louvor
A essa excrescência anatômica
- Fina jóia fisionômica –
Os beijos do Senador...

Tem trabalhado demais,
Desde os tempos de rapaz.
De calça puída e sem cor,
Esses astros, da “Timbira”,
Asas doidas da Mentira,
Os beijos do Senador.

Na tribuna do Senado
Soltando o verbo espinafado
Seja lá contra quem for,
A congestão de eloquência,
Deve pôr em evidência
Os beijos do Senador.

Nos graves momentos, quando
Em funda cismas pensando,
Na quietude do sol-pôr.
Se é certo que eles esticam,
- De que tamanho não ficam
Os beijos dom Senador?

A pergunta é sem resposta,
Mas, aqui, para quem gosta,
Vai est'outra de valor:
-As verbas vindas pra o Estado
Quem é que mais em chupado?
Os beijos do Senador.
(Feliciano Ventura) – 30.9.1950.



Inácio Viveiros Raposo nasceu em Alcântara, a 16 de julho de 1875 e faleceu no Rio dia 22 de julho de 1944. Sua família teve fazendas em São Bento.

AS FLORES DO CAMPO

Lembras-te? O campo já brotava em flores,
Passavam pelo céu, cantando, as aves,
Era São Bento um reflorir de amores,
Mas de amores suaves. (referindo-se ao irmão).

Caro José Corsino, as laranjeiras,
Do parque abandonado então sorriam;
Nas compridas estradas as mangueiras
Entre aroma floriam;

Vinham da chuva as águas cristalinas
Encher os campos, refrescando os ares,
E um tapete de folhas pequeninas
Cercava os nenúfares.

Lembras-te? Às vezes, num batel de flores,
Íamos, ledos, pelo campo em fora,
Contemplando os puríssimos verdores
Beijados pela aurora.....
Dessas lindas paisagens, o desenho

Grasnavam jaçanãs, japiaçocas
Por sobre os mururus aveludados,
E os nédios bois andavam colmo focas
Nos tesos alagados.

E quando as auras da manhã corriam,
Tristes gemendo uma canção de mágoas,
As lindas flores do paul sorriam,
Carões passavam
E filas de guarás se distendiam:
Vin-vin, canários, bem-te-vis cantavam,

Valsando sobre as águas.
Bandos de garças
Sericoras gemiam;

Jandaias, papagaios, periquitos,
Saltavam sobre os ramos das jaqueiras;
Jacus e pequapás soltavam gritos
Nas rudes capoeiras;

Socós e arapapás se alimentavam
E negros uruás, nos lindos campos,
Pipiras e japins espicaçavam
Na selva os frutos lampos.

Mal o inverno sustava os seus rigores,
As chuvas suspendendo, o campo mudo
Começava a secar, perdendo flores,
Perdia-se quase tudo.

Rompendo o azul das regiões serenas
Iam-se as aves, procurando um lago,
Onde pudesses renovar as penas
Sofredoras do estrago.

Torna-se o campo um tácito deserto
Revestido de seca torroada;
De um pó cinzento o páramo coberto
Não conserva mais nada!

A luz ardente que do espaço jorra
O sol do meio-dia em rubra chama,
Queima as folhas das árvores e torra
A amarelada grama.

As verdes ilhas tornam-se em oásis,
Ostentando os paus-d'arco sobranceiros;
Sopram favônios tímidos, fugazes
Nas palmas dos coqueiros.

Neste luto feral da natureza
Chega a indigência às desoladas choças,
E os matutos começam na pobreza
A cultivar as roças.

No entanto, amigo meu, nas ardentias,
Queimadas pelo sol do sentimento,
Ficou minh'alma, como em caros dias,
Os campos de São Bento.

Dessas lindas paisagens o desenho
Da memória conservo, e na verdade,
Em vez das flores campesinas, tenho
As flores da saudade...

Em certo trecho do romance de sua autoria, *Vingança de Amor*, descreveu: “surgiu-lhe

neste instante aos olhos da memória um desses trechos divinos de paisagem campestre, que só mesmo **em São Bento é dado desfrutar-se**. Ao fundo da paisagem, um casinha branca, uma casa de forno, mais um engenho e um curral. Naquela terra bendita, naqueles campos enormes, onde se enfloram verdes nenúfares e as canaranas crescem nos tesos alagadiços, por entre os cantos das japieças garrulam e jaçanãs bravios; naqueles campos sem fim, onde desabrocham gapéuas cercadas de mumurus e orelhas-de-veado a se empinarem garbosas, ligeiramente roçadas pelas asas brancas das garças e pelas asas negras das graúnas; naqueles campos sublimes, que se transformam em lagos e desertos por obra da natureza. Rosa Clara sentira diversas vezes os dedos de Custódio procurarem os seus, num desses momentos felizes em que o ser humano se converte em anjo para ser ainda muito mais feliz que os anjos.

JOAQUIM RIBEIRO GONÇALVES nasceu no Amarante (PI), e morreu no Rio de Janeiro, quando senador pelo Piauí. Político, magistrado, poeta e escritor. Foi juiz Municipal e criador em São Bento. Autor da lei que elevou a Vila de São Bento à categoria de cidade e a criação do grupo escolar.

Quem nunca sentiu saudade,
Nem chorou um só momento,
Deixe um instante a cidade
E vá passá-lo em São Bento.

Ao depois de lá estar,
Se depois de lá sair,
Veja se sai sem chorar,
Veja se sai sem sentir!.

JOSÉ CARLOS CHAVES MILET nasceu em Codó a 17 de julho 1921. Viveu em São Bento dos 9 aos 14 anos, onde estudou.. Médico psiquiatra, formado pela FNM da Cruz Vermelha, no Rio de Janeiro. Professor de Matemática. Publicou um livro de poesia, intitulado *Bambaê & R. Quecê*. Todas as regionais são vivências no povoado São Benedito, no engenho de seu pai Miguel Milet. Muitas dedicadas a Raimundo Quecê, que diz lhe haver salvado a vida e que vivia com quatro mulheres, todas elas irmãs.

São Bento Velho!
São Bento Novo
onde vivi.
São Bento dos Trintas
São Bento dos Cebolas
com suas filhas desejadas por mim.

São Bento com sua igreja
que caiu um raio e nada aconteceu,
só derreteu um cordão no pescoço do prefeito.

São Bento do bagrinho
e da jaçanã.
São Bento do jejú
e do muçum com leite de coco.

São Bento de Maria Izabel
filha de Zozoca.
São Bento do padre Conduru,
São Bento de Zenith,
que brincava comigo de esconder,
filha de Zezico Mururu.

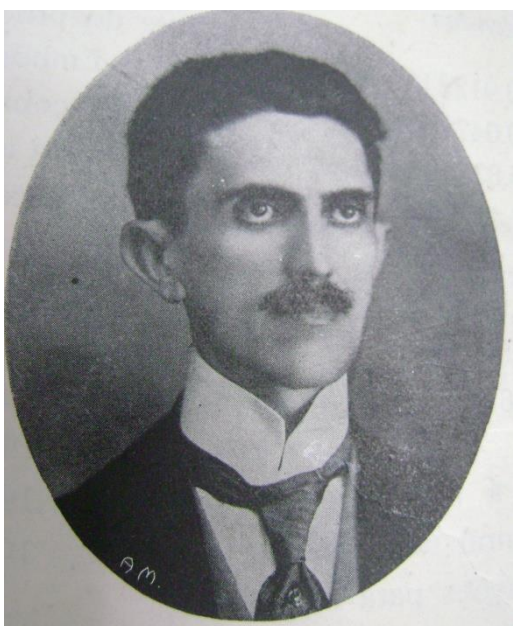
São Bento do candomblé de Cândido
e de Chico Paturi.
São Bento do manuê
e do buriti.

São Bento das minhas andanças,
dos meus segredos,
das minhas saudades!

São Bento do peixe tralhoto
com seu olho podoftálmico
que trepa em árvore
esperando a maré encher.

São Bento, já rezei nas tuas missas
Hoje rezo para a tua glória.

Pai Nosso....
São Bento Velho
São Bento Novo
não conheço o velho
vivi no Novo
....santificado seja o vosso nome.
Amém..



JOSÉ CARNEIRO DE FREITAS nasceu em São Luís no ano de 1879 e faleceu nessa cidade aos 8 dias do mês de julho de 1924. Coronel da Guarda Nacional, guarda-livros, parlamentar, secretário de Estado. Residiu onde foi comerciante.

Patrono da Cadeira 1, da Academia Sambentuense, quadro Correspondentes, fundada Raimundo de Pelciano Carneiro.

O SANATÓRIO MARANHENSE.

“Senhor presidente, um município existe neste Estado, que pela benignidade de seu clima, pela fertilidade do seu solo, pela hospitalidade dos seus habitantes, pela abundância dos seus produtos, pela excelência de alguns destes, que renome invejável conquistaram e mais pelo dote grandioso com a natureza pródiga não se fartou de cumulá-lo, cercando-o de várzeas ubérrimas e fertilíssimas, que a mão ignorante do indígena e o braço forte do capitalista, desconhecem-lhe o valor, porque senão o arroteamento intensivo do seu solo, já as teriam transformado em extensos arrozais, imitação do que faz a Califórnia em terrenos de estrutura idêntica ou pelo menos o seu aproveitamento para os campos de pastagens, já se teriam modificado para melhor, se a tudo isso de bom e de grande. E a todos esses predicados e ótimas qualidades, de uma dificuldade imensa não superasse e fizesse recuar todo o progresso tentado, como um obstáculo insuperável que precisa ser arredado, o qual é a falta de um porto em que todas as marés pudessem ser aproveitadas, pelo menos, por pequenas embarcações à vela que para ali navegam.”

Esse município, Senhor Presidente, é o Sanatório Maranhense, é o município de São Bento.

(Exórdio do discurso do deputado José Carneiro de Freitas, no Congresso Legislativo, sessão de 1º de março de 1916, ao apresentar projeto nº 12, para o alargamento e aprofundamento da Vala Conduru).



JOSÉ ERASMO DIAS, cururupuense. – Jornalista, escritor, político, orador. Jornal o Combate. Referindo-se aos campos de São Bento.

“Quando as águas descem na vazante dos grandes rios, e nos lagos circunvizinhos flutuam os balseados floridos de nenúfares, no esplendor da primavera, que sucede à desolação da monotonia hiberna, o céu, muito azul e escampo, na glória de sua luminosidade tropical, se enche de arruídos festivos, de tatarar de asas, com a chegada das aves, na sua grande confraternização. Cantos suaves, trinados e pios se misturam à visão policrômica na grande festa do amor.”

MANSUETO DE MORAES – Filho de Celino Porciúncula de Moraes. Passou a infância em São Bento. Poeta, musicista e compositor. Faleceu no Rio de Janeiro.

PAI.

Geme no gonzo a porta da velhice,
Por ela entrando um vulto de bondade
Vejo - é meu pai que deixa a mocidade,
Mas de alma jovem, qual na meninice.

A cruz da vida vai – como se risse

Dos sofrimentos – com alacridade,
Enfeitando com flores de hombridade,
Sabedoria, amor, gênio, meiguice...

Quando ao sidério reino tu passares,
A natureza, pai, tudo que existe,
Chorar-te-á a rorejar pesares....

Que grande falta tu farás aqui!
Como a Alegria ficará tão triste...
A Inteligência enuiuvará de ti.

OSCAR DE CARVALHO, (bacharel) nomeado promotor público de São Bento pelo decreto de 4 de julho de 1931 e exonerado em 14 de março de 1932. Escreveu esta bela crônica:

A CIDADE DOS CAMPOS VERDES

São Bento! Terra simpática
O sol faísca no meio do céu.
Escalda.

Como o dia surge lindo, derramando luz e soprando o pó das folhas, tudo se anima e tudo quer viver! Como é adorável da cidade a península verde!

São Bento! Nas ruas alinhadas o mormaço queima.

A cidade ergue os seus longos braços de carne para abraçar a vida, que nasce do esplendor do sol, alaranjados braços possantes a alongar por essas ruas largas da Felicidade em busca de outra vida que é o progresso;

São Bento!... Terra dos verdes campos!

Como és bela!.....

Vem à noite.

A natureza suaviza.

O perfume das flores, num bailado de sonhos e numa linguagem votiva, volta o pensamento para os dias tristes que passaram, choro, rio e canto, fico emudecido por que bem sei que o tempo que já passou não torna mais, e os dias que hão de vir maiores recordações me trarão a alma !

São Bento! ... A cidade simpática levantada no seio verde do campo!

Minha alma de joelhos te saúda.

– Professor José Ribeiro do Amaral nasceu em S. Luís, a 3 de maio de 1853 e faleceu nessa cidade, a 30 de abril de 1927. Um dos fundadores da Academia Maranhense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão.

....” o seu aspecto varia de segundo as estações: no verão apresentam uma perspectiva pardacenta pela seca dos pastos, e de longe em longe umas como oásis, chamadas de melas, para aonde acodem os gados a pastar. As manhãs são então lindíssimas e frescas até preto das nove horas; o meio dia ardente, e com uma reverberação de luz tão forte que deslumbra, e os olhos fatigados crêem ver, quando se estendem por essa imensa planície, as ondas de um mar em contínua oscilação; as tardes são apazíveis, e

convidam ao passeio pelas margens dessas campinas, orladas pelos verdes palmeirais de mistura com os pau-d'arcos cobertos de suas flores amarelas, e outras árvores que as têm tão purpurinas e brilhantes noites que se diriam cobertas de guarás. As noites são quase sempre iluminadas pelos fogos dos campos, que então semelham vários lagos em chamas....”

Almanaque do Maranhão, III – Município de São Bento, páginas 35 a 49, ano 1861. Tipografia Frias.

Júlio Lopes, compositor de escola de Samba, nascido no Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1945. (Quando delegado de Polícia de São Bento).

São Bento.

Minha terra querida

No peito um gemido

Me lembra você.

São Bento

Das noites de festas

Das lindas serestas (Bis)

És toda meu ser

Se é inverno – eu tô

Sou pescador

Se é verão meu amor

É o coração

São Bento

Das noites de festas

Das lindas serestas (Bis)

És toda meu ser

Que canta e dança boi

No São João

Todo enfeitado

Vibrando de emoção.

São Bento

Das noites de festas

Das lindas serestas (Bis)

És toda meu ser

E as barraquinhas

Lá na praça iluminada

E a cidade cantando

Engalanada.



Elisabeto Barbosa de Carvalho nasceu no Amarantes (PI), em 11 de novembro de 1886. Promotor e Juiz Municipal desta Comarca. Foi, deveras, o grande cronista da sociedade de São Bento, do 1º quartel do século XX. Muitos desses primorosos escritos estão em poder do autor deste trabalho, **alguns publicados** em seu livro “São Bento dos Peris – água e vida.

AS SURPRESAS.

Não havia iluminação pública em São Bento, embora no governo municipal de Cristóvão Pedro Serrão Martins – o Cristovinho – haja sido inaugurada a luz acetileno na cidade, iluminação, de que percorria os municípios em propagando, o cidadão Francisco Nóbrega alcunhado de “O Carbureto” que era a matéria inflamável da luz quando adicionado a água, mas que fora de mui pouca duração, não somente em São Bento como nos demais outros municípios por onde “O Carbureto” esteve.

Desta forma, continuou São Bento às escuras, como ainda se encontra presentemente.

A vida noturna, portanto, na terra são-bentuense, não existia. Cinemas, boas sociedades recreativas, mesmo as desportistas, ainda eram coisas, de que ninguém cogitava. .

Não se via, por isso, gente nas ruas, a não ser uma ou outra pessoa que na “boca da noite”, de farol “prova de vento”, a mão, cumpria o seu dever social da visita de algum amigo.

Os nossos jovens dos verões de São Bento substituíam as suas distrações das palestras das casas familiares, nas noites de escuro, aos sábados, por uma festa dançante.

Estavam em voga, no Tempo, “as surpresas”, que consistiam na promoção de um baile inesperado, não anunciado, em uma das casas, de família, previamente escolhida, e a completa revelia dela, em as quais, as primeiras horas da noite, davam entrada rapazes, senhoritas acompanhadas da orquestra, e ainda de condutores de grandes cestas contendo bolos, frutas, doces, açúcar e café torrado, para os convidados, cujos

principais eram os donos da casa. E assim, tudo corria bem, sem nenhuma despesa para o dono do baile.

Nessas brincadeiras, nunca estavam ausentes, o tabelião Bernardino da Silva Brito Neto, e o tenente Inácio José da Rocha, velhos amigos, que se confundiam com os moços no entusiasmo, e, de acordo com os dois, eram escolhidos as casas para o improvisado baile, de maneira que nenhuma delas escapava dessa alegria dos rapazes e senhoritas.

Em verdade, os chefes de família não se mostravam contrários as “Surpresas”, mesmo por que, não há negar, eram festas a que a mocidade imprimia um cunho de encanto original.

Necessário assimilar que para a “invasão” das casas dos saraus, havia sempre um motivo justificado: aniversário de nascimento de qualquer pessoa da família, parente ou não; aniversário de casamento, de batizado, de primeira comunhão ou qualquer outro motivo de somenos importância.

O sarau não ultrapassava das duas horas da madrugada, e muitas vezes, no fim do baile, assentava-se a escolha da casa para a “surpresa” do próximo sábado.

Eram as melhores festas da sociedade são-bentuense da época. Nelas estreitavam as famílias os laços de cordialidade. Festas de admirável simplicidade, sem a preocupação de toalete, dava a impressão de que todos os que nelas se achavam pertenciam a uma única família, revelando os mesmos sentimentos na expansão das alegrias e afeto.



CELENE RAPOSO de AQUINO nasceu em Carolina a 14 de novembro de 1937 e estudou todo o primário em São Bento, no “Mota Júnior”. . Pedagoga, poetisa e

contista. De seus contos, de Mascarada carnaval e o Homem que virava porcos, assim como o livro de memória “Buritirana” são referentes a São Bento.

A Mascarada Especial !

Corria o ano de 1950.

.....
.....
Ao lado disso tudo, as nossas tradições permaneciam em suas mais puras manifestações. Eram os festejos de São João, as comemorações do Natal, com a diversidade de armações de presépios, festas de largo das igrejas e o carnaval, além do bumba – meu - boi e outras danças e festejos do nosso variado folclore.

No carnaval, os grandes bailes somavam-se a outras brincadeiras. Os “assaltos” eram realizados por grupos animados que escolhiam residências de amigos para invadirem-nas, cantando e ali permanecendo por muitas horas, dançando ao som de orquestras ou de conjuntos musicais. Os blocos carnavalescos e as brincadeiras de rua, como os “blocos de sujo”, completavam a animação. Mas o grande lance eram as fantasias, destacando-se fofão, “cruz diabo”, colombina, arlequim, pierrô e dominó (esta só permitida às mulheres e comendo blocos extensos).

Os bailes carnavalescos aconteciam em residências, clubes ou em outros ambientes propícios. Afora os bailes “sociais”, na maioria a entrada era paga. Havia o baile de primeira, o de segunda e o de terceira classe. Os preços variavam da maior para a menor classe, sendo o de terceira o mais barato.

Naqueles anos, na São Bento de belos campos - situada na Baixada Maranhense - como em todas as cidades do Interior, as lideranças maiores eram o Prefeito, o Padre, o Juiz, o Professor e o Farmacêutico que atuava também como médico, muitas vezes salvando vidas.

Havia ali um famoso baile de máscaras, de segunda classe, em que, como era convencional, somente as mulheres tinham o privilégio de usá-las, o que, de certa forma, lhes era benéfico por preservar-lhes a identidade, uma vez que suas freqüentadoras não eram bem vistas pela sociedade. Como a fiscalização sobre quem estava por trás da máscara não era tão rigorosa, alguns homens se atreviam a tal usança, disfarçados de mulher, havendo mesmo casos muito pitorescos, contados a esse respeito.

Antenor (Nonô, como carinhosamente o chamavam), era um jovem senhor, filho de um juiz aposentado que servira na Comarca do município; estudara em Recife, formara-se em Direito e era pai de três filhos. Maria, sua esposa, era filha de próspero comerciante da cidade. Cursara o ginásio em São Luís, e, ao voltar conhecera aquele que seria, um ano mais tarde, seu marido. Não era feia, sua beleza era realçada por louros cabelos cacheados, boca bem feita, altura de 1,65m, aproximadamente, “corpo de moça”, apesar dos filhos. Sua casa tinha um aspecto ordeiro e agradável, transvazando, seu lar, a ambiência de uma união saudável.

O fraco de Nonô era o futebol e não dispensava uma festa de carnaval, para “apenas se divertir” nos bailes de segunda. Gostava também de se reunir com os amigos nos finais de semana para tomar o que classificava de “uns aperitivos”. Com a

família, eram os passeios a cavalo, a missa aos domingos com Maria. As crianças eram pequenas e ainda não podiam acompanhá-lo ao futebol dos domingos à tarde. Naquele ano, Antenor tomou a decisão de participar do carnaval em todos os sábados que o antecediam.

Nos meses que vão de janeiro a junho os campos de São Bento, no auge do inverno, se transformam em um “oceano de águas doces” e, já na baixa, em um imenso pantanal, onde os tabuleiros verdejantes e os igarapés margeados de aninga, arroz bravo, junco, capim e canarana, resplandecem na paisagem que se encontra com o céu, na linha imaginária do horizonte. Garças brancas, guarás vermelhos, jaçanãs, japiaçocas, arapapás, gaivotas e inúmeros outros pássaros esvoaçam na amplidão do campo ou contornam o verde à margem de um cenário de canoas ou cascos singrando águas - cobertas de aguapé e mururu – ladeadas não muito próximo, por esparsas casas de palha, os “retiros”, erguidas sobre estacas, para criação de porcos e de patos.

Em um sábado das primeiras festas, Nonô dirigiu-se ao clube do famoso baile de máscaras que sempre freqüentara. Após encontrar-se com alguns amigos, procurou “sentir o ambiente”, como era seu costume. Ao transpor um dos salões, no meio de muitas, deparou-se com uma “mascarada” de porte esbelto, alta, bem vestida e elegante, distinguindo-se das demais.

Depois de algum tempo, notou que ela não havia dançado com ninguém, apesar de parecer ter causado à maioria a mesma impressão, tantos eram os que a assediavam com o olhar.

Já bem mais tarde, com o desejo de ser notado, ao passar por ela, foi surpreendido com um pedido de informação sobre as horas. Isso serviu de pretexto para que ele, lisonjeiramente, se dirigisse a ela perguntando-lhe se estava preocupada com algo, assim como ter que voltar mais cedo para casa, já que parecia estar sozinha. E, lamentando, em tom de brincadeira, não dispor de um meio de transporte, colocou-se à disposição para acompanhá-la se assim precisasse.

- Não, obrigada, respondeu-lhe com aquela voz afinada de carnavalesca.

- Você está sozinha?

- Sim, e é a primeira vez que venho.

- Eu gosto muito de carnaval, mas não sei por que hoje não estiou muito animado, disse ele.

- Ah! Eu até que estava, mas um calo daqueles quase não me deixa andar...

Nisso, um colega, o Mário, acena para Nonô, chamando-o, postado junto ao balcão do cômodo do lado oposto. Ele pede licença e vai até lá.

Distrai-se conversando e esquece, por instantes, o diálogo com a desconhecida. Quando se despede do amigo, a orquestra tocava o Zé Pereira. Lembra-se da mascarada. Procura-a com os olhos, percorre outros salões. Não a encontra. Tocam os últimos acordes. A festa termina.

No sábado seguinte, e nos demais daquele mês, voltou ali. Como nos anos anteriores, dançou, brincou, divertiu-se: sozinho, com alguma folia mascarada ou com os amigos, “puxou cordão”, bebeu.

No mês seguinte, quatro semanas antes do carnaval, lá estava ele. “Chiquita bacana lá da Martinica/ Se veste com uma casca de banana, nanica/ Não usa vestido,/ não usa calção”... “Se você fosse sincera/ Ô, ô! Aurora! / Veja só que bom que era / Ô, ô, Aurora!”... “No Tirol, no Tirol / Só se canta assim/ Lero, lero ô /Lero lero ô/ E o samba aqui é diferente/ Canto e danço até o sol raiar”... - Ô jardineira/ por que estás tão triste ? /Mas o que foi que te aconteceu? / - Foi a Camélia que caiu do galho/ deu

dois suspiros e depois morreu/ - Vem Jardí-nei-e-ra, vem meu amor/ Não fiques triste, /que esse mundo é todo teu/ Tu és muito mais bonita/ que a Camélia que morreu”... Eram os cantos dos carnavalescos, acompanhados da orquestra que, por meio da tuba, saxofone, clarinete, trompa, trompete, trombone, bandolim, banjo e bateria, dava seu ritmo momesco àquele ambiente, espargindo-se à rua escura, que somente réstias de luz iluminavam, vindas de um candeeiro ou petromax, por entre frestas das portas e das janelas, de casas entreabertas.

Dirigindo-se ao balcão do bar, Nonô vê-se de frente com alguém muito parecida com aquela a quem definira para si como a “mascarada especial”. Para surpresa sua, ela o cumprimenta e diz-lhe:

- Olá, carnaval! Há quanto tempo?
- Quanto tempo digo eu... Onde você andava?
- Ah! Eu não pude vir.
- Mas por quê?
- Oh! Você não entenderia...

Inúmeras dúvidas passaram pela cabeça de Nonô. Ela não é daqui... Se é, seu pai certamente não concordaria que viesse a uma festa dessas! Deve ser casada. O marido deve estar viajando, antes ele estava na cidade e isso explica porque ela sumiu algumas semanas. Lembrou-se de antigas namoradas. Duas delas o marcaram muito. Cândida, seu grande amor, morava na fazenda do pai, “pros” lados da Conceição. Eram muito jovens na época. Algum tempo depois, ela casou com um americano, em São Luís, e foi morar nos Estados Unidos; Benta casara-se com “João do Campo” um produtor de queijo de São Bento e fora, mais tarde, de muda para o São Bento Velho.

Ela, então, pergunta-lhe:

- Você não dança? E ele retruca:
- Se for com alguém como você...

Daí ficaram juntos o tempo todo. Dançaram, pularam, beberam, ele, umas cervejas e ela, guaraná (o copo por baixo da máscara).

Perguntada sobre seu nome, a mascarada pediu-lhe que deixasse para mais tarde, que lhe permitisse o anonimato por algum tempo, pois era carnaval. Ele, então, contentou-se com a perspectiva de poder deixá-la em casa e, quem sabe?... No caminho haveria tempo para conhecê-la melhor e até ver aquele rosto que lhe parecia tão belo e era escondido sob a máscara...

Sua decepção foi maior, ainda, quando, ao retornar do banheiro, uma hora antes de a festa terminar, e, mais uma vez, não encontrar a mascarada, saindo a procurá-la em vão, como o fizera da vez anterior.

De repente, ele se surpreendeu pensando em coisas em que não deveria... Suas saídas, de antes, não tinham outro sentido, queria apenas espairecer. Era um homem casado, tinha mulher e filhos e os amava muito...

A semana decorreu um pouco lenta diante da expectativa de um novo encontro. No sábado, lá estava ela. Veio encontrá-lo toda afável e despistou o quanto pôde, diante das tentativas dele para que justificasse seu comportamento. Divertiram-se mais ainda naquela noite. A postura incomum daquela mulher despertara uma grande atração em Nonô, que sentia também ser por ela correspondido. Algumas vezes ele se pegara lembrando aquela silhueta de músculos firmes, que lhe parecia de um corpo bem feito. As mãos, cobertas por luvas pretas, eram calorosas. Ficar juntinhos transudava tudo aquilo que estavam vivendo naqueles momentos.

Achando que desta vez era diferente, um pequeno descuido, e ele foi surpreendido pela ausência de sua “Cinderela”.

As chuvas de março lavavam as ruas, deixando a areia branquinha entre pequenas touceiras de capim e fios d'água a escorrer entre pedregulhos. No chão batido, o fojo traiçoeiro sugava, dos pés, os chatatós, atolando as pernas até os joelhos... E ficar descalço muitas vezes era o jeito !...

E veio o Carnaval! Encontraram-se no "sábado magro", no "sábado gordo", no domingo, na terça-feira. Houve um acerto prévio de que ela precisaria sair mais cedo, exceto no último dia. Para Antenor, pensar nas conseqüências para sua vida e de sua família eram questões que o afligiam muito, quando voltava para casa e encontrava sua mulher e filhos inocentemente dormindo. Mas, pensava: deixa pra lá, essas questões ficariam para depois.

Na terça-feira, a ansiedade era grande. Tinha de cercá-la de todos os meios para que não fugisse. Afinal, depois disso, ela não teria mais a máscara de sempre para identificá-la e tudo poderia se transformar num grande mistério. .Acalmando-o, ela prometeu-lhe que aquela não seria como das outras vezes. No final, teria que lhe revelar o rosto para que tudo não acabasse ali.

E ficou com ele até o fim. Terminada a festa, saíram juntos. Ela lhe assegurara que o deixaria levá-la em casa. Quando saiam, o repicar dos sinos da Igreja de São Bento anunciavam a Quaresma, eram 12 horas, iniciava-se a madrugada da Quarta-feira de Cinzas.

Estavam tensos, afinal o momento decisivo para ambos se aproximava. Queriam aproveitar mais aqueles momentos, não importava a caminhada. Ao cruzarem com algumas pessoas, a Nonô ocorreu a lembrança da possibilidade de alguns comentários já estarem grassando na cidade.

Nisso, lembra-se de Ivinho, um conhecido gay que morava ao lado de sua casa. Adorava fantasiar-se de mulher e desfilar pelas ruas no carnaval e, por ser bem "aparecido", já levava muitos a confundi-lo com o sexo de suas personagens. Era dono de salão de beleza e, diziam, de lá saiam os grandes boatos da cidade. Se durante os dias de Momo gostava de desfilar nas ruas, à noite sempre ia ao clube que ele, Nonô, freqüentava e, mesmo quando ia de máscara, pelo seu estilo e andar, ele sempre era identificado. E, com alívio, lembrou-se que, naquele ano, não o vira na rua, nem por lá.

Eis que após andarem algumas quadras, já no outro extremo da cidade, ela sugere que dobrem uma esquina. Ele se detém um pouco, ao perceber a proximidade com sua casa. Ela insinua que devam continuar.

Nisso já estão bem próximos, na calçada. Ela toma-lhe a mão, desce do salto "anabela" e pede que lhe tire a máscara. Ao executar esse ato, surpreso, Nonô exclama: Maria!

Tempos depois toda a cidade soube da separação do casal. Antenor não aceitara que sua esposa tivesse, mesmo com ele, comportamento que era próprio das "outras"...

No entanto, para Maria, apesar da "infidelidade" constatada, fora uma oportunidade, ainda que por uma fantasia, de passar com seu marido momentos de envolvimento, que gostaria que fossem sempre, não importando se fossem os últimos, por já serem tão escassos e sem a magia de antes, no dia a dia do seu "estável" casamento.



CAMILA FERNANDA FRANÇA DIAS, nascida a 12 de novembro de 1995. Poetisa infantil, publicou em 2007, nas solenidades da 2ª Semana da Primavera da Academia Sambentuense, sua primeira obra - “Meus poemas e Pensamentos”..

QUEM EU SOU?

Eu sou alta!
Sou bonita....
Eu sou verde,
E também marrom!

Em mim, tem verde claro,
Tem verde escuro...
Eu sou esverdeada,
E também amarronzada!

Tenho muitas folhas brilhantes,
Folhas lindas...
E flores impressionantes!

A estação em que minhas folhas caem, é o outono.
As estações das minhas flores é a primavera!
Onde me encontro?

Encontro-me em florestas
Em bosques,
E jardins.
Estou em todos os lugares!

Quem eu sou? – Eu sou a árvore.

PROFISSÃO DE AMOR..

“De tais homens ilustres
Seja o mundo povoado
De Homero a Suetônio
Que tantas coisas nos contaram
Relembraremos, de gregos e troianos,
As lutas que travaram
Seja povoado de história
De lutas pela liberdade
Que haja sempre nobres homens
Quem “como vós, até nós as tragam.”

Que do passado ressurjam os bravos
Heróis cujo sangue e suor derramados
Sejam tintas no papel estampadas
Através dos dedos e de uma mente sábia
Destes grandes homens da história
Artífices de um distante outrora.

Estes tais homens, que aos estudos dados,
Por noites de insônia e trabalho árduo
Trazem à tona segredos guardados
Mistérios em cada azulejo nas fachadas
Por entre as linhas de cada carta
Descobrem o que, de olhos humanos,
Mantiveram-se intocados.

Mestres da cultura e dos costumes
Que tem no tempo, sua matéria prima,
Não palpável testemunho no vivo,
Nos monumentos e estátuas.
De épocas remotas de que não há relatos,
Mas que através dos olhos puros destes sábios
Tornam-se fiéis retratos do passado.

No mais, não invejamos aqueles de lá
Tais outras terras que há além mar grande.
Se seus filhos cantaram as belas formas
De sua fauna, flora e os fatos históricos
Temos também aqui homens dedicados,
Que dão ao mérito a esta natureza emudecedora!

Dedicamos-te, querido maranhense
Que assim como nós, filhos deste solo
Através de seu leite e de seu mel alimentados,
Criarem este vulto, agora de cabelos grisalhos.
Pois és, exemplo desta nobre missão, não fado
Retratam as glórias de um distante outrora
Para que num porvir que está à porta
Relembraremos as coisas do nosso torrão amado.

Seja tua obra, eterno Álvaro
Estandarte erguido sobre esta pátria
Acervo de nossas histórias e fracassos,
Que aos olhos futuros lancem luz, fulgosa
E que digam aos vierem e a nós agora
Vivas tu, Caro Álvaro Urubatan Melo,
Vivas eternamente em nossas memórias.

Este poema é de autoria, do aluno Clayton Domingos dos Santos Campos, do Centro de Ensino Dom Francisco, membro da Academia de Cultura da Juventude São-bentuense, declamado e oferecido ao pesquisador Álvaro Melo, quando da “Semana Procurando Talentos”, promovido pelo Complexo “Dom Francisco”

É prometedor o futuro das letras e artes de São Bento, motivado pela instalação da Academia Sambentuense que escancarou a porta da glória a talentosos jovens sedentos de oportunidades para extravasarem suas adormecidas potencialidades.

Acreditando na capacidade do nosso estudantado, instituímos o Concurso Literário “Professora Rosa Castro”, com a participação espontânea de 47 alunos de todos os colégios. Louváveis trabalhos que à Academia faltou condições de publicá-los.

Insistindo nessa crença, fundamos a Academia Cultura de Juventude, cujos membros escolhidos pelos professores das escolas, mediante a seleção de trabalhos apresentados. De logo foram revelados nomes com pendores extraordinários para seus propósitos. Para consumir nossos anseios, instalou-se em bendita hora, o proveitoso e louvável “Projeto Viva Cidadão”, que para nossa graça é dirigida por duas brilhantes são-bentuenses: Dra. Graça de Maria Pinheiro dos Santos Jacinto, sua dinâmica diretora; sua irmã, confreira do nosso sodalício, a Dra. Mirian Leocádia Pinheiro Angelim, Coordenadora de Implantação do Núcleo Cultural do Centro de Fomento. Valiosa participação do coordenador de Projeto, Dr. Hélio Teixeira Leite e do Professor Elvys Rivelino Barros Melo. Do decidido apoio da Prefeitura, via das Secretarias de Educação, de Cultura, pelas titulares professores Maria da Conceição Viana Moniz e da Vanda Barros. Dos diretores das unidades escolares e dos educadores,

Esse vitorioso projeto, A HORA das LETRAS, com outros parceiros, dos quais a Academia Sambentuense e a Academia de Cultura da Juventude, lançou o soberbo e eternamente histórico livro SÃO BENTO dos PERIS “Eu Conto a Tua História”.

Com certeza essa inolvidável obra é o registro de nascimento que oficializa os vultos que sairão de ,seus setenta e nove participantes para o mundo das celebridades. Indubitáveis poetas, cronistas, pintores, músicos que preservarão o conceito desfrutável do nosso município no contexto da intelectualidade do Maranhão.

Há bons, maravilhosos trabalhos literários, artísticos da lavra desses incipientes meninos dignos de incentivos, de melhores orientações que a Academia e o Viva Cidadão devem fazê-los.

Espera-se que os críticos, contumazes perfeccionistas não busquem logo neles a notabilidade de consagradas figuras brasileiras, maranhenses e são-bentuenses. O chão em que nasceram é uma fértil leira. O passado e o presente atestam. Eles, o porvir, começa corroborar.

Para encerrar – o cantinho do vovô coruja.

Rafaela Maria, a neta, a princípio desejava ser médica pediatra. Dedicou-se à pintura com muitos quadros, por sinal de elogiáveis belezas. Aprendia tocar violão, abandonou-o pela guitarra. Aos quinze anos, optou pelo jornalismo. No ramo das letras, em parcerias com colegas, publicou livretes. Ao festejar os quinze impôs condições: dispensava apresentação e escolheria todos os convidados. No dia surpreendeu-nos com este escrito por todos desconhecidos, guardado a sete chaves. , .

